

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
MONOGRAFIA PARA DIPLOMAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
COM HABILITAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**Da rua ao Congresso: uma análise etnográfica da Marcha da  
Maconha DF e da política sobre o tema no Congresso  
Nacional**

Yuri Bianna Fidalgo Corteletti  
Orientação: Daniel Schroeter Simião

Brasília  
2015

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA  
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS  
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA  
MONOGRAFIA PARA DIPLOMAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS  
COM HABILITAÇÃO EM ANTROPOLOGIA

**Da rua ao Congresso: uma análise etnográfica da Marcha da  
Maconha DF e da política sobre o tema no Congresso  
Nacional**

Yuri Bianna Fidalgo Corteletti

Orientação: Daniel Schroeter Simião

Monografia apresentada ao  
Departamento de  
Antropologia da Universidade  
de Brasília,  
como parte dos requisitos à  
obtenção do grau de bacharel  
em Ciências Sociais com  
habilitação em Antropologia

Orientador: Profº Daniel  
Schroeter Simião

Brasília  
2015

Yuri Bianna Fidalgo Corteletti

Da rua ao Congresso: uma análise etnográfica da Marcha da  
Maconha DF e da política sobre o tema no Congresso Nacional

Monografia apresentada ao  
Departamento de  
Antropologia da Universidade  
de Brasília, como parte dos  
requisitos à obtenção do grau  
de bacharel em Ciências  
Sociais com habilitação em  
Antropologia

Orientador: Prof. Dr. Daniel  
Schroeter Simião

Aprovada em \_\_\_\_/\_\_\_\_/\_\_\_\_

BANCA EXAMINADORA

---

Prof. Dr. Daniel Schroeter Simião - UnB  
Orientador

---

Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Christine de Alencar Chaves - UnB  
Examinadora Interna

Brasília-DF  
2015

## **Agradecimentos**

Gostaria de agradecer principalmente a todos os organizadores da Marcha da Maconha DF pela total colaboração com esta pesquisa.

Ao meu orientador Daniel Schroeter Simião, por abraçar esta pesquisa e fazê-la ainda maior.

À professora Cristina Patriota de Moura, pela ideia de fazer da Marcha da Maconha objeto de pesquisa.

Também a todos meus colegas de graduação que fizeram parte deste projeto me ajudando a gravar os sons e imagens durante a Marcha da Maconha 2014, o que foi de extrema importância no processo de elaboração desta monografia.

À minha companheira e mãe do meu filho, Renata Schelb, pela paciência e compreensão durante o processo de elaboração desta monografia.

Aos meus pais, Márcia e Vlademir, que apesar das minhas escolhas e das dificuldades da vida, sempre estiveram ao meu lado.

## Resumo

Este trabalho tem como objetivo demonstrar um pouco das discussões envolvendo a regulamentação da maconha que aconteceram no ano de 2014 no Brasil. Para tanto, tem como foco as observações etnográficas da Marcha da Maconha DF e das audiências públicas em relação ao tema que foram realizadas no Congresso Nacional. Durante a monografia penso ser possível demonstrar um pouco da dinâmica e estrutura da organização da Marcha através das suas reuniões e de seus organizadores. Também me proponho a fazer uma interpretação da Marcha da Maconha como um ritual, demonstrando como o movimento social pode ter um papel importante em relação a questão, e também em relação a ampliação de direitos e de uma nova noção de cidadania, já que expressa questões comuns ao tema da sua forma.

**Palavras-Chave:** maconha; movimentos sociais; drogas; marcha

## **Abstract**

The purpose of this work is to demonstrate some of the discussions involving the regulation of marijuana that happened in the year of 2014 in Brazil. To this end, the focuses are in the ethnographic observations of the Marijuana March DF and also public audiences in relation to the theme that occurred in the National Congress. During this work I think that it was possible to show a portion of the dynamics and the structure of the Marijuana March organization, through their reunions and from their organizers. I also propose to make an interpretation of the Marijuana March as a ritual, portraying how the social movement can have an important role relative to the regulation of marijuana, and also relative to the expansion of rights and a new Idea of citizenship, since it addresses common questions to the theme.

**Key-words:** marijuana; social movement; drugs; march

## Sumário

<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>1</b>
<b>PARTE I: DESCREVENDO UM PROCESSO.....</b>	<b>11</b>
1. Ocuponha e organizadores.....	12
2. Reuniões.....	22
3. Maconha no Congresso Nacional.....	41
4. Marcha da Maconha 2014 - 23/05/2014.....	58
 <b>PARTE II: CONSTRUINDO INTERPRETAÇÕES.....</b>	 <b>76</b>
5. Construindo moralidades e diferentes projetos.....	77
6. A política da Marcha.....	84
7. O rito da Marcha.....	95
8. Conclusões: O ritual como política.....	107
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>115</b>

## Introdução:

A questão das "drogas"<sup>1</sup> tornou-se uma problemática de grande relevância social há cerca de noventa anos, quando se deu início à proibição das mesmas em boa parte do mundo da forma como conhecemos. As drogas que se obtém das plantas do gênero *Cannabis*, de onde se elabora a maconha e o haxixe<sup>2</sup> por exemplo, foram talvez as substâncias mais repreendidas durante este tempo por serem muito utilizadas por diversas populações e grupos já rotulados e estigmatizados (no caso do Brasil, grupos formados inicialmente por populações negras e indígenas do Norte e Nordeste do país até o século XIX) e por representarem uma espécie de estandarte unificador (MACRAE E SIMÕES, 2004) da cruzada contra as drogas.

Não só a planta e a substância passaram a ser vistas como droga pela visão oficial estatal, como estas populações que faziam diversos usos desta planta foram em alguns contextos também rotuladas e mais marginalizadas ainda, sendo perseguidas pelo aparato legal. O discurso do uso de drogas como uma patologia que exigia medidas de profilaxia para ser eliminada foi fortemente legitimado por uma visão científica evolucionista, médica e midiática que atingiu principalmente estes grupos. É interessante pontuar que o Brasil teve também grande influência para legitimar a proibição mundial da maconha, apesar de ser algo análogo ao que acontecia também nos EUA e outros países, expondo em congressos internacionais, principalmente através de médicos como Rodrigo Dória e Dr. Pernambuco, relatos e dados sobre as consequências do uso da "Diamba"<sup>3</sup>. Durante este tempo (início do Séc. XX) a maconha teve seus efeitos comparados com outras drogas como o ópio, sendo vista como geradora de violência e um mal a ser combatido e eliminado.

Mas o que talvez seja mais interessante para esta pesquisa seja o momento aonde o uso da maconha chega aos centros urbanos devido

---

<sup>1</sup> Termo com o qual não simpatizo, mas que utilizarei para facilitar a compreensão do texto.

<sup>2</sup> Interessante observar a origem etimológica destes nomes; Maconha e Haxixe, que vem respectivamente de *ma'kaña* (do quimbundo Africano) e *Hashishin* (do Árabe). O que pode demonstrar a relação da *Cannabis* com estas populações.

<sup>3</sup> Nome pelo qual a Maconha era conhecida por algumas populações no século XIX no Brasil, também de origem africana.



principalmente aos movimentos migratórios do campo para a cidade, do Nordeste para grandes centros mais ao Sul do país. Neste novo contexto seu uso é ressignificado e se diferencia dos tradicionais padrões de uso da "roda de fumo nordestina" (MACRAE E SIMÕES, 2004). Segundo Gilberto Velho (1985):

"O que significa o consumo de maconha para os camponeses do interior do Maranhão é diferente do que constitui para moradores de favela do Rio de Janeiro na década de 50 e é muito diferente dos moradores da Zona Sul do Rio de Janeiro na década de 80. Há diferentes maneiras de usar e interpretar a maconha". (VELHO, 1985, p.43)

No primeiro momento, mesmo com a extensa gama de utilização que a *Cannabis* possui, como seu uso industrial<sup>4</sup> e medicinal, a imagem da erva ficou totalmente marcada pela prática de ser fumada, e por ser utilizada por estas populações imigrantes. Com a urbanização, estas populações passaram a ser vistas como fonte de problemas sociais e sanitários. Seus hábitos passaram a ser objetos de estudo e controle, sendo criadas delegacias e outras instituições para abordar a problemática, a exemplo da Inspetoria de Entorpecentes, Tóxicos e Mistificações. Estes discursos desqualificaram e questionaram a legitimidade das práticas e das representações sobre o uso, plantio e preparo da *Cannabis*, que eram tradicionalmente transmitidas e socialmente validadas através das diversas gerações de brasileiros que a consumiram até o século XIX. Dessa forma, a *Cannabis* passa a ser vista como um "veneno social", "doença cultural", transmissível de uma população a outra, e começa a ser compreendida em categorias patológicas e estigmatizantes como: "maconhismo" e "canabismo" (VIDAL, 2008). MacRae argumenta que essas novas perspectivas de atuação organizada e sistemática viriam consolidar o tema da *Cannabis* como uma preocupação social.

Na década de 1950, a quantidade de notícias publicadas sobre a maconha aumentou de forma considerável, sempre vinculada à ideia de desvio de caráter. O usuário passou a ser visto não mais como "vítima do vício" mas como "desordeiro" que acabava por promover verdadeiras invasões do espaço urbano. O discurso jornalístico abordava o assunto sempre de maneira muito homogênea,

---

<sup>4</sup> Uso industrial que se dava principalmente através do Cânhamo, fibra oriunda da *Cannabis* que era utilizada para diversos fins em todo o mundo até o século XIX.

irônica e sarcástica, buscando enfatizar a índole do "maconheiro". Essa abordagem jornalística teve muito mais ressonância social que os estudos científicos que haviam tratado o assunto, oferecendo à população tanto uma sintomatologia quanto as supostas consequências sociais do consumo de maconha. Estas representações nortearam, ou influenciaram, o modo como as novas gerações seriam prevenidas, instruídas, ou, surpreendidas por seus familiares como consumidores de maconha (MACRAE, 2004, p.21). Luísa Saad (2013) sintetiza bem estas questões<sup>5</sup> no resumo de sua tese, segundo ela:

"Destaca-se a atuação do médico e político Rodrigues Dória, cujos escritos serviram de base para tornar ilegal o uso da maconha que ele e outros médicos da época apontavam como um hábito trazido pelos escravos africanos, considerados raça inferior segundo ideias então em voga. No cenário político de uma Abolição e uma República recém-decretadas, se intensificou a visão de que os hábitos e práticas dos negros seriam obstáculos para concretizar os anseios por uma nação civilizada. O consumo de maconha constituía, assim, um dos empecilhos à modernização e ao progresso, uma vez que seus usuários tenderiam a adquirir comportamentos violentos, imorais ou insanos. A criminalização da maconha esteve associada à criminalização das práticas culturais de seus usuários, como foi o caso dos cultos afro-brasileiros como o candomblé".

Mas é a partir dos anos 1960, no contexto da ditadura militar, que o uso de maconha aumenta muito nos grandes centros urbanos brasileiros. O governo logo reconhece na utilização da erva uma atitude de rebeldia, uma contestação cultural à ordem e ao regime vigente<sup>6</sup> (VIDAL, 2008). A força exercida pela contracultura e outras manifestações culturais alternativas influenciaram uma mudança de percepção sobre a maconha, que passou a ser inserida em contextos cada vez mais urbanos e utilizada por classes mais altas, marcando a inclusão principalmente dos jovens em um mundo que era até então habitado pelos bandidos denunciados na imprensa (MACRAE, 2004). Segundo Velho (1985):

"Fantasiosamente ou não, a maconha foi percebida, principalmente a partir da metade da década de 60, quando começou a ser consumida de forma mais intensa, mais disseminada, nas camadas médias e nas elites, como uma ameaça à continuidade da vida social. Já não era mais o camponês do interior do Maranhão nem o habitante da 'favela' o marginal, que estava consumindo maconha, mas os filhos das camadas médias, ou os filhos das elites. O herdeiro

---

<sup>5</sup> Para melhor compreender estas questões recomendo ver; HENMAN, A. e PESSOA JR, O (1984), ROBINSON, Rowan (1999), MacRae e Simões (2000), Vidal (2008), Oliveira (2007, p.104), Dória (1958) e SAAD (2013).

<sup>6</sup> Ver VELHO (1984): Duas categorias de acusação na cultura brasileira contemporânea. In: VELHO, G. (org.). Individualismo e cultura. Rio de Janeiro: Zahar, 1994a.p.55-64. Onde o autor cita duas categorias de acusação nos anos 1980, que seriam: "maconheiro" e "subversivo".

de todo um processo, de todo um projeto de expansão e de crescimento de uma sociedade é que fumava maconha." (VELHO, 1985,p.43)

A partir dos anos 1980, após a abertura política, surgiram manifestações criticando a repressão ao uso da maconha. A partir daí várias manifestações foram organizadas, houve também seminários, manifestações artísticas e uma mudança da visão biomédica sobre o tema. Já nos anos 1990 foi possível observar certa influência do questionamento da repressão da proibição dentro do campo político, que passava a ter outra percepção da questão das drogas. Um exemplo disso foram alguns dos deputados que levantaram a questão como uma de suas bandeiras políticas, como o então deputado Fernando Gabeira (PT-RJ), e também por meio de outras manifestações, como a banda *Planet Hemp*.<sup>7</sup>

Com a popularidade da *internet*, já nos anos 2000, o acesso e a troca de informações sobre a maconha ficou mais fácil, muitos coletivos, sites acadêmicos e jornalísticos sobre o tema foram criados. Foi aí que começaram a surgir as “Marchas da Maconha”, movimentos inspirados nas "*Marijuana March*" que já aconteciam em alguns países do mundo.

Esta breve contextualização se faz necessária para melhor compreender o processo histórico que nos leva até o contexto deste trabalho, que busca retratar, etnograficamente, parte da mobilização política pela legalização da maconha no Distrito Federal, bem como seus atores e os significados atribuídos à ela. Para isso, toma-se como evento de análise a Marcha da Maconha DF 2014, bem como parte das audiências públicas ocorridas no Congresso Nacional em torno da regulamentação da maconha durante o ano de 2014.

Sempre quis de alguma forma trabalhar com a questão das drogas em minha monografia. Havia pensado, primeiramente, em fazer uma etnografia com usuários de maconha, com o intuito de compreender um pouco da cultura, dos modos de vida e das visões de mundo (VELHO, 1981; 1994) que giram em torno do uso da maconha em contextos específicos, como já havia feito em alguns trabalhos anteriores, mas ao pensar melhor e conversar com a minha orientadora no início do trabalho, Cristina Patriota de Moura, os horizontes se ampliaram e tivemos a ideia de

---

<sup>7</sup>Ver MUNDIM. Das rodas de fumo à esfera pública: o discurso da legalização da maconha nas músicas do Planet Hemp. Belo Horizonte, 2004

observar mais especificamente a Marcha da Maconha de Brasília e seus organizadores.

A Marcha da Maconha é um movimento social formado por ativistas e simpatizantes que uma vez ao ano sai pelas ruas do país para protestar contra a proibição da maconha. Durante o tempo que havia trabalhado com o tema conheci alguns organizadores da Marcha de Brasília e cheguei a participar de duas edições da Marcha, o que facilitou muito a escolha do tema, pois me permitiu imaginar alguns aspectos interessantes a serem explorados. A leitura de "Carnavais, Malandros e Heróis" (1979) de Roberto Da Matta, indicada então por Cristina Patriota, sugeriu-me alguns paralelos que poderiam ser traçados e que seriam úteis para observar a Marcha da Maconha. Esta indicação foi muito válida e me ajudou muito a dar um primeiro rumo teórico ao trabalho e as observações.

No livro o autor aborda os ritos nas "sociedades complexas", mais especificamente as procissões, as paradas e o carnaval. Apesar da Marcha ser algo bem diferente, penso que a mesma pode ser vista com uma dramatização ritual (TURNER, 1974), argumento que demonstrarei mais a frente. Não só o objeto da pesquisa, mas muitos dos textos que me influenciaram teoricamente no início da pesquisa foram sugestões da minha então orientadora. Por trabalhar com as "sociedades complexas", e com a "Antropologia Urbana" várias das minhas observações em campo foram influenciadas por autores como Georg Simmel, Robert Ezra Park e o próprio Roberto da Matta, os quais ela me apresentou. Estes me ajudaram a me preocupar mais com este aspecto da urbanidade, da espacialidade e do Ritual, mas outros autores como Gilberto Velho e Howard Becker foram decisivos por serem referenciais em relação ao tema da maconha mais especificamente. Ainda em relação a autores que trabalham com a temática da maconha, foi muito importante ter encontrado durante minhas pesquisas autores da Universidade Federal da Bahia (UFBA) que já tinham vários trabalhos sobre o tema, como Edward MacRae e Sergio Vidal, que foram essenciais para a compreensão do tema.

Com o andamento da pesquisa, a ideia ganhou forma. O momento histórico em que nos encontramos é único: cada vez mais o assunto da legalização e descriminalização das drogas está em pauta; o proibicionismo e a guerra às

drogas se mostram (segundo alguns pontos de vista) como uma solução falha e com muitos efeitos colaterais. E não são apenas os usuários ou os ativistas que chegaram a esta conclusão, mas cada vez mais políticos e governos mudam sua forma de enfrentar a problemática do uso e do comércio de drogas. Em vários lugares, como alguns estados dos EUA (país que teve grande influência na proibição mundial) e o Uruguai, se buscam alternativas que não sejam apenas a repressão; políticos como o ex-presidente Fernando Henrique Cardoso também já se declararam a favor de uma mudança em relação ao assunto. Há também os usos medicinais da maconha, que durante o tempo que realizei a pesquisa esteve muito em pauta. Penso que a Marcha da Maconha consegue, de certa forma, agregar e expressar muitos destes aspectos durante a manifestação, como demonstrarei a frente. Outro ponto importante foi o contexto da pesquisa, que ocorreu em um ano muito turbulento, 2014, onde muitas manifestações aconteceram, além da Copa do Mundo de futebol e das Eleições.

Estes foram pontos que me influenciaram a pesquisar a Marcha da Maconha e os debates sobre o tema como parte do objeto deste trabalho. Durante a pesquisa acabei por mudar de orientador, pois a minha orientadora teve de se ausentar do país. Meu novo orientador, Daniel Schroeter Simião, acrescentou outras perspectivas à minha pesquisa. Comecei a observar não só a Marcha, mas também as questões legais e políticas que se relacionam com o tema. Seu livro: "O pulo do sapo: gênero e a conquista da cidadania em grupos populares" (2000) me levou a estudar temas como cidadania, democracia e as mobilizações sociais. Foi também através do autor que tive contato com trabalhos de Ruth Cardoso, Evelina Dagnino e Eunice Durham, que foram muito importantes durante o trabalho. Simião também me indicou a leitura de: "A Marcha Nacional dos Sem-Terra: Estudo de um ritual político" (2002) de Christine de Alencar Chaves, que além de ser muito interessante para efeito comparativo entre os rituais da Marcha da Maconha com a Marcha dos Sem-Terra, foi também importantíssimo para mim no sentido que acrescentou novos referenciais sobre a temática do Ritual dentro da antropologia, principalmente através de Mariza Peirano e Stanley Tambiah.

Foi também durante este tempo que me aproximei dos organizadores e do grupo, compreendendo melhor as pessoas que fazem a Marcha funcionar, como

também a estrutura e organização da Marcha da Maconha. Tive também a oportunidade de realizar o campo exatamente quando começaram as audiências no Congresso Nacional, o que acrescentou muito ao meu trabalho. O meu novo orientador abraçou a pesquisa e propôs realizar um documentário para registrar a Marcha. Assim pude contar com a ajuda de vários colaboradores e equipamentos que me ajudaram a conseguir um volume incrível de dados. Nove colegas utilizaram câmeras para filmar a Marcha para o projeto, pude também ter acesso a esse material produzido, que foi de grande utilidade neste trabalho. Além das filmagens também captamos os sons da Marcha com dois gravadores. Foi muito bom contar com câmeras e gravadores, pois a Marcha é um evento bem estético e com muitos sons e palavras de ordem. Também contei com um gravador para realizar as entrevistas com alguns dos organizadores, realizando cinco longas entrevistas. Tirei algumas fotos e fiz algumas filmagens com meu celular para obter alguns dados, como aconteceu no Senado. Outra ferramenta que me ajudou bastante foram as redes sociais e a *internet* como todo. Recolhi também artefatos como cartazes, informes, panfletos e notícias da Marcha da Maconha. Mas o que mais utilizei foi mesmo um caderno de campo para tomar notas, que foram tomadas em praticamente todos os locais da pesquisa.

Durante a pesquisa não me preocupei em observar apenas a Marcha da Maconha e seus organizadores, mas tentei também observar coletivos, organizações e movimentos que se relacionam com a temática dentro do Congresso e da Marcha, que me ajudaram a melhor compreender o movimento e as questões abordadas por eles. Também observei as reuniões que antecederam a Marcha.

Penso que a observação etnográfica da Marcha da Maconha pode nos ajudar a compreender um pouco sobre o que é este movimento, sobre quem faz parte dele, suas visões de mundo e estilos de vida. As motivações, os símbolos que unem estas pessoas (identidade), que dão sentido e pertencimento a esta causa, a este(s) grupo(s). Como estas pessoas veem a maconha, como significam e conceituam (BECKER, 2008) o uso da maconha em Brasília e nas suas vidas, como vivenciam e experienciam a Marcha da Maconha. Foi interessante também passar este tempo com os organizadores e realizar entrevistas posteriormente, que abordaram não só questões da Marcha, mas também a história de vida dos

organizadores, sua trajetória biográfica, que acredito eu, se relacionam diretamente com o movimento.

Essa monografia está organizada em duas partes. A primeira parte, denominada "Descrevendo um Processo", se caracteriza pela descrição etnográfica dos eventos observados, como o dia nacional pela legalização da maconha e combate ao câncer (ocuponha), os debates que aconteceram no Congresso Nacional, as reuniões da Marcha da Maconha DF 2014, além da Marcha da Maconha DF 2014. Para deixar a narrativa mais simples e próxima do que de fato aconteceu, decidi deixar boa parte do texto bem próximo do diário de campo. Mantive também boa parte dos diálogos, falas e citações dos atores envolvidos na Marcha. Alguns nomes foram alterados ou ocultados para preservar a identidade das pessoas, já que o trabalho trata de um tema ainda muito estigmatizado. Durante esta primeira parte trato especificamente dos organizadores da Marcha, como também de questões paralelas sobre a regulamentação da maconha que estavam em pauta em 2014.

Já a segunda parte, "Construindo Interpretações", tem como objetivo explorar analiticamente os dados obtidos nas descrições etnográficas da primeira parte, traçando paralelos com a teoria antropológica. Ela se estrutura em quatro capítulos. No primeiro deles (capítulo 5), denominado "Construindo Moralidades e Diferentes Projetos" valho-me dos argumentos de Howard Becker em "Outsiders: estudo de sociologia do desvio" (2008), para analisar as audiências que aconteciam no Congresso Nacional, evidenciando como a questão da moralidade está muito presente no debate sobre a regulamentação da maconha. Também abordei o tema à luz das obras de Gilberto Velho, buscando ver como diferentes projetos (proibicionismo x anti-proibicionismo) coexistem nas audiências e debates.

O capítulo seguinte (capítulo 6), denominado "A Política da Marcha", tem como principal objetivo demonstrar como funciona a organização da Marcha da Maconha DF através dos dados recolhidos em campo e através da tese de Natália Campos: "Militância e Mobilização antiproibicionista da maconha: Coletivos, eventos e Marchas em Natal (RN)" (2013). Neste capítulo também faço uma breve análise comparativa da Marcha da Maconha com o Movimento Sem-Terra, por meio do artigo de Christine de Alencar Chaves, "A Marcha Nacional dos Sem-Terra: Estudo

de um ritual político" (2012), para inserir a Marcha em uma análise dos movimentos sociais.

O terceiro capítulo desta parte (capítulo 7), "O Rito da Marcha", tem como objetivo elaborar uma análise Ritual da Marcha da Maconha 2014. Neste capítulo demonstro como a dinâmica da Marcha pode ser interpretada como uma forma de Ritual nas sociedades (ditas) complexas através de alguns textos de Mariza Peirano e John C. Dawsey, que tratam do assunto à luz da teoria de Stanley Tambiah e Vitor Turner. Analiso brevemente os simbolismos e performances presentes na Marcha, como a estética da Marcha, a folha humana, palavras de ordem, cartazes, o trajeto percorrido e o ato de fumar maconha durante a Marcha. Também exploro a questão da heterogeneidade dos grupos presentes e por fim a atuação da polícia durante a Marcha através de Becker.

No capítulo final, "Conclusões: O Ritual como Política", busco construir questões a partir de observações de tensões e controvérsias que surgiram durante o evento. Nesse sentido, destaco três questões controversas: Será que o ato de fumar maconha na Marcha esvazia o sentido político da manifestação, fazendo a mesma parecer uma festa? Por que a periferia compareceu em peso durante a manifestação, algo que outros movimentos sociais não conseguem fazer? Por que tantos menores e jovens durante a Marcha?

Em relação a estas questões, esboço algumas respostas, sugerindo, por exemplo, que o ato de fumar maconha dentro da Marcha pode ser visto, sim, como ato político, devido ao ato ser performático e simbólico dentro deste contexto, e que o fato da manifestação ser um evento bem descontraído e festivo não põe fim ao seu caráter político. Também argumento que a presença da periferia pode ter relação com o contexto com o qual estas pessoas vivem, que tem forte ligação com as drogas, e principalmente com a repressão policial. Em relação a presença de jovens, volto a tratar a Marcha da Maconha como um espaço democrático que estimula uma iniciação dos jovens com os movimentos sociais, sendo um importante espaço para exercer a cidadania.

Exploro ainda, ao longo deste capítulo final, como as percepções dos organizadores e dos participantes sobre a Marcha podem ser bem diferentes.



Durante as entrevistas e durante o evento percebe-se vários episódios e falas destoantes entre os organizadores e manifestantes, e esse foi outro ponto bem interessante de se observar, como as pessoas vivenciam e experienciam a Marcha da Maconha de formas diferenciadas.

Essa monografia está longe de responder a todas as questões que o tema suscita, contudo creio que a experiência de pesquisa me permitiu compreender melhor alguns aspectos, controvérsias e desafios que envolvem a regulamentação da maconha, as políticas de drogas, e movimentos sociais como a Marcha da Maconha. Espero ter conseguido compartilhar com o leitor estes aspectos, além de outros, como o fato da Marcha da Maconha e outros coletivos poderem ser vistos como importantes movimentos pela ampliação de direitos e criação de espaços democráticos para se debater o tema.

## **PARTE I: DESCRREVENDO UM PROCESSO**

## Capítulo 1

### Ocuponha e organizadores

A minha primeira experiência em campo foi no dia 27/11/2013, no “dia nacional pela legalização da maconha e combate ao câncer”. Decidi ir ao local observar a manifestação e ver se conseguiria manter algum contato com os organizadores da Marcha da Maconha, que também organizaram este evento.

Até então não conhecia alguns dos organizadores e este dia foi muito importante para me apresentar, apresentar o trabalho, e manter o primeiro contato com o grupo. Foi a primeira vez que essa manifestação ocorreu, foi também bem diferente da Marcha da Maconha, os organizadores realizaram o evento de uma forma mais parecida com um debate, uma “troca de ideias” e de informações no local, e não uma Marcha itinerante. O evento acabou sendo batizado de “Ocuponha”, pois os manifestantes ocuparam o espaço da Praça dos Três Poderes para esta troca de ideias em relação a maconha, com uma ênfase nos seus potenciais medicinais, principalmente em relação ao tratamento de câncer. O tema do ocuponha é muito interessante de se pontuar, pois já nesta época os usos medicinais da maconha já eram apontados pelos ativistas.

O evento também teve início às 16h20min (4.20), assim como ocorre na Marcha da Maconha. O símbolo 4.20 é muito recorrente dentro das minhas observações e por isso vou explicá-lo brevemente. Segundo uma matéria da BBC, que confirma algumas histórias que ouvi, o 4.20 é um símbolo de origem Norte Americana, mais precisamente da Califórnia. Foi criado pelos estudantes do ensino médio, que às 16h20min saiam para procurar uma plantação de maconha em *Point*

*Reyes*, próximo a *San Francisco*<sup>8</sup>. Acabou que virou um código que se espalhou pelas rodas de fumo e por vários locais do mundo. No contexto daqui, está relacionado a ideia de uma hora de fumar um<sup>9</sup>, ou mesmo uma forma numeral de representação da maconha.

A estrutura do Ocuponha foi apenas uma pequena tenda montada na Praça dos Três Poderes, que na verdade era uma "base" para os organizadores. Os presentes, a maioria jovens, se sentaram no chão enquanto quem estava com a palavra falava à frente, com auxílio de um megafone da organização.

Neste dia também tive a oportunidade de ver pessoalmente pela primeira vez o neurocientista da Universidade de Brasília (UnB) Renato Malcher. Renato já há algum tempo estuda a maconha e seus cannabinóides<sup>10</sup>, e sempre o via através dos seus *posts* do *facebook* e das gravações dos debates dos quais ele já havia participado sobre o assunto. Renato foi à frente do grupo, que não passava de 150 pessoas, e falou um pouco sobre as pesquisas biomédicas que envolvem o uso da *Cannabis*, seu potencial medicinal, as maneiras de usar a droga com um viés de redução de danos, demonstrando também os males do uso frequente da maconha.

Para a minha surpresa, e de todos, o deputado Paulo Teixeira (PT-SP) também compareceu ao "Ocuponha". O deputado argumentou que ele é um dos que levantam esta bandeira (regulamentação da maconha) dentro do Congresso. Abordou um pouco sobre suas propostas de lei que visam descriminalizar o uso da maconha, que segundo ele já tramitavam na casa. Assim como os outros a falarem, o deputado também citou outros modelos de políticas públicas em relação às drogas de outros países, como; Uruguai, Estados Unidos e Espanha, que são mais liberais que o modelo brasileiro. O deputado também falou muito da sua aproximação com os jovens, e da necessidade de aproximar os jovens com a cidadania.

Uma viatura da Polícia Militar (PM-DF) acompanhava o evento a certa distância até então, mas um dos policiais decidiu se aproximar e falar um pouco, o que surpreendeu a todos. O policial, um major por volta dos 50 anos de idade,

---

<sup>8</sup> Ver em: [http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140418\\_maconha\\_420\\_mm.shtml](http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2014/04/140418_maconha_420_mm.shtml) consultado em 08 de março de 2015

<sup>9</sup> Fumar um baseado (cigarro de maconha)

<sup>10</sup> Princípios ativos presentes na *Cannabis*

aproveitou da situação para desabafar e falar um pouco do que pensa sobre o assunto. O major tomou à frente do debate e falou que o evento era muito bom, que incentivava a troca de informações, e respondendo a algumas provocações do deputado que havia falado da violência policial devido a proibição, disse: "não aprendi a bater em ninguém na academia", mencionando ainda que " havia o fardo da farda". Ele disse taxativamente: "Nós (a polícia) não somos seus inimigos", "buscamos evitar confrontos" e "infelizmente a lei é essa!", "quando legalizarem, fumem maconha!".

Mas mesmo com todo esse discurso a polícia ficou ao lado o tempo todo observando o "ocuponha", e no começo chegou a revistar algumas pessoas sem encontrar nada. Apesar disso, era fácil observar que alguns presentes simplesmente saiam do local e iam fumar ali por perto, fora do alcance da polícia que ficava em torno da viatura estacionada ao lado do grupo de pessoas que formavam o ocuponha.

No final, o ocuponha já não contava com mais de 40 pessoas, então a professora Isabela Oliveira, do departamento de Comunicação Social da UnB, foi falar um pouco dos usos históricos e tradicionais da maconha. Assim como a fala de Renato, os argumentos e curiosidades trazidos por Isabela foram muito interessantes e despertavam o interesse dos jovens que os ouviam atentamente.

Danielle Bomtempo também foi à frente e falou um pouco para o jovens presentes: "A Marcha surgiu para criar espaços públicos e democráticos de debate sobre o assunto!". A organizadora falou um pouco também da história da Marcha, do ativismo "canábico", que segundo ela já existia há cinco anos na capital federal. Danielle também falou um pouco de políticas de redução de danos, das suas experiências pessoais e os danos que o uso de maconha pode causar. Ela também enfatizou os outros usos da planta *Cannabis*, que vão desde o uso como alimento e fibra, como também usos culturais, religiosos e medicinais.

Apesar de diferenças notáveis em relação à Marcha da Maconha; como o fato de ser um evento parado e não em movimento como a Marcha, houve acontecimentos em comum entre estes dois eventos. As já tradicionais palavras de ordem entoadas na Marcha da Maconha ( que serão descritas mais à frente)

também aconteceram no ocuponha, como: “Dilma Rousseff, legaliza o beque<sup>11</sup>!”, “Latifúndio, vergonha, reforma agrária para plantar maconha!”. A formação de uma folha de maconha “humana” foi também arranjada em frente ao Superior Tribunal Federal (STF). Foi nesse dia que ficou claro como seria rico etnografar este movimento, pois ele se “reveste de complexos aspectos culturais, políticos, jurídicos e de saúde pública (MACRAE E SIMÕES, 2004).

Mas para mim o que foi mais importante foi a oportunidade de me aproximar dos organizadores da Marcha da Maconha que ainda não conhecia, como também outros atores que são muito importantes para o debate da legalização da maconha em Brasília e no Brasil. Foi neste dia que entrei em contato pela primeira vez com a Danielle Bomtempo e Marcello Pedroso. Durante o tempo com os organizadores da Marcha percebi que Marcello e Dani (como é chamada) tinham um importante papel dentro deste movimento social, e que para melhor conhecer a história da Marcha seria necessário mergulhar nas trajetórias biográficas não só destes dois organizadores, mas também dos outros que fazem e fizeram parte da Marcha da Maconha de Brasília. Para tanto, convivi um pouco com alguns organizadores, e durante este tempo de campo pude conhecê-los em parte, também realizei entrevistas com cinco dos organizadores da Marcha da Maconha do DF.

Foi então no Ocuponha que mantive contato com estes organizadores que até então não conhecia. Ao final do evento cheguei para Marcello e Dani e me apresentei, falei um pouco do projeto, da ideia de enxergar a Marcha da Maconha como uma espécie de ritual nas sociedades (ditas) complexas, que estudava a *Cannabis* por um viés antropológico já há algum tempo e etc. Após essas explicações ambos pareceram tranquilos em relação ao objeto do meu trabalho. Marcello Pedroso logo me alertou: “Se quiser observar a Marcha vai ter de vim também nas reuniões!”.

Já havia visto Marcello em outras edições da Marcha e sempre o vi como um sujeito mais velho dentre os organizadores, sua fisionomia morena de baixa estatura com seus óculos e barba transparecem um homem de aspecto sereno e misterioso, mas também inteligente e amigável. Talvez tenha sido apenas uma

---

<sup>11</sup> Forma pela qual também pode ser chamado um cigarro de maconha, assim como baseado.

primeira impressão pois não o conhecia ainda, e Marcello também não é um homem de muitas palavras, ao contrário de Dani que gosta muito de conversar. Ele foi também o organizador com que tive menos aproximação durante toda a pesquisa. As vezes sentia certa desconfiança com a minha presença em algumas reuniões da Marcha, mas ao fim, principalmente após a entrevista, acho que ficamos mais próximos. Penso que muito disso se deve ao fato de me intrometer na vida do grupo durante as pesquisas, e penso que isso deve ser muito comum no ofício antropológico.

Posteriormente descobri que Marcello era mesmo o organizador mais velho da Marcha, tendo 40 anos de idade e natural de Brasília, é morador do Plano Piloto, apesar de sempre me falar de uma pequena chácara. Recentemente tornou-se pai, devido a ansiedade gerada por essa surpresa, disse que talvez não vá mais participar tão efetivamente da organização das próximas Marchas. Marcello também é formado em Antropologia, formou-se em 1999 na UnB, o que provavelmente muito ajudou na minha inserção no grupo e na compreensão do trabalho etnográfico. Ele me falou que as vezes faz estudos de impacto ambiental e outros "bicos" de consultoria, mas não tem um emprego fixo. Observei que Marcello também frequenta alguns centros *ayahuasqueiros*. Durante a entrevista, Marcello me falou que é filiado ao PSOL, também sempre o via comentando questões políticas, principalmente durante o período da copa do mundo de 2014, a qual criticava veementemente.

Dentre os organizadores, ele é um dos mais considerados pelos outros integrantes, não tem problemas com ninguém e sempre sugere ideias durante as reuniões. Observei que durante as reuniões Marcello chegava muitas das vezes de bicicleta e sempre tinha grande importância e responsabilidade. É ele também o grande "contato" da Marcha em relação ao orçamento e em vários outros pontos. Neste dia do "ocuponha" foi Marcello que conseguiu trazer Renato Malcher e Isabela Oliveira para falarem para os jovens. Ele também tem muita influência na hora de conseguir patrocinadores e colaboradores para a Marcha. É também um dos organizadores que consegue um carro, o que ajuda muito na organização. Marcello também é um organizador recente, entrou em 2012 na organização da Marcha da Maconha.

Também conversei muito com Dani no fim do Ocuponha, não a conhecia pessoalmente mas me lembrava muito bem dela nas outras edições da Marcha, devido a sua presença sempre marcante. Dani é uma menina bem branca de olhos claros que sempre está de óculos, mas que se destaca por suas tatuagens e sua maneira de se vestir e ser, que está bem longe das normatizações impostas ao sexo feminino. Durante o tempo que passei com ela, Dani me contou que é lésbica e que além de ativista "canábica" é também ativista feminista e LGBT<sup>12</sup>. Desde este primeiro dia sempre tivemos uma relação bem tranquila. Durante as reuniões ela também teve um importante papel, até pela sua experiência, já que é uma das organizadoras mais antigas da Marcha, desde 2008.

As vezes ela também trazia algumas amigas e sua companheira para as reuniões da Marcha. Dani é de Brasília, tem 27 anos e estuda Engenharia de Edificações no Instituto Federal Brasília (IFB). Mora em uma das cidades satélites de Brasília próximas a saída Sul já há algum tempo. Ela também é filiada ao PSOL, apesar de dizer que não participa efetivamente do partido. Outro ponto interessante sobre ela é que, como sempre é notada no dia da Marcha por "gritar" no auto-falante para organizar as pessoas, por dar algumas entrevistas em nome da Marcha, por ter essa personalidade mais comunicável e pública, e sempre falar muito durante as reuniões, alguns outros organizadores a acusavam com categorias como; "popular", "monopolizadora das reuniões" e etc. O que me parecia de início um grupo bem unido, foi se mostrando heterogêneo e de certa forma, com algumas divergências internas.

Por fim, quando o Ocuponha já estava encaminhado para o encerramento, o policial, a professora Isabela Oliveira, alguns amigos e organizadores conversaram e debateram um pouco sobre a problemática da atual política de drogas e mais especificamente sobre a regulamentação da Maconha. Neste momento conversei um pouco com a professora e também com outros organizadores que estavam presentes, como: Helson, Samuel e Danilo. Interessante pontuar que já conhecia estes três integrantes da Marcha da Universidade de Brasília.

---

<sup>12</sup> LGBT, ou ainda LGBTTTT, é a sigla de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais e Transgêneros.



Samuel tem 23 anos, é um rapaz negro com *dreadlock's*<sup>13</sup> no cabelo que sempre está sorrindo e bem humorado. É também um dos organizadores mais antigos da Marcha, está nela desde o princípio. Também é muito participativo nas reuniões, sempre organizando e lendo as pautas. Durante o dia da Marcha também sempre fala ao megafone, puxa coros, solta fogos e tem suas atuações quase performáticas. Samuel mora também bem perto de Dani, na mesma cidade. Sempre me lembro dele me convidando para ir ao Congresso assistir ao andamento da PL-37, um projeto de lei do deputado Osmar Terra (PMDB-RS) que visa aumentar as penas privativas de liberdade para traficantes e alterar a questão da internação compulsória. Assim como os outros organizadores, Samuel é totalmente contra essa Proposta de Lei e tentava mobilizar algumas pessoas para ir ao Congresso Nacional pressionar de alguma forma. "Já que agente tá em Brasília, tem de fazer!", dizia ele. Em uma reunião ele me disse que duas pessoas foram ao Congresso observar o andamento da PL-37, mas segundo ele: "o projeto nunca entra na pauta do dia".

Samuel também passou no vestibular da UnB e começou a cursar o curso de Ciências Sociais, mas acabou trancando o curso posteriormente, o que faz com que alguns organizadores, como Marcello, sempre "puxem a sua orelha". Foi aí, durante este tempo na UnB, que o conheci em uma das rodas de fumo que aconteciam em um dos centros acadêmicos (C.A) da universidade. Lembro que durante esta época estava realizando meu trabalho de Métodos e Técnicas em Antropologia Social (MTAS), que era sobre o uso da maconha no campus da universidade. Além de conhecer Samuel, foi nessa época que conheci também outra organizadora da Marcha, Bebel, que também é uma das fundadoras da Marcha da Maconha de Brasília. Neste tempo que realizei a etnografia para esta matéria, três festas da Marcha da Maconha aconteceram na UnB. Também aconteceram alguns debates na universidade, um deles com Renato Malcher, no auditório Dois Candangos da Faculdade de Educação (FE). Após um destes debates encontrei com três dos organizadores da Marcha (Samuel, Bebel e Helson) dentro de um C.A da universidade. Foi aí também que conheci Renato Cinco, que é um dos ativistas da Marcha da Maconha do Rio de Janeiro que estava em Brasília na época. Estas lembranças datam de 2012, quando Renato Cinco ainda não havia sido eleito

---

<sup>13</sup> Estilo de cabelo popularizado pelos Rastafáris e pelo Reggae. Onde o cabelo é embaraçado, geralmente em formas cilíndricas.

Vereador no estado do Rio de Janeiro pelo PSOL levantando a legalização da maconha como a principal bandeira da sua candidatura, e quando os ativistas de fora de Brasília ajudavam mais a Marcha daqui.

Pelo que narrei, é fácil observar a importância que a Universidade de Brasília teve, e de certa forma ainda tem, em relação ao movimento da Marcha da Maconha de Brasília e também no debate em relação as políticas de drogas. Em 2014 além de uma festa da Marcha organizada no Centro Acadêmico de Filosofia (CAFIL) houve também a super aguardada palestra com o neurocientista Norte Americano Carl Hart da Universidade de Columbia (NY), que veio para o Brasil para uma série de palestra em diversas cidades para divulgar o seu livro "*High Price*".

Soube posteriormente que a viagem foi custeada pela organização *Open Society* do milionário americano George Soros. A palestra aconteceu no dia 15/05/2014 no anfiteatro 12 da universidade. O professor falou um pouco da sua trajetória pessoal, de um rapaz negro morador da periferia de Nova York, que apesar de ter sido usuário e traficante tornou-se o primeiro professor titular da Universidade de Columbia. Através das suas experiências, o professor argumentou que o consumo de drogas é um problema muitas vezes utilizado para acobertar outras questões que permeiam as sociedades, principalmente aquelas comunidades negras e pobres. Para ele, essas comunidades sofrem problemas muito mais complexos ligados a questões sociais – como habitação, emprego, alimentação – e raciais, e é um erro imputar ao consumo de drogas a razão para o desenvolvimento desses problemas. Segundo o neurocientista esses outros problemas em geral são colocados em segundo plano, porque exigem mais investimento e resoluções mais complexas, e as políticas comumente adotadas para o combate ao consumo de substâncias psicoativas não são efetivas. Daí em diante o professor citou o exemplo das políticas em relação crack, e os mitos que envolvem os usuários e o uso de drogas. Carl se disse favorável a uma política de descriminalização das drogas.<sup>14</sup>

Nunca como estudante da universidade vi tanta gente em um anfiteatro, o local estava superlotado e abafado. Vi alguns organizadores da Marcha, como

---

<sup>14</sup> Ver em: <http://www.unb.br/noticias/unbagencia/unbagencia.php?id=8589> consultado em 08 de março de 2015

Helson e Henrique, e muitas outras pessoas que já havia visto durante minhas observações. Um dos organizadores fez um convite para a Macha da Maconha quando teve a oportunidade de fazer uma pergunta ao professor, que acabou sendo apenas um convite. Havia também muitas pessoas de fora da universidade tentando ver a palestra. Apesar de tudo, foi possível acompanhar um pouco do debate que também contou com a presença de Andrea Gallassi e Renato Malcher, professores da UnB.

Voltando aos organizadores da Marcha, Helson é um dos organizadores que também já conhecia, na verdade nem me lembro de quando foi a primeira vez que o vi, parece que desde quando comecei a frequentar a Universidade (2008) o conheço, sempre tivemos vários amigos em comum, mas também nunca fomos muito próximos.

Helson tem 28 anos, é de Brasília e cursa Ciências Sociais na UnB, sendo este o seu segundo curso, já que começou fazendo pedagogia. É um jovem branco de cabelos escuros com jeito tranquilo, mora no Plano Piloto e sempre o vejo pelo campus e pela cidade com sua bicicleta motorizada. Também sempre o vejo em manifestações e eventos registrando tudo com a sua câmera. Assim como os outros organizadores, Helson também está relacionado com diversos movimentos sociais, como: Centro de mídia independente, Movimento Passe Livre (MPL), Bicletada, movimento fora Arruda e movimento estudantil, só para citar alguns que ele me falou. Helson não participou muito da Marcha DF 2014 e compareceu a poucas reuniões, porém pelo fato de ser um antigo organizador da Marcha (segundo ele participa da Marcha desde 2009) e de conhecer várias pessoas, tem uma grande importância no movimento. Ele também é um dos principais articuladores do movimento com ativistas de outros estados e com outros coletivos; como o Canna Cerrado, Movimento pela Legalização da Maconha, do Rio de Janeiro (MLM) e políticos, como Renato Cinco (PSOL-RJ). Durante as Marchas da Maconha sempre é possível vê-lo fazendo filmagens e gravando a Marcha. Ele e outros organizadores, são também amigos de dois *DJ's* da cidade que sempre tocam em alguns eventos e que já tocaram em algumas Marchas da Maconha com a ajuda de um carrinho, chamado de "aparelhinho". Este carrinho é também um dos outros pontos de tensão entre alguns organizadores, já que houveram divergências no

passado em relação a presença do aparelhinho na Marcha, como também com algumas das pessoas e coletivos envolvidos. Por este e outros motivos Helson também sempre é alvo de comentários de alguns outros organizadores.

O outro organizador presente ao Ocuponha foi Danilo. Também já o conhecia há algum tempo da universidade de Brasília, quando o via sempre pelos C.A's de Antropologia (ANTRO) e de Filosofia (CAFIL). Ele também já foi mais ativo na organização do que é hoje. É um dos organizadores mais antigos, estando na Marcha desde 2008, segundo ele. Danilo mora em uma cidade satélite perto de Brasília e tem 25 anos, já foi morador da Casa do Estudante Universitário (CEU) na UnB, onde cursa Artes Plásticas. É um rapaz negro e também me contou que é homossexual, tendo ligações com o movimento LGBT e com o movimento da Assistência Estudantil dentro da Universidade. Inclusive foi muito difícil marcar uma entrevista com ele por causa da invasão da reitoria da qual ele fez parte. Foi durante estes tempos dentro da CEU e de militância estudantil que Danilo conheceu Helson, que também morava na CEU.

Durante esta Marcha da Maconha, Danilo ajudou na realização da Rockonha<sup>15</sup> no CAFIL e também participou de algumas reuniões da Marcha. Já no fim do Ocuponha, enquanto conversávamos na Praça dos Três Poderes, Danilo me contou que durante a Rio+20 em 2012 houve também uma pequena Marcha da Maconha na Cúpula dos Povos, e nesta Marcha Marcello estava presente. Danilo me contou também que Durante a Rio+20 aconteceu a "Rio+420", onde um coletivo nacional chamado "Rede Nacional de Coletivos e Ativistas Pela Legalização da Maconha" (RENCA) organizou uma reunião decidindo que haveria dois eventos por ano. Foi aí que nasceu a ideia deste movimento no dia do combate ao câncer, que ficou conhecido por Ocuponha, que acabara por volta das 20h daquele dia.

---

<sup>15</sup> Em referência a uma festa que ocorreu nos anos 80, muito conhecida por ser citada na música "Faroeste Caboclo" da banda Legião Urbana.

## Capítulo 2

### Reuniões

Outra parte fundamental da pesquisa foi participar das reuniões da Marcha da Maconha DF 2014. Como Marcello já havia me alertado anteriormente no Ocuponha: "Se você quer pesquisar a Marcha tem de ir às reuniões, não só no dia!". E realmente durante as reuniões muita coisa iluminou em relação ao movimento, e em relação as pessoas que participam da organização da Marcha da Maconha do DF. As reuniões também foram muito importantes para estreitar ainda mais meus laços com os organizadores.

No total aconteceram 10 reuniões antes da Marcha da Maconha, das quais participei de 8 delas. A primeira reunião aconteceu no dia 19/01/2014, portanto um pouco antes de 4 meses para a Marcha da Maconha, que foi realizada no dia 23/05/2014.

Soube das reuniões por meio dos organizadores que já conhecia e pela *internet*, onde a Marcha da Maconha tem uma página no *facebook* (*fanpage*), que além de postar algumas notícias relacionadas a maconha também cria "eventos" para chamar as pessoas para as reuniões. Importante frisar que durante todo trabalho ficou claro que esta rede social é uma eficiente ferramenta utilizada pelo grupo para divulgar a Marcha e suas ideias. Também foi muito interessante utilizá-la para acompanhar o movimento e seus organizadores, observar seus *posts* e páginas no *facebook*, compreendendo assim um pouco o grupo e a cultura relacionada a maconha.

A primeira coisa que me chamou a atenção foi o fato das reuniões serem itinerantes, acontecendo nos mais diversos locais do Distrito Federal, não se

restringindo a um só local, ou o mais importante; não se restringindo ao Plano Piloto. Conversando com Danielle Bomtempo, ela me contou que a ideia era "ir para a quebrada"<sup>16</sup>, sair um pouco do Plano Piloto, onde eram realizadas as reuniões anteriormente, para chegar à periferia e descentralizar o movimento. Por esse motivo a Marcha da Maconha Brasília passou a ser chamada Marcha da Maconha DF em 2014. As reuniões eram bem tranquilas na maioria das vezes, formava-se um círculo e geralmente debatia em relação a uma pauta, não raramente a roda de conversa também virava uma roda de fumo, apesar de alguns organizadores não fumarem maconha durante a reunião. Algumas vezes as discussões ficavam acaloradas e todos falavam ao mesmo tempo, aí alguns organizadores pediam "questão ordem". Algumas questões polêmicas eram votadas, ou concordadas. Também havia uma lista de *e-mails* com as informações das reuniões, esta lista também é outra eficiente ferramenta utilizada pelos organizadores e participantes da Marcha.

Durante as reuniões tentei ao máximo ficar neutro e observar como se dava a mesma (apesar de saber da impossibilidade disso). Levava sempre também um caderno de campo no qual anotava os dados obtidos. Também realizei observações participantes durante as reuniões, tentando participar delas de alguma forma. A quantidade de dados anotados durante as reuniões foi muito grande e seria inviável colocá-los aqui como no caderno de campo, desta forma decidi sintetizá-los.

O primeiro ponto a ser destacado refere-se aos locais definidos para as reuniões. Todos os locais escolhidos tem alguma relação com a cultura da maconha, são locais onde se consome e onde as vezes também ocorre tráfico de drogas; Praça do D.I, Praça dos Eucaliptos na Ceilândia, *Skate Park* do Riacho Fundo e Núcleo Bandeirante, e também o *Skate Park* de Águas Claras. Interessante notar que das dez reuniões, sete delas foram realizadas em *Skate Park's* da cidade, as outras três foram realizadas em locais já mais tradicionais, fora desta lógica itinerante. Estes locais mais tradicionais são: Praça Zumbi dos Palmares, em frente ao Conic, e o "Bar Raizama", onde eram realizadas as reuniões nas edições anteriores. O número de pessoas que participaram das reuniões variava muito, na reunião de Águas Claras apenas 3 pessoas participaram, já na reunião no Bar

---

<sup>16</sup> Ir para a periferia.

Raizama compareceram mais de 15 pessoas. Interessante pontuar que as reuniões onde compareceram mais pessoas foram justamente nestes locais mais tradicionais, na Praça Zumbi dos Palmares e no Bar Raizama.

Durante a primeira reunião na Praça Zumbi até se debateu a eficiência das reuniões itinerantes, as pessoas da periferia não iam as reuniões, como era esperado. Apenas alguns moradores destes locais iam as reuniões mas não continuavam na organização posteriormente e os organizadores da Marcha permaneciam sendo apenas sempre os mesmos. O fato de cada reunião ser em um lugar diferente fazia também que muitos dos organizadores faltassem a reunião. A ideia de levar o movimento social a todos os lugares, mobilizar a periferia para a reunião não estava dando muito certo, então houve essa discussão: A proposta das reuniões itinerantes foi boa ou não? Não seria o centro do Plano Piloto um melhor local para mobilizar a periferia, já que ficava mais central para todos? Durante as reuniões que observei Samuel foi o organizador que mais compareceu, os outros organizadores que mais compareceram foram respectivamente: Daniele, Danilo, Marcello, Constança, Bebel, Priscila, Henrique e Helson.

Uma das reuniões mais interessantes foi a primeira, na Praça do D.I em Taguatinga. Poucas pessoas apareceram, apenas Danielle, Samuel, Danilo e Priscila. A Praça do D.I em Taguatinga é um local conhecido por ter um público *underground*, alternativo. Não conhecia bem a praça, mas observei que lá havia uma pista de *skate*, alguns bancos e um posto da polícia. Percebi que muitos ali estavam andando de *skate*, a maioria jovens, e que outros ficavam jogando dama, geralmente pessoas mais velhas. Muitos passavam o tempo nos bancos, outros tocavam violão. Observei que havia muitas pessoas em situação de rua na praça, alguns usuários de outras drogas como crack e álcool.

Na praça é muito comum sentir o cheiro da maconha, enquanto esperava os organizadores chegarem a reunião observei várias pessoas enrolando seus baseados<sup>17</sup> ali mesmo a poucos metros do posto da polícia e fumando. Percebi também que havia o tráfico de drogas na praça, observei alguns menores vendendo,

---

<sup>17</sup> Cigarros de maconha.

fazendo corre<sup>18</sup>, ali mesmo. É interessante pontuar que não havia nenhum tipo de conflito com a polícia no local, até porquê o posto estava vazio.

Muitos pontos colocados nesta primeira reunião seriam debatidos posteriormente, ou mesmo as ideias que iriam ser postas em prática durante a Marcha já começavam a ganhar forma. A primeira pessoa que encontrei foi Danielle, ela lembrou-se de mim e conversamos um pouco na praça enquanto esperávamos os outros integrantes que ainda estavam por vir. Pouco depois chegaram Danilo, Samuel e Priscila. Uma forte chuva acabou caindo e nós acabamos por nos abrigar em um dos bares ao lado da Praça do D.I, onde então esta reunião acabou acontecendo.

É importante pontuar que nessas primeiras reuniões da Marcha, Dani teve um papel preponderante dentro da organização. Mais do que uma reunião com pautas definidas, elas aconteciam de uma forma bem descontraída. Durante a primeira reunião, por exemplo, conversamos sobre o movimento enquanto tomávamos cerveja no bar, Priscila também era nova na organização da Marcha, então os organizadores acabaram contando um pouco da história da Marcha nesta ocasião. Outro ponto interessante é que Priscila chegou a organização da Marcha por meio da Dani, que já a conhecia de outros movimentos sociais, principalmente o movimento negro e o movimento LGBT, além de serem amigas. Através de Dani, Priscila teve também alguma participação na Marcha, falando um pouco do movimento feminista e negro durante as reuniões e também no debate da Marcha da Maconha. Não só Priscila, mas várias outras colegas de Dani participaram de outras reuniões da Marcha acompanhando e dando algumas sugestões. Danielle também me contou que entrou na Marcha desta forma, através de Bebel que conheceu do movimento feminista. Conversei um pouco com Dani sobre essa questão da transversalidade da Marcha da Maconha, a questão da Marcha ter relações com outros movimentos ativistas e com outros movimentos sociais. Falamos também das várias "tribos" que são ligadas a maconha e que comparecem na Marcha da Maconha, como skatistas, grupos LGBT's e feministas, "regueiros", dentre outros.

---

<sup>18</sup> Vendendo drogas.



## O que me lembrou os argumentos de Piccolo (2003)

"Tenho como pressuposto que as pessoas que usam drogas não formam um grupo no sentido estrito do termo, pois são muito diferentes entre si. Essa diversidade se expressa tanto no que diz respeito à classe, à posição e à trajetória social quanto às substâncias que utilizam e às experiências pelas quais já passaram com o uso dessas substâncias." (PICCOLO, 2003, p 56-57)

Outro ponto sempre comentado é sobre a organização do movimento. Como menos de 10 pessoas conseguem organizar uma Marcha com 5.000 pessoas? Era sempre essa a indagação, que me parecia vir com um ar de orgulho e superação, mas também de decepção pelo fato de poucas pessoas serem ativas na organização do movimento. Lembro-me que numa das últimas reuniões Marcello pontuou: "Como só vem cinco pessoas para a reunião na capital do País?".

Em um momento falou-se muito sobre a história da Marcha da Maconha de Brasília, a primeira Marcha, que teve o nome de Movimento Verde, e as primeiras Marchas da Maconha, que começaram em 2008-2009. Como os organizadores presentes (Danilo, Samuel e Dani) são mais antigos na organização eles lembraram daquela Marcha com certo ar de recordação, uma espécie de mito de origem da Marcha que sempre era recordado durante algumas reuniões, principalmente as que estes organizadores originários estavam presentes. Foi interessante observar e compreender um pouco das memórias da Marcha com estes integrantes.

Em outra Reunião na qual Bebel acompanhou, ela recordava como era a tensão e o medo de segurar a bandeira da Marcha naqueles tempos que a Marcha ainda não era liberada. Falou-se muito dessa repressão policial naqueles tempos, do trajeto percorrido pela Marcha pela primeira vez, que em parte foi definido fugindo da polícia e da imprensa, como se empolgava Danilo recordando. Falou-se muito também da primeira "folha humana", que foi realizada pela primeira vez por menos de dez pessoas. Recordaram também de alguns organizadores que não participavam mais da Marcha, como Bebel, que havia saído da organização, mas que esteve presente em algumas reuniões, e Letícia, que havia falecido há pouco tempo durante um acidente de ônibus enquanto ia para uma festa de música eletrônica. Esse fato inclusive abalou muito os organizadores da Marcha e era sempre comentado, segundo eles a sua alegria e participação na organização da Marcha faziam muita falta dentro do grupo.

Em relação a questão de conflito com a polícia, falou-se que a partir da Marcha de 2011 a Marcha da Maconha pode acontecer mais tranquilamente devido a decisão do Superior Tribunal Federal (STF). Essa decisão do STF foi um marco para este movimento social pois liberou de vez a realização das Marchas em todo o país, já que alguns tribunais inferiores julgavam as Marchas ilegais alegando que faziam apologia ao crime. Ainda sobre essa questão trago um trecho de uma matéria sobre o assunto que saiu no site do STF no dia 15 de julho de 2011. Segundo a matéria<sup>19</sup>:

"Segundo ele (Ministro Celso de Mello), a "Marcha da Maconha" é um movimento social espontâneo que reivindica, por meio da livre manifestação do pensamento, "a possibilidade da discussão democrática do modelo proibicionista (do consumo de drogas) e dos efeitos que (esse modelo) produziu em termos de incremento da violência". Além disso, o ministro considerou que o evento possui caráter nitidamente cultural, já que nele são realizadas atividades musicais, teatrais e performáticas, e cria espaço para o debate do tema por meio de palestras, seminários e exibições de documentários relacionados às políticas públicas ligadas às drogas, sejam elas lícitas ou ilícitas.

Celso de Mello explicou que a mera proposta de descriminalização de determinado ilícito penal não se confunde com o ato de incitação à prática do delito nem com o de apologia de fato criminoso. "O debate sobre abolição penal de determinadas condutas puníveis pode ser realizado de forma racional, com respeito entre interlocutores, ainda que a ideia, para a maioria, possa ser eventualmente considerada estranha, extravagante, inaceitável ou perigosa", ponderou".

Apesar disso, segundo os organizadores, sempre havia alguma troca de farpas na relação com a polícia, seja porque ela "tampava" a visão da Marcha com os ônibus da polícia (como aconteceu em 2013), ou porque eles abordavam os participantes que iam em direção à Marcha. Mas nada como antes de 2011, onde a Marcha era impedida de acontecer, e de fato acontecia impasses mais sérios com a polícia, apesar de nada ser comparável a repressão sofrida em Marchas de outros estados, principalmente a Marcha de SP de 2011<sup>20</sup>. Muito se falou também da famosa Marcha da Pamonha de 2011, que todos recordavam com um sorriso no rosto. Esta foi a última Marcha da Maconha em Brasília a ser proibida, e que levou

---

<sup>19</sup> Ver reportagem em: <http://www.stf.jus.br/portal/cms/verNoticiaDetalhe.asp?idConteudo=182124> consultado em 08 de março de 2015

<sup>20</sup> Ver reportagem: <http://www1.folha.uol.com.br/multimedia/videocasts/919102-policia-agride-reporter-e-manifestantes-na-Marcha-da-maconha-em-sp-veja.shtml> consultado em 8 de março de 2015

este nome pelo fato de não se poder usar o nome maconha durante a manifestação, tornando-se por fim uma Marcha pela liberdade de expressão<sup>21</sup>.

Logo os organizadores me explicaram que antes da Marcha acontecer sempre havia uma reunião com a Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP-DF), para falar do trajeto da Marcha, do número de pessoas esperados. Durante a reunião, com representantes da polícia civil, militar, defesa civil e bombeiros, os organizadores disseram que falavam um pouco de como era o evento e da questão do uso da maconha durante a Marcha. Em relação ao uso da maconha durante a Marcha, os organizadores sempre dizem que são contra fumar maconha durante a Marcha, afirmando isso na Secretaria, mas segundo Dani: " A parceria com o estado é muito melhor (...) a questão de ser proibido fumar agente reforça mais para legitimar o movimento e conseguir apoio do estado (...) Agente boicota a polícia, é um movimento de rua". Mas como ela mesma afirmou, durante as reuniões a posição da polícia é de que se ver alguém utilizando maconha durante a Marcha ela vai agir, o que não acontece na prática muitas das vezes.

Outro ponto muito relevante durante a reunião foi a questão do deslocamento da Marcha, da espacialidade. Falou-se do simbolismo de se passar em frente ao STF, já que um dos argumentos levantados pelo grupo é a inconstitucionalidade da lei de drogas, e pelo fato de estar em Brasília, no centro político, em meio ao poder: "Está na maquete, em frente ao poder", como argumentou um dos organizadores. A partir daí falou-se da trajetória que geralmente a Marcha segue, o trajeto clássico: concentração no Museu da República às 16h, aonde acontece a oficina de cartazes para a Marcha, depois às 16h20min onde segue-se para a Esplanada dos Ministérios contornando o Congresso Nacional. Após isso a Marcha estaciona em frente ao STF e a também já tradicional folha humana em formato da folha da *Cannabis* é feita com a ajuda dos manifestantes que ficam perfilados. Por fim a Marcha segue em direção a rodoviária do Plano Piloto. Vale antecipar que durante a Marcha de 2014 o trajeto realizado acabou não sendo este tradicional, já que devido ao contexto, de leis que tratam sobre a regulamentação da Maconha tramitando no Congresso, a Marcha deveria ir para lá.

---

<sup>21</sup> Ver reportagem: <http://g1.globo.com/distrito-federal/noticia/2011/06/justica-do-df-barra-Marcha-da-maconha-em-brasilia.html> consultado em 08 de março de 2015

A Marcha então às 16h20min, ao invés de ir para a Praça dos Três poderes, em frente ao STF, estacionou em frente ao Congresso, onde a folha também foi feita.

No ano de 2014 a Marcha terminou no Museu Nacional, espaço onde também se faz uso regular de maconha e onde muitos jovens andam de *skate*, além de acontecerem também vários shows e eventos culturais. Dani falou que tinha um contato no museu, e que poderia de alguma forma utilizar do espaço para contribuir com a realização da Marcha, foi aí que se teve a ideia de utilizar o museu durante a Marcha de 2014.

Outra questão que apareceu durante as reuniões foi o fato da Marcha da Maconha ser um movimento apartidário, horizontalizado, com certa tendência "anarquista". Durante a 1ª reunião, e durante as posteriores, uma das maiores preocupações foi em relação ao aparelhamento da Marcha com partidos políticos, principalmente em relação com a proximidade com as eleições, podendo haver algum tipo de apropriação de partidos da pauta para proveito político. Outras preocupações constantes durante as reuniões foram a presença de *Black Blocks* no dia da Marcha, e também a repressão policial que vinha acontecendo aos movimentos sociais, neste contexto pós manifestações de Junho de 2013 e pré Copa do Mundo de 2014. Também se especulava que isso poderia atrapalhar a adesão de pessoas a Marcha deste ano.

Durante as reuniões foi debatida a proibição de bandeiras de partidos durante a Marcha, já que "a Marcha é um movimento civil, sem construção por partidos". Esse foi também outro ponto que se estenderia a situações posteriores, como quando o coletivo "Juntos" foi alertado para não levar bandeiras. Interessante pontuar, como já colocado aqui anteriormente, que apesar de se dizer um movimento apartidário, algumas das pessoas que participam da Marcha são ligadas ou filiadas a partidos, principalmente ao PSOL. Durante o período das reuniões pré Marcha muito se falou do possível assédio dos políticos em cima da Marcha da Maconha, um temor de que a pauta da maconha e a Marcha da Maconha se aparelhassem a partidos, e que o movimento fosse usado apenas para ganhar alguma visibilidade política. Ao conversar com outros organizadores descobri também que outros manifestantes são ligados ao PSOL, como Samuel. Ele me contou que dentro do PSOL havia um setorial de políticas sobre drogas. Em relação

ao assunto, durante os momentos mais acalorados, falou-se da: "Autopromoção dos partidos em cima da Marcha, um menosprezo a toda luta anterior dos ativistas!", uma espécie de apropriação da Marcha pelos partidos. Outra questão colocada foi o financiamento do movimento por partidos. Isso tiraria a autonomia do movimento? Seria oportunismo? Segundo Dani é muito diferente ser um militante autônomo e ser um militante de partido, "O PSOL vem para aparelhar mais não vai a Marcha", disse ela. Em reuniões posteriores comentou-se que a Marcha também não poderia ser um movimento de esquerda, inclusive um dos organizadores defendeu o direito de pessoas de direita de irem a Marcha em uma breve discussão com uma das organizadoras.

Assim como os partidos havia também os coletivos. Algumas experiências anteriores também foram comentadas em outras reuniões. Na 5ª reunião falou-se de um problema que aconteceu nas edições anteriores com o coletivo MLM. Esse coletivo ajudou a Marcha no orçamento mas não ajudou na organização (apenas Helson é integrante do MLM), e queriam que o orçamento fosse gasto da maneira deles, para promover o coletivo e não a Marcha, como disse Dani. Em um e-mail enviado posteriormente na lista da Marcha, Dani fala um pouco dos coletivos e partidos que poderiam ter alguma relação com a Marcha:

"Foi acordado em reunião que todos os movimentos convidados vão receber um convite formal contendo informações sobre a MM e o formato do evento. Ficam vedadas as bandeiras. Faixas, adesivos, camisetas, materiais impressos são bem vindos!

Acrescente os nomes e o contato dos grupos para receberem o convite!

PT (Partido dos Trabalhadores)  
PSOL (Partido Socialismo e Liberdade)  
MLM (Movimento pela Legalização da Maconha)  
Marcha das Vadias  
PSTU (Partido Socialista dos Trabalhadores Unificado)  
MPL(Movimento Passe Livre)  
MST (Movimento dos Trabalhadores Sem Terra)  
Bicicletada  
Triângulo Rosa  
Partido Pirata  
CUT (Central Única dos Trabalhadores)  
Fórum de mulheres  
Associação de *Skate*  
Ministério da Justiça  
Daimistas  
Meninos e meninas de rua  
CAPS (Centro de Atenção Psicossocial)."

Durante as primeiras reuniões falou-se muito de alguns coletivos e empresários alternativos que já ajudaram na organização da Marcha e que poderiam ajudar na edição de 2014, como o CannaCerrado e o *Reggae Bar Raizama*. Vale pontuar que um dos lugares onde aconteciam as reuniões da Marcha anteriormente, e onde aconteceu uma das reuniões, justamente a que deu mais pessoas, foi o Bar Raizama. O Bar que tem forte influência do *reggae* e é comandado por Jeremias, um homem com forte sotaque do Nordeste, mais especificamente de Pernambuco de onde creio que seja oriundo, que há tempos ajuda a Marcha daqui de Brasília. Segundo um dos organizadores, Jeremias estava lá na Passeata Verde, a passeata anterior a Marcha da Maconha. Ele também sempre ajuda com equipamentos e suporte durante a Marcha, e não foi diferente em 2014. Após um tempo afastado do ativismo canábico por problemas pessoais, Jeremias disse durante a reunião no Raizama:

"Ausentei-me por um tempo (...) O raizama continuará sempre sendo um apoiador da Marcha (...) quero ser o primeiro *Coffee Shop* da cidade!".

O Raizama foi também local de uma festa que aconteceu antes da Marcha da Maconha, chamada de *HempHour*. Esta festa foi organizada durante esta reunião no Raizama, e acabou acontecendo no dia 12/05/2014. O valor dos ingressos, que custavam simbolicamente R\$ 4,20, ajudou no caixa para a Marcha. Foi também durante esta reunião que Danilo e alguns representantes do CAFIL decidiram realizar a Rockonha dentro da universidade. A festa acabou acontecendo no dia 14/05/2014, mas não teve tanto apoio dos outros organizadores como o *HempHour*.

Durante as reuniões alguns integrantes do "Coletivo Apologia" apareceram e trouxeram algumas poucas contribuições efetivas para a Marcha. Outros coletivos como o "Juntos" também marcaram presença algumas semanas antes da Marcha e durante a manifestação, fazendo uma oficina criativa paralela para o dia da Marcha. O coletivo Apologia contribuiu fazendo um cine clube antes da Marcha chamado "THCine", com o documentário: "4.20: Horário de Brasília" do diretor Pedro Borges. Percebi então que outro coletivo participava ativamente da organização da Marcha, esse coletivo chama-se "Colheitivo Flor&Cultura". Formado por Marcello, Constança, Samuel e Henrique, esse coletivo era um dos núcleos da

organização da Marcha no ano de 2014. Foi aí que comecei a me dar conta, bem tardiamente é verdade, que a Marcha da Maconha não é um coletivo, mas na verdade é composta por vários coletivos. Vale ressaltar que tanto o Juntos, o Apologia e o Colheitivo Flor&Cultura são formados também em parte por pessoas ligadas ao PSOL. Outros coletivos como a "Cia Revolucionária Triângulo Rosa" também marcaram presença na Marcha sem participar efetivamente das reuniões.

Foi só na 7ª reunião que Constança, Helson e Henrique apareceram. A aparição destes organizadores abalou a hegemonia que Dani tinha durante as reuniões anteriores.

Para melhor compreensão destes personagens envolvidos e da narrativa vou descrevê-los rapidamente, como já fiz anteriormente com os outros organizadores.

Constança tem 26 anos, é uma moça baixa, branca que sempre está de óculos e que sempre via com sua camisa verde escrito "*Cannabis cura*" em vários locais, levando o ativismo canábico aonde ia. Ela faz doutorado em Filosofia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Também é uma das organizadoras que não conhecia até então, mas nos demos muito bem. Constança é de Brasília, mas saiu para cursar filosofia na UFRJ e por algum motivo acadêmico acabou voltando aqui para Brasília, quando entrou na organização da Marcha. Também me disse durante a entrevista que morou um pouco em Portugal e que conheceu a Marcha da Maconha por lá; "A Marcha mundial da Maria Joana", como dizia brincando com sotaque Português. Neste tempo que passou em Brasília Constança foi aprovada em um concurso público para professora temporária e dava aulas de Filosofia no Paranoá. Morava em uma espécie de chácara perto de Brasília e é nova na organização da Marcha, só participa a duas edições. Ela também é militante de outros movimentos sociais, assim como Dani tem ligações com o movimento feminista e sempre falava um pouco destes outros movimentos dentro das reuniões e da Marcha. Constança também participava sempre de manifestações contra a copa do mundo de 2014. Ela também assume ter uma personalidade difícil, do tipo "falo merma", como disse. E realmente pude comprovar isso a observando no Congresso e nas reuniões da Marcha, onde sempre soltava alguma indireta. Ela

também me parecia gostar de um ativismo mais intervencionista, durante uma das reuniões na Praça Zumbi também a vi fazendo alguns *estencil's* com o desenho da folha da *Cannabis* nos totens publicitários e no banco aonde acontecem as reuniões. Constança também acompanhou algumas audiências na Câmara e no Senado Federal, e por lá também não deixou de provocar os opositores da maconha. Também sempre a via fazendo alguns *post's* e fazendo uma certa vigilância da página no *facebook*. Um exemplo foi um *post* que ela colocou, falando alguma coisa da direita e que certas pessoas não poderiam ir à Marcha. Henrique então disse que era absurdo esse tipo de coisa, dizendo que mesmo as pessoas sendo de direita, sendo "reaça" poderiam ir à Marcha. Henrique então apagou os *post* da Constança da *fanpage* da Marcha. Em outra reunião ela me contou que fazia certa vigilância na página chegando até a expulsar alguns usuários que colocam comentários que ela considerava inadequados, como parentes dos jovens que falavam mal da Marcha, e pessoas que falavam que maconha nada tem haver com racismo, ou feminismo, por exemplo. O que ela chamou de "bananismo" do *facebook*. Constança acabou voltando para o Rio de Janeiro para concluir seus estudos na universidade e por isso talvez tenha de se desligar da organização da Marcha nos próximos anos.

Já Henrique também é um dos mais novos entre os organizadores, tanto na idade quanto no tempo que é da organização. Ele participa da Marcha há apenas duas edições. Também era um dos organizadores que eu já conhecia, por ser do curso de Ciências Sociais da UnB. Henrique é um rapaz bem branco, chama atenção também por algumas tatuagens e tem 20 anos, mora em uma pequena quitinete no Plano Piloto e é de Curitiba, Paraná. Ele veio para Brasília por causa de uma namorada e acabou ficando por aqui mesmo após este relacionamento não ter dado certo. Além de estudar na UnB também estuda no Instituto de Ensino Superior de Brasília (IESB), onde faz direito. Seus pais, com quem não tem bom relacionamento, também não moram em Brasília mas o ajudam a se manter na cidade. Já o conhecia há algum tempo e Henrique me ajudou muito durante a pesquisa, sendo um ótimo colaborador. Ele também se dá bem com todo grupo, e às vezes serve de mediador dos conflitos entre os organizadores quando os ânimos se exaltam. Apesar de não ter comparecido a maioria das reuniões, quando ele ia



acabava por ter um papel importante, sempre dava boas ideias e segurava os ânimos mais exaltados.

Voltando às reuniões, foi com a aparição destes organizadores que a dinâmica das reuniões ficou bem diferente. Durante a 7ª reunião em muitos momentos o clima ficou tenso, uma das organizadoras jogava sempre indiretas para a outra em forma de críticas, e em alguns momentos Dani chegou a comentar: "Gente, vamos fazer esta Marcha com muito amor, apesar das nossas diferenças vamos fazer isso juntos!". Vale lembrar que essa foi a última reunião que Dani participou, e quando ela se retirou desta reunião uma outra acabou acontecendo apenas com os outros organizadores.

O primeiro ponto de discordância, pelo que entendi, é a questão do aparelhinho. Como descrito anteriormente, o aparelhinho é uma espécie de carrinho de som que já foi utilizado em outras edições da Marcha da Maconha. Mais do que apenas um carrinho de som, o aparelhinho é uma verdadeira mesa de som com rodas que pode ser empurrado pelas pessoas e que também é utilizado em outros eventos da cidade. Quando ligado aos computadores dos DJ's com suas potentes caixas de som o aparelhinho impressiona, apesar do seu tamanho relativamente pequeno. Estes DJ's são também bastante conhecidos nos circuitos de festas de Brasília, e sempre fazem festas, eventos.

Pelo que compreendi posteriormente, durante as entrevistas com os organizadores, Dani tem certa resistência em relação ao aparelhinho exatamente porque cria um clima de festa na Marcha, e também porque um dos DJ's que sempre tocam o aparelhinho já teve divergências com alguns organizadores em edições anteriores. Durante a primeira reunião Dani até comentou dos temores da Marcha acabar virando uma festa, "igual a parada Gay", como argumentou. Durante essa reunião paralela, os organizadores restantes então comentaram: "com a Dani na organização não é possível usar o aparelhinho de forma independente". Lembrando que estavam presentes Samuel, Helson, Marcello, Constança e Henrique. Logo esse grupo de organizadores decidiu cuidar do aparelhinho por conta própria.

Durante as reuniões muitas ideias apareceram, os organizadores se empolgavam muito com o que poderia ser feito durante a Marcha. Tinha-se em mente o dia canábico; com oficinas criativas, workshops, GT's, debates, palestras, uma banca de vendas da Marcha da Maconha em parceria com empresários alternativos, um show ao final da Marcha, o que duraria até às 22h. Falou-se até em um cineclube canábico no mesmo dia. Também tinham a ideia de chamar um amigo para fazer projeções no Museu Nacional. Com o tempo ficou claro que não seria possível realizar tudo isso, ou mesmo uma pequena parte, já que a Marcha é limitada pela questão orçamentária e também pela pequena quantidade de organizadores e colaboradores, e isso ficou claro durante várias reuniões. Dani chegou a alertar várias vezes da dificuldade e desgaste que seria fazer a Marcha, o debate e ainda um show no mesmo dia.

Muito do que era realizado pela organização vinha também através das relações pessoais dos organizadores que participavam das reuniões. Durante as reuniões sempre perguntava-se: quem conhece alguma banda que possa tocar durante a Marcha? Quem conhece um iluminador? Quem pode ajudar "nisso ou naquilo"? Por fim, durante as reuniões muitas dessas ideias foram abortadas e os horários mudados para facilitar as coisas e se adaptar a realidade de baixo orçamento e poucos colaboradores, além das dificuldades de conseguir algumas autorizações, como a do IPHAN.

A questão do orçamento da Marcha também foi debatida, sugeriu-se a confecção de camisetas para a venda e a confecção de calendários para arrecadar dinheiro. Em outras edições foram feitas camisetas na hora, bastava levar uma camiseta branca para fazer um *stencil* lá mesmo, mas segundo os organizadores a ideia não deu muito certo, já que era muito trabalhoso e não satisfatório o resultado. Alguns calendários haviam sido elaborados em parceria com o coletivo CannaCerrado nos anos anteriores, mas o coletivo não participou ativamente da organização da Marcha de 2014. Durante as festas da Marcha em 2012 havia também uma banca com alguns livros para a venda para arrecadação de recursos.

Sugeriu-se então a criação de uma vaquinha on-line para arrecadar dinheiro através de doações pessoais pela *internet*, o que foi um completo fracasso, ninguém acabou contribuindo. Danilo se empolgou muito com a ideia da realização

de uma rifa vendendo parafernália para uso de maconha, como sedas<sup>22</sup>, dichavadores<sup>23</sup> e etc. Esta ideia também não deu certo.

Foi durante as reuniões que descobri que pessoas e empresários já haviam financiado a Marcha, uma delas um empresário de Brasília, dono de uma rede de lanchonetes, e o vereador carioca Renato Cinco (PSOL-RJ). Apesar de tudo, comentou-se que o orçamento é sempre muito curto; entre R\$ 500 e R\$ 3.000, e que nunca dá para fazer o que se quer. Durante a última reunião a organização da Marcha não havia arrecadado nada até então, e Marcello ainda atrás de recursos, desabafou: "A garotada não pode ser fonte de renda, tem de se pensar nos empresários", disse ele após comentários sobre a vaquinha online. Já durante as primeiras reuniões vi que Marcello era bem importante para o grupo em relação a esta questão orçamentária. Marcello propôs que organizassem tudo em uma planilha e fizesse um orçamento, e que tentaria captar recursos com seus contatos demonstrando o orçamento.

Apesar de um orçamento bem elaborado, em 2014 a Marcha não conseguiu captar muitos recursos. Na verdade até poucos dias antes da Marcha os organizadores não haviam conseguido captar quase nenhum recurso além do dinheiro conseguido no *Hemp Hour* e do dinheiro que saiu do bolso de alguns organizadores. Mas já perto do dia da Marcha, o Vereador Renato Cinco disponibilizou R\$ 1.000 que "salvaram" o evento. Devido a estas incertezas orçamentárias algumas das várias ideias já comentadas para o dia da Marcha foram abortadas. Seria inviável fazer festa, show, debate, e por isso acabou que as festas foram feitas em outros dias, a Rockonha na UnB e o *Hemp Hour* no Bar Raizama. Também pelo fato ser inviável fazer uma festa, é que o uso do aparelhinho ganhou mais apoio entre os organizadores, pois ele por si só já transmite um clima de festa e pode ir se movimentando junto com a Marcha. Foi então próximo ao dia da Marcha que os organizadores, inclusive Dani, se juntaram para pegar o aparelhinho que estava na garagem de um colaborador para pintá-lo para a Marcha. Os horários também mudaram durante as reuniões, a ideia era que o debate fosse antes da Marcha, mas acabou que o debate ficou mesmo para o fim da Marcha. Já a data

---

<sup>22</sup> Papel para enrolar cigarro.

<sup>23</sup> Apetrecho para preparar a maconha para ser fumada. Esmiúça a erva para ficar pronta para enrolá-la em um cigarro.

sugerida para a Marcha permaneceu a mesma desde a primeira reunião, dia 23 de maio.

Muito também se falou da realização dos *flyers* e do material gráfico, inclusive do material virtual a ser divulgado pelo *facebook*, assim como os cartazes. Em relação a este ponto mais especificamente houve algumas discussões, principalmente na reunião no Raizama. Falou-se em elaborar 10 mil panfletos de divulgação e 5 mil panfletos informativos, mas algumas pessoas foram contra a ideia dos panfletos. Segundo eles não tinham grande alcance e tinham um alto custo, na maioria das vezes também servia como uma espécie de *souvenir* da Marcha. O mesmo acontecia com os cartazes, que sempre eram roubados por alguém com este fim. As artes divulgadas na *internet* também estavam fazendo muito sucesso e tinham mais alcance, até porque os organizadores pagaram o *facebook* para aumentar o alcance das publicações, e os colaboradores criadores das artes podiam compartilhar facilmente suas criações. Uma ideia que surgiu foi a de imprimir em um papel A4 algumas destas artes e tirar cópias, diminuindo assim o custo e podendo ser utilizado para a divulgação, mesmo sem aquele apelo estético que os tradicionais *flyers* da Marcha tem. Apesar de toda discussão, a questão orçamentária pesou e essa foi uma das únicas Marchas da Maconha que não teve uma publicidade impressa, apenas virtual.

Durante as últimas reuniões começou-se a falar muito do projeto de lei elaborado por André Kiepper, que era o assunto no momento entre os ativistas e que posteriormente me levou ao Congresso Nacional para observar as audiências oriundas desta proposta. Este projeto, denominado oficialmente de SUG 8/2014, foi elaborado por Kiepper, funcionário da Fiocruz do Rio de Janeiro, através de uma nova iniciativa legislativa chamada "e-cidadania". Este programa funciona por meio da *internet*, pelo portal do Senado Federal. Através dele qualquer cidadão pode sugerir um projeto de lei, caso este tenha mais de 10.000 signatários em quatro meses, será remetido à Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa (CDH) a fim de ser apreciada pelos senadores. Foi este o caso do projeto proposto por Kiepper, que em poucas semanas recebeu mais que as 10.000 assinaturas necessárias.

A proposta foi a seguinte: "regular o uso recreativo, medicinal e industrial da maconha". O projeto foi então para a Comissão de Direitos Humanos, Defesa do Consumidor e Legislação Participativa (CDH), e Cristovam Buarque (PDT-DF) foi sugerido como relator, e acabou aceitando.

Outro fato que aconteceu durante o tempo que acompanhava as reuniões foi o caso da menina Anny de Brasília, que se relacionou com o debate do uso medicinal da maconha. Já utilizada para este fim em vários países do mundo, no Brasil o tema nunca tinha tido muita repercussão até que o documentário "Illegal" (2014), dirigido por Tarso Araújo e Raphael Erichsen, mostrou o caso da menina Anny, de cinco anos, que é portadora de uma rara síndrome que provoca muitas convulsões. Um extrato da planta da *Cannabis* chamado *Canabidiol* (CBD) pode ser utilizado para aliviar as convulsões que atacam a menina. O problema é que esse extrato é ilegal por ser derivado da planta que origina a maconha. O documentário demonstra o drama da família para ter acesso a esse extrato. Mas ele teve mais repercussão ainda quando uma matéria do programa "Fantástico" foi ao ar falando do caso da menina Anny e do drama de seus pais, Norberto Fisher e Katiele Fisher, para ter acesso ao extrato. Para isso eles importavam o medicamento dos Estados Unidos ilegalmente, mas um dia o extrato foi apreendido pela ANVISA. Após a matéria do Fantástico ir ao ar, um Juiz do Distrito Federal liberou o medicamento a base de CBD, tendo a ANVISA de acatar com a decisão. Isso gerou jurisprudência para casos posteriores.

Voltando às reuniões, foi na terceira reunião que Dani avisou ter conseguido o Museu Nacional para a realização do debate e da festa, e que seria necessário entrar em contato com a Companhia Energética de Brasília (CEB), e com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), para negociar como ficaria a utilização da luz e a utilização do espaço para a festa, já que o IPHAN é responsável pelo Museu Nacional. Também foi aí que começou-se a sugerir entre os organizadores, quem convidariam para participar deste debate, o que duraria até a última reunião. Dentre os nomes citados nas reuniões estão: o deputado do PSOL-RJ Jean Wyllys, o professor da UnB Renato Malcher, o deputado do PT-SP Paulo Teixeira, a professora da UnB Isabela Oliveira, o deputado do PV-RJ Eurico Júnior, o antropólogo Sergio Vidal, o vereador do PSOL-RJ Renato Cinco, e a deputada do

PT-DF Erika Kokay. Também cogitava-se chamar o autor da SUG nº8 André Kiepper, a professora da UnB Beatriz Vargas, o organizador da Marcha Marcello Pedroso e também o senador Cristovam Buarque do PDT-DF.

Dos nomes citados acima, penso que seria interessante destacar alguns deles para melhor contextualizar o que ocorria em relação ao debate da regulação da maconha no Brasil durante o período da pesquisa, e para melhor compreensão do texto mais à frente.

O ano de 2014 foi muito especial em relação ao debate da regulamentação da maconha no Brasil, o assunto tramitava pelo Congresso Nacional através de 3 projetos, o de Jean Wyllys (PSOL-RJ), o de Eurico Júnior (PV-RJ) e de André Kiepper, todos os projetos tem em comum o fato de quererem regulamentar o uso da maconha no Brasil. As nomenclaturas corretas destes projetos são; PL 7187/2014 de autoria do deputado Eurico Júnior (PV-RJ), PL 7270/2014 de autoria do deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) e a SUG 8/2014 de Kiepper, que até a conclusão deste trabalho continuavam a tramitar pelo Congresso.

Devido a este contexto foi decidido durante as reuniões que o assunto do debate seria: "Modelos de regulamentação da Maconha no Brasil". Por fim a maioria dos convidados não participou do debate. Jean Wyllys acabou fazendo uma chamada para a Marcha da Maconha de Brasília com a ajuda de Helson, mas também disse que não poderia comparecer a Marcha de Brasília, apesar de ter comparecido na Marcha do Rio de Janeiro. Eurico Júnior, Cristovam Buarque e André Kiepper argumentaram também que não poderiam comparecer. Até a última reunião não se havia definido ao certo quem seriam os participantes do Debate. Posteriormente ficou combinado pelos organizadores que o debate seria feito com: Isabela Oliveira, Marcello Pedroso, Renato Malcher e Priscila.

Durante a última reunião falou-se muito sobre quais poderiam ser as frases para colocarem nas faixas principais da Marcha: "Deus fez a maconha", "Maconha cura", "Maconha medicinal, melhor prevenir do que remediar", "Princípio ativo sem fim lucrativo", "Libertem Ras Geraldinho<sup>24</sup>", "STF", Racismo (tema), e

---

<sup>24</sup> Em referência ao líder da Igreja Rastafári "Niubingui Etíope Coptico de Sião", que foi preso por plantar maconha em sua igreja. Apesar de o líder afirmar que a plantação era para uso religioso, um direito constitucional segundo ele, foi acusado e preso por tráfico de drogas.

slogans como: "Venha com a cabeça feita", foram algumas das sugestões sugeridas, principalmente por Marcello. Pensou-se também em elaborar um informe oficial da Marcha com informações do tipo: quem somos, o que é a Marcha, a importância de 2014, porquê essa Marcha tem de ser a mais bonita e a maior de todas, orçamento (prestação de contas) e o que queremos fazer, como sugeriu novamente Marcello. Ainda antes da Marcha (no dia 18/05/2014), houve uma oficina criativa no Parque da Cidade para elaboração de cartazes e de preparação para a Marcha.

Enquanto aconteciam as reuniões, tive a sorte das discussões envolvendo os usos da maconha tenham chegado também ao Congresso Nacional exatamente durante meu campo. Penso que foi interessante, pois assim pude acompanhar como a questão se desenvolveu nesse campo político, e como os atores envolvidos nessa questão constroem seus argumentos, tanto a favor quanto contra a maconha. Creio que também pode ajudar o leitor a contextualizar um pouco os acontecimentos em relação a maconha e a política de drogas. As comissões começaram no dia 6/5/2014. Lá pude também acompanhar alguns dos organizadores da Marcha que foram para as audiências.

## Capítulo 3

### Maconha no Congresso Nacional

Durante as reuniões os organizadores da Marcha me convidaram para participar das audiências que aconteceriam na Câmara e no Senado. Também houve convites enviados pelo *facebook* para participar. Participei ao todo de audiências em 3 comissões: Comissão de Legislação Participativa, na Câmara dos Deputados no dia 6/5/2014, Comissão de Constituição, Justiça e Cidadania (CCJ) no Senado dia 20/05/2014 e também na Comissão de Direitos Humanos e Legislação Participativa do Senado Federal (CDH) no dia 02/06/2014.

A primeira audiência ocorreu por conta do "lobby da maconha", como será explicado logo à frente. Já as outras audiências foram oriundas da iniciativa popular de André Kiepper, que teve o senador Cristovam Buarque como relator. Devido a grande quantidade de dados obtidos será necessário sintetizar um pouco destes dados para descrevê-los aqui.

A primeira audiência que acompanhei foi marcada pela oposição a regulamentação da maconha, uma reação as propostas legislativas que buscavam alternativas para lidar com a questão, como a do deputado Jean Willys e do deputado Eurico Júnior.

Esta audiência foi convocada pelos opositores destas propostas, principalmente o Partido Socialista Cristão (PSC). O tema foi: "Riscos e impactos Associados à Legalização da Maconha". Um documento que encontrei descreve por si a audiência. Segundo o documento da Sugestão nº 131 de 2014 de autoria do instituto FICAR enviado para a Comissão de Legislação Participativa:



"Há um intenso lobby no país que tem como objetivo promover a legalização da maconha em sentido amplo - produção, comercialização e consumo. Tal lobby se apresenta sob diversas formas: artigos na imprensa, opiniões de pessoas influentes e desinformadas e manifestações de rua como as "Marchas da maconha", que ocorreram em diversas capitais do país. Esse trabalho de promoção da legalização da maconha culminou recentemente com a apresentação do Projeto de Lei nº 7.270 de 2014, de autoria do Sr. Jean Wyllys (PSOL-RJ) que "regula a produção, a industrialização de *Cannabis*, derivados e produtos de *Cannabis*".

O primeiro convidado a falar foi Ronaldo Laranjeira. Laranjeira é bem conhecido pelos organizadores da Marcha e pelos ativistas da maconha, sendo visto como um ferrenho "proibicionista", também sempre é alvo de deboche e brincadeiras por parte dos pró-maconha, que discordam radicalmente do seu ponto de vista. Essa foi a primeira vez que o vi pessoalmente. Ronaldo é professor da Universidade Federal de São Paulo (Unifesp) e diretor do Instituto Nacional de Políticas de Álcool e Drogas do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). A segunda convidada a falar foi a psicóloga Analice de Paula Gigliotti, que me pareceu compartilhar muitos dos argumentos de Laranjeira. Analice também disse representar a Associação Brasileira de Psicologia (ABP) durante esta e a segunda comissão. Os argumentos utilizados por eles tem como perspectiva o ponto de vista da saúde pública e tem como principal ponto a defesa da juventude. Segundo eles há uma glamorização do uso da maconha, "a mesma que ocorreu com a indústria do tabaco décadas atrás", como argumentou Analice nesta e em outra comissão. Segundo eles a diminuição da percepção do risco de se usar maconha, faz com que os jovens comecem a fumar mais maconha, colocando essa parcela da população em risco. Segundo Laranjeira<sup>25</sup>:

"62% dos usuários de maconha começaram antes dos 18 anos de idade. Esse número de pessoas experimentando maconha pela primeira vez deve aumentar exatamente nessa população de menores de idade".

Laranjeira defendeu também que tem de haver um maior combate às drogas, uma política nacional mais eficiente em relação ao álcool e drogas. Citou dados que dizem que a maconha provoca DPOC (doença pulmonar obstrutiva crônica) e que pode causar esquizofrenia e surtos psicóticos. Aliás, esse é outro dos argumentos mais utilizados contra o uso recreativo da maconha por parte dos

---

<sup>25</sup> Sobre a audiência na Câmara ver em:  
<http://www2.camara.leg.br/camارانoticias/noticias/SAUDE/467325-PESQUISADORES-CRITICAM-EM-DEBATE-LIBERACAO-DO-USO-DA-MACONHA-NO-BRASIL.html> consultado em 08 de março de 2015

proibicionistas. Eles sempre citam dados de uma pesquisa realizada na Suécia, com 50.087 conscritos, que demonstra que o relacionamento entre consumo de maconha e esquizofrenia não pode ser ignorado do ponto de vista clínico e epidemiológico, já que segundo eles aumenta o risco relativo do surgimento de quadros esquizofrênicos entre usuários. Ao que me pareceu, segundo eles o uso da maconha pode ser visto como algo patológico, e que a ABP não apóia a legalização da Maconha. Segundo Analice:

"A maconha causa perda cognitiva, ao invés de redução de ansiedade. Causa indiferença ao invés de relaxamento. Causa desmotivação ao invés de paz interior. Todos muito mais próximos da psicopatologia do que do bem-estar", disse.

Assim como na CCJ no Senado, Analice argumentou nesta primeira audiência na Câmara que se preocupa com o termo "maconha medicinal", já que essa nomenclatura faria que as pessoas, principalmente jovens, vissem a maconha como remédio, não como droga, como algo bom, não ruim. O que poderia diminuir a percepção de risco e aumentar o uso da mesma. Segundo ela durante a comissão no Senado:

"Pode haver um possível aumento do consumo pela redução da percepção de risco e, com isso, o aumento dos danos à saúde. Se há redução na percepção de risco, há aumento de consumo principalmente pelos adolescentes".

Foi aí que o pesquisador José Crippa também começou a expor seus pontos de vista sobre a maconha. Crippa é um dos maiores estudiosos do Brasil sobre *Cannabis* medicinal, e ele foi a esta e a outra comissão no Senado para compartilhar um pouco dos conhecimentos que tem dos usos medicinais da *Cannabis*. Assim como Analice, o pesquisador criticou o termo maconha medicinal e sugeriu que se chamasse canabinóides medicinais, já que, segundo ele: "O efeito benéfico dos canabinóides não pode ser usado como justificativa para a legalização da maconha para fins recreativos". Com um discurso bem parecido com o que fez durante a comissão na Câmara, Crippa falou no Senado que ideologia é diferente de ciência, e fez duras críticas a organizações como a *Drug Police Alliance* (DPA) do empresário norte americano George Soros, indagando aos participantes quais seriam as intenções de empresários e instituições como esta com a legalização da maconha. Crippa também fez críticas às menções ao uso medicinal da maconha nas

Marchas da Maconha, segundo ele: "Se o CBD nascesse da jabuticaba, duvido que haveria Marcha da jabuticaba", ironizou o pesquisador.

Apesar destas críticas, Crippa é totalmente a favor dos usos medicinais da maconha, seu uso legítimo, como ele argumenta. Os pais da menina Anny compareceram também a primeira parte da comissão na Câmara, e ele citou esse como um dos casos legítimos envolvendo os usos medicinais da planta que origina a maconha. Segundo ele a *Cannabis* pode ter usos medicinais em doenças como: Parkinson, depressão, fobia social, distúrbios de sono e epilepsias. Crippa também argumentou que o Brasil é um dos pioneiros no estudo do *Canabidiol* no mundo, citando cientistas como Elisaldo Carlini, que já estudam a maconha desde os anos 80. Porém argumentou que a maconha tem dois lados, o lado negro e um lado bom, inclusive essa é imagem da capa de seu livro. O CBD seria o composto bom da maconha, já o Tetra-hidrocanabinol (THC) seria o mau, pois é responsável pelos efeitos psicoativos da maconha. Para fazer o uso medicinal da planta seria necessário então fazer uso apenas dos canabinoides medicinais. Segundo ele fumar maconha é correr um risco, o correto deveria ser apenas utilizar os canabinoides medicinais e remédios produzidos para este fim, como o Sativex® e o Marinol®.

Outro ator que me chamou muito a atenção na primeira audiência foi a psicóloga Mariza Lobo, que falou mais uma vez dos dados obtidos pelas pesquisas suecas e de Ronaldo Laranjeira. Mariza argumentou que "o uso medicinal não pode legitimar o uso recreativo", que "não adiante ter ala epilética na Marcha da Maconha" (em referência a Marcha do Rio de Janeiro). Mariza talvez seja, junto com Laranjeira, um dos maiores defensores da manutenção da proibição da maconha, e em alguns momentos chegou a utilizar argumentos fortes contra a maconha, como o que ela chamou de fracasso da política de drogas Holandesa, que Amsterdã tornou-se um lixo de cidade. Aliás, durante toda comissão citaram resultados negativos de países mais liberais em relação à maconha. Por fim disse se referindo a um estudo que aponta que 75% da população brasileira é contra a legalização da maconha:

"Não tenha medo da mídia, não tenha medo de ativistas, não vamos ser pautados pela minoria, olhe os 75% da população (...) Grande maioria contra o resto, deve ser jogada no lixo!".

Mariza disse também que chamá-los de proibicionistas é uma "falácia", não pode ser sério, que isso é desonestidade intelectual. Segundo ela a maconha infantiliza o ser humano, aliena e o idiotiza. Na mesma linha, o próximo convidado a falar foi o autor da sugestão, Marcos Daudt. Ele contou a história do instituto Igor Carneiro (FICAR), do qual ele é presidente, que tem esse nome em homenagem a um rapaz que morreu durante uma festa. O instituto tem como foco o divertimento seguro, ir para festa de maneira segura, e as drogas são um dos problemas. Eles fazem ações nas festas distribuindo refrigerante e ajudando as pessoas bêbadas e sob o efeito de outras drogas. Ele falou que quem fuma maconha pode não se dar bem na vida, que causa desordem e desorganização mental, e que nas "baladas" os jovens "chegam completamente sequelados" de drogas. "Deve-se ter cuidado com a trajetória, o chapado demora mais", alertou. Assim como outros palestrantes ele também argumentou que a maconha leva a outras drogas mais pesadas; começa na maconha e acaba no crack, "tendo de internar os filhos porque eles estão completamente sequelados". Ele argumentou também da falta de ética, de bons costumes, da prostituição que anda junto com as drogas. Outro a falar, e que também esteve presente nas outras audiências, foi o promotor Sérgio Harfouche, que criticou a atual lei 11.343. O promotor argumentou que apoiava o projeto de Osmar Terra, demonstrando como a atual lei dá uma pseudo pena, incentiva o tráfico privilegiado. Falou mal também da política Holandesa e das políticas de redução de danos Européias, como uma manipulação ideológica e desvio de foco, que o problema da discussão liberacionista é a epidemia, a pandemia do uso de drogas. Ele falou que apóia a punição para o aliciamento de menores no tráfico e a redução da maioridade penal. Segundo ele a visão liberacionista blinda o usuário, protege o indivíduo mais não os que o cercam. Para ele o uso não deveria ser uma escolha, para ser brasileiro tem de dar a sua contribuição (...) ou trata, ou trata!", "a ideologia liberacionista é uma ideologia nefasta!". Seria também a supremacia do interesse privado sobre o público, uma ideologia desviada, uma "sanha liberacionista", como falou posteriormente no Senado. O certo seria viver em um ambiente livre de drogas. Quem é responsável por estas ideias, quem se responsabilizará? Disse.

Talvez um dos fatos mais interessantes dessa primeira audiência tenha sido a presença do deputado Osmar Terra, que estava bem em frente aos palestrantes, próximo também de onde eu e Henrique estávamos. Foi interessante observar aquela figura tão comentada pelos manifestantes pró-maconha, sempre me vindo a cabeça Samuel falando das manifestações contra a PL-37. Não me parecia mais do que um senhor muito bem vestido, aliás, como todos ali, com suas *cútis* perfeitas, que, também como todos ali, pareciam se preocupar mais com seus *smartphones* do que com a audiência. Em um momento, já no fim da audiência, o deputado foi à frente falar um pouco, convidado pelo presidente da mesa. Osmar expôs então que gostou de tudo que viu, que foi um *show* de preocupação científica, e que já aconteceram mais de 100 audiências públicas para tratar do assunto. Ele também questionou que nunca viu o Jean Wyllys para debater a proposta, e que a proposta de Eurico Júnior e o que ele falou eram um absurdo. Não deveria passar por comissão especial, já que há muitas outras coisas a se fazer. Ele também citou a experiência do Uruguai, e disse que o presidente Mujica vai produzir uma tragédia social no Uruguai. Por fim ele falou que está tudo comprovado, que há relação da maconha com outras drogas sim. Osmar Terra foi aplaudidíssimo ao fim.

Esta primeira audiência na Câmara dos Deputados me pareceu em parte organizada pela bancada evangélica e seus simpatizantes. Visivelmente a maioria dos presentes ali era totalmente contra a legalização/regulamentação da maconha. O único que se demonstrou a favor foi o deputado Eurico Júnior, autor da proposta PL 7187/2014, e os integrantes da Marcha da Maconha que assistiram o debate; Henrique e Constança. O deputado Jean Wyllys (PSOL-RJ) infelizmente não compareceu a sessão, assim como o deputado Marco Feliciano (PSC-SP), ambos estavam entre os palestrantes convidados. Achei interessante também que, a todo o momento, os presentes falavam da proposta de lei do Osmar Terra, a PL37, e elogiavam-se e parabenizavam-se. Muitos deputados presentes pediram a palavra e falaram que eram totalmente contra as propostas de regulamentação da maconha, demonstrando ser contra as drogas e falando dos males causados nos seus estados, segundo eles, pelas drogas. Pareciam bem a vontade naquele local e em nenhum momento a sessão foi tensa. Inclusive antes do pronunciamento do deputado Eurico Júnior reparei que o deputado Dr.Grilo (SDD-MG) brincou com o

deputado do PV, dizendo que ele "era o único a favor". Não houve muitas manifestações em relação aos palestrantes na comissão, só provocações rápidas, principalmente da Constança que provocava os palestrantes lá de trás do auditório.

Henrique sentou-se a frente do auditório ao meu lado e ao lado do Presidente da bancada evangélica. Apesar das risadas e indignação que alguns argumentos dos proibicionistas causavam, Henrique comportou-se tranquilamente na sessão. Ele também falou um pouco no fim, dizendo que era o único jovem ali e que pensava diferente, com argumentos mais próximos dos de Eurico. Interessante que em nenhum momento disse que representava a Marcha da Maconha, falou por si mesmo. Questionou José Crippa em relação aos outros usos da Maconha que não apenas do CBD. No fim, achei interessante também que todos queriam tirar fotos com Osmar Terra, falar com ele de alguma forma, demonstrando a importância do deputado na ocasião.

Como comentado, Eurico Júnior foi o único a se manifestar nesta primeira comissão a favor da regulamentação da Maconha. Ele foi à frente e leu um discurso que em síntese falava que as drogas tem de deixar de ser assunto de polícia para ser assunto de saúde pública, e que trazer esse assunto em ano eleitoral é essencial para não se esperar mais quatro anos. Por esse motivo queria que o assunto fosse tratado criando uma comissão especial para ser mais rápido. Ele argumentou também que a proibição criminalizava principalmente pobres e negros, aumentava a população carcerária, fazendo um paralelo com a lei seca dos EUA. "Os maiores danos causados pela maconha vem da sua ilegalidade" e que o controle deve vir pela legalização. Segundo ele não se deve confundir também legalização com liberalização. Por fim disse: "não uso e sou a favor da legalização da maconha" é uma pauta defendida há muito tempo já pelo Partido Verde (PV). Ao contrário dos outros convidados, Eurico foi aplaudido por poucas pessoas. Em outro momento Henrique aproveitou-se que Eurico ausentou-se para ir atrás dele, ver se era possível que ele falasse na palestra da Marcha da Maconha. Henrique conseguiu falar com ele e pegou seu cartão com contato. Então me contou que enquanto conversavam nos bastidores da comissão Eurico comentou: "Isso é maior armação do PSC! ".

Durante as audiências em outras comissões, o debate foi mais equilibrado. No Senado as coisas foram um pouco diferentes, mais pessoas compartilharam pontos de vista semelhantes aos de Eurico. Na CCJ muitos dos palestrantes utilizaram argumentos jurídicos para defender o fim da proibição da maconha e das drogas. O tema da comissão foi a inconstitucionalidade do artº 28 da lei 11.343.

O senador Antônio Carlos Valadares (PSB-SE), que é relator da PL 37 no Senado, onde a proposta encontra-se no momento, criticou a atual lei (11.343/06) especificamente no § 2º do artº 28, que diz<sup>26</sup>:

"§ 2º Para determinar se a droga destinava-se a consumo pessoal, o juiz atenderá à natureza e à quantidade da substância apreendida, ao local e às condições em que se desenvolveu a ação, às circunstâncias sociais e pessoais, bem como à conduta e aos antecedentes do agente".

O senador argumentou "que esta redação, quando fala em 'circunstâncias sociais e pessoais', é um tanto quanto discriminatória, preconceituosa, dando margem a subjetivismo". O que me lembrou muito o trabalho do antropólogo Frederico Policarpo em "O usuário e a nova lei de drogas: apontamentos preliminares para a pesquisa" (2008), no qual ele já observava esta questão da subjetividade aplicada no dia-a-dia, principalmente em relação ao policial que abordava e tinha "poder", através da sua interpretação, de decidir se a pessoa detida seria usuário ou traficante. Nesta mesma linha manifestou-se a professora de direito da UnB Beatriz Vargas. Ela argumentou que o marco do estado democrático de direito difere do estado policial. Considerou ainda que o Direito Penal é anti-democrático, e que 98% das apreensões são de menos de 10 kg de drogas. Também falou que o poder público gasta muito tempo e recursos sem ser eficaz: "os que são presos são na maioria pequenos traficantes e usuários, muitos negros e pobres lotando o sistema carcerário". Beatriz falou também da quantidade de

---

<sup>26</sup> Ver notícia em: <http://www12.senado.gov.br/noticias/materias/2014/05/20/apoio-a-descriminalizacao-do-porte-de-droga-para-consumo-pessoal-prevalece-em-debate/tablet> consultado em 08 de março de 2015

peças mortas pela polícia, citando o então recente caso Amarildo<sup>27</sup>. Segundo Beatriz:

"Em nome de uma abstrata saúde pública, os que defendem a criminalização do uso das drogas, por meio da prisão, têm produzido cadáveres, pessoas que morrem em nome dessa bandeira, que é a guerra ao tráfico".

Já Maria Lúcia Karam estava como representante da *Law enforcement against prohibition* (LEAP), uma organização Norte Americana composta por integrantes das forças policiais e da justiça criminal que são contra a guerra às drogas, que se estendeu também para o Brasil. Segundo Maria Lúcia, a criminalização do porte de droga, prevista na, lei 11.343/06 fere a Constituição Federal. Ela argumenta que a prática oferece perigo apenas à saúde do usuário, dizendo respeito às suas opções pessoais, à sua intimidade e liberdade.

"Em uma democracia, o Estado não está autorizado a intervir em condutas dessa natureza. O Estado não pode tolher a liberdade dos indivíduos sob o pretexto de protegê-los. Enquanto não atinja concreta, direta e imediatamente um direito alheio, o indivíduo é e deve ser livre para pensar, dizer e fazer o que bem quiser".

Segundo ela a guerra aos traficantes causa mais prejuízos ao país do que o consumo de drogas. Segundo Maria Lúcia:

"É preciso legalizar a produção, o comércio e o consumo de todas as drogas para, assim, pôr fim ao mercado ilegal e devolver ao Estado o poder de regular, limitar, controlar, fiscalizar e taxar tais atividades, da mesma forma que o faz em relação às drogas já lícitas, como o álcool e o tabaco – disse a representante do LEAP".

Assim como ela, muitos que apóiam a legalização/descriminalização da drogas argumentam: Qual a diferença entre drogas lícitas e ilícitas? Não há certa arbitrariedade nesta classificação? A lei não vai contra o princípio da isonomia, por que uns podem vender e usar drogas na legalidade, como bebidas alcoólicas e cigarro, e outros não? A violência gerada pelas drogas não seria oriunda da própria ilegalidade, já que só existem armas e violência porque são empresas criminalizadas? Outro ponto é a questão de fomentar a ideia de que o traficante é o inimigo, logo uma não pessoa.

---

<sup>27</sup> Amarildo Dias de Sousa é um ajudante de pedreiro que está desaparecido desde o dia 14 de Julho de 2013 após ser detido por policiais da Unidade de Polícia Pacificadora (UPP) da favela da Rocinha (RJ). Tornou-se símbolo em relação a desaparecimentos que envolvem a polícia, uma campanha chamada "onde está Amarildo?" foi criada e teve grande repercussão.



Ainda nessa linha, quem me chamou mais a atenção foi José Henrique Torres, juiz de Direito do Tribunal de Justiça de São Paulo, que expôs seu ponto de vista bem enfaticamente. Segundo ele, o artº 28 é inconstitucional e a lei antidrogas fere princípios como o da igualdade, idoneidade, racionalidade e subsidiariedade. Para ele criminalizar o porte de drogas para uso próprio é inconstitucional, assim como decidiram os tribunais da Argentina e da Colômbia. Estas decisões, assim como a política de drogas do Uruguai, são pautadas por princípios dos direitos humanos, por tratados internacionais da ONU (Organização das Nações Unidas) e da OEA (Organização dos Estados Americanos). A proibição das drogas violaria então os princípios constitucionais, os direitos humanos e princípios fundamentais. Ele também questionou a proibição do uso de drogas argumentando que a auto lesão não é criminalizada. Continuou argumentando que a lei não pode ser moral, não pode exterminar tipos sociais, a política criminal não pode também estar acima da política social. Por fim disse que a política de drogas traz mais danos do que benefícios, e ela só poderia ser aplicada caso não houvesse outros meios, o que não ocorre. Segundo José Henrique Torres, o consumo de drogas deve ser afastado da ilegalidade, "os juristas são a favor", disse ele. Ele também afirmou fazer parte da Associação de Juízes para a Democracia (AJD).

Como comentado anteriormente, José Crippa e Analice Gigliotti também estiveram presentes nesta segunda comissão no Senado, que me parecia ter mais simpatizantes a favor de outras políticas em relação às drogas do que os poucos que foram à Câmara na comissão anterior. Talvez por isso Analice se conteve mais, mas Crippa foi enfático da mesma forma durante esta outra comissão. Além destes dois convidados para representar o ponto de vista da saúde neste debate, majoritariamente pautado pelo ponto de vista jurídico, estava o neurocientista e professor da UnB Renato Malcher, que acabou discordando de Crippa e Analice. Renato questionou os estudos Suecos, tão citados por defensores da proibição como; Ronaldo Laranjeira, Mariza Lobo e o próprio Crippa. Renato concordou que a maconha pode causar danos no cérebro em jovens e adolescentes, mas criticou os estudos Suecos. Segundo ele a ciência não é neutra, mas sim uma discussão da interpretação de dados, não se pode afirmar que o uso de maconha está relacionado com a incidência de esquizofrenia, para ele o estudo contém falhas interpretativas e

metodológicas. Ele então apresentou outros estudos, como um de Havard, que diz exatamente o contrário. Também alertou que as pesquisas científicas devem ser contextualizadas. Renato contestou também a argumentação de Crippa de que a maconha medicinal pode ser um argumento para legalizar a maconha recreativa e que a *Cannabis* poderia sim ser utilizada de outras formas, como *in natura*, ou fumada, e mesmo o THC teria propriedades medicinais, o que também foi levantado durante audiências em outras comissões, e gerou certo mal estar entre os dois. Crippa pediu então a palavra e falou "que sentiu-se surpreso com a fala de Renato, e que ele estava desmerecendo toda a sua escola". Mas por fim Renato pediu desculpas e os dois chegaram a um breve consenso.

Um dos pontos mais interessante de observar durante as audiências foi exatamente o quanto a ciência e a realidade podem ser vistas de uma forma relativa. Os dois lados se debruçavam em citar fontes, demonstrar gráficos, slides e estudos para legitimar seus argumentos tanto a favor quanto contra a maconha. Uns provavam que a maconha pode causar esquizofrenia, já outros que pode curá-la, outros falavam bem dos modelos Internacionais mais liberais, já outros falavam que foram modelos totalmente fracassados. A discussão parecia bem polarizada entre "proibicionistas" e "Anti-proibicionistas", termos sempre utilizados, principalmente pelos que são mais liberais em relação à maconha.

Durante CCJ era visível que a maioria dos presentes estavam a favor da regulação das drogas. O Juiz José Henrique Torres foi ovacionado e José Crippa foi vaiado, principalmente por Constança que mais uma vez era a organizadora mais ativa nas comissões. O senador Eduardo Suplicy (PT-SP) também estava presente e apoiou a iniciativa Uruguaia e outras formas de lidar com a maconha. No fim da audiência alguns organizadores da Marcha como Marcello, Henrique e Constança falaram com os palestrantes. Saindo do Auditório conheci André Kiepper, que estava saindo junto aos organizadores para ir à ANVISA entregar alguns documentos relativos a *Cannabis* Medicinal. Durante a CCJ não pude ir com André para a ANVISA, mas durante a CDH tive a oportunidade de dar carona a ele e conhecê-lo.

Neste dia, saindo do plenário da CDH, ficamos conversando eu, Kiepper, Constança, Isabela Oliveira (professora da UnB) e o pai de um garoto de São Paulo

que tem síndrome de Dravet e utiliza o extrato de CBD. Decidimos então almoçar e conversar um pouco sobre a audiência. Após a audiência e o almoço dei carona a Kiepper para a Fiocruz, para ele ver se conseguia algum tipo de apoio da instituição em relação a pesquisas envolvendo a *Cannabis*. Posteriormente fomos também à ANVISA para Kiepper checar como estava o andamento de um projeto de regulamentação do uso medicinal. Aproveitei e conversei um pouco com Kipper, ele disse que era do Espírito Santo, tinha 33 anos, e morava no Rio de Janeiro e trabalhava na Fiocruz há mais ou menos dois anos. Sempre vinha a Brasília por questões de trabalho e estava aqui para acompanhar a sugestão redigida por ele. Falamos um pouco da Marcha de São Paulo, que Kiepper tinha ido. Percebi também que ele é um rapaz muito tímido e não gosta de falar em público, por isso geralmente fica quieto só assistindo as audiências, raramente dá entrevistas. Perguntei como ele descobriu a ferramenta e-senado. Ele me respondeu que estava em casa e que queria fomentar o debate sobre o assunto nesse ano de eleições mas não sabia como, e que ao abrir o site do Senado em casa viu a propaganda do programa, e decidiu escrever rapidamente. Kiepper também relatou que ficou muito assustado com a repercussão da sua proposta e com sua fama, que não imaginava que ia ser assim. Por fim eu e Constança o deixamos no aeroporto e fomos embora. Nesse dia Constança me falou que Kiepper ia trabalhar com Pedro Abramovay, ex secretário nacional da Secretaria Nacional de Políticas Sobre Drogas, e que atualmente trabalha no AVAAS, uma organização de petições online ligada a *Open Society* de George Soros. O que me fez pensar nas indagações de Crippa sobre o empresário.

Já a última audiência que acompanhei foi talvez a mais interessante. Ao chegar à audiência a primeira coisa que me chamou a atenção foi a quantidade de pessoas que estavam lá para se manifestar. Sentei-me ao lado de um padre e de várias pessoas que seguravam cartazes contra a maconha e as drogas. Conversei rapidamente com o padre e ele me falou que era da Polônia, e que "não basta a morte de tantos jovens, ainda querem liberar a maconha". Observei que algumas pessoas estavam com camisas de alguma paróquia, parecendo ser de uma igreja católica. Também notei a presença de Mariza Lobo, o que não esperava, já que há pouco tempo ela tinha perdido seu registro de psicóloga por causa de uma polêmica

envolvendo a "cura gay" e a ABP. Mariza Lobo também é do "Maconha Não"<sup>28</sup>, que se intitula como uma comissão nacional oficial contra a legalização da maconha. Percebi então que os manifestantes contra a legalização da maconha estavam ligados ao "Maconha Não". Os cartazes que eles seguravam já estavam prontos e numerados, os manifestantes iam pegando-os e os levantando ao fundo da sala do plenário. Alguns cartazes diziam: "Amanhã é o crack!", "Aqui não é o Uruguai, drogas jamais", "Uso terapêutico? Uso medicinal? "O Brasil é contra a legalização das drogas! Porquê vocês não nos representam!"

Pelos cartazes pude identificar outros grupos organizados além do Maconha Não que estavam presentes, como o Instituto Flores de Aço e a Frente Nacional Cristã de Ação Política (FENASP). Essa presença de organizações religiosas me chamou muito a atenção. Em alguns dos cartazes percebi que representantes espíritas, católicos e evangélicos estavam lá juntos contra a legalização da maconha.

Na audiência na Comissão de Direitos Humanos do Senado<sup>29</sup> foram convidados: Julio Calzada, secretário geral da Secretaria Nacional de Drogas da República Oriental do Uruguai, Rafael Franzini Batle, representante do Escritório das Nações Unidas sobre Drogas e Crime, e Márcia Loureiro, coordenadora de Combate aos Ilícitos Transnacionais do Ministério das Relações Exteriores. Durante as exposições muito se falou dos tratados que envolvem a ONU, a Organização dos Estados Americanos (OEA), os direitos humanos e as responsabilidades compartilhadas, mas o mais interessante foi a fala de Julio Calzada do Uruguai, devido ao impacto que o Uruguai causara ao legalizar a maconha. Julio argumentou que tem de se tratar o assunto dentro das diferentes realidades culturais e sociais. Ele argumentou que o aumento do consumo vem aumentando tanto em lugares que não são legalizados quanto nos que são, muitas pessoas fumam maconha e não tem acesso a ela de forma legal, recorrendo ao tráfico. O tema das drogas é um problema de saúde e a criminalização dificulta o acesso à saúde dos usuários que tem problemas. Segundo ele 90% das pessoas que tem problemas com drogas não

---

<sup>28</sup> Ver: <http://maconhاناو.blogspot.com.br/2013/12/consumo-de-maconha-aumenta-o-risco-de.htm> consultado em 08 de março de 2015.

<sup>29</sup> Ver em: <http://www12.senado.gov.br/jornal/edicoes/2014/06/03/regulacao-da-maconha-recebe-apoio-e-criticas> consultado em 08 de março de 2015.

tem acesso a tratamento. Julio relatou que o Uruguai é uma sociedade com baixa criminalidade, baixo uso de drogas e violência, mais que ultimamente isso vem mudando, por isso regular o uso de drogas, acabando assim com o monopólio dos traficantes e com toda a cadeia ilegal. Ele afirmou que querem ter resultados diferentes, e que o problema do uso de drogas não é do estado, mas das pessoas. Está relacionado a problemas econômicos, do capital e deve-se utilizar as ferramentas sociais e culturais. Julio também falou das maneiras que se poderá obter a maconha no Uruguai; Através de farmácias licenciadas, de clubes de plantadores ou plantando em casa. Ele afirmou que em um estudo realizado no Uruguai demonstrou que o acesso de jovens a maconha é de quase 75% dos entrevistados, e que não se pode lutar contra isso, a melhor forma seria tratar dos efeitos da maconha, por exemplo, nas aulas de biologia. Para ele a verdadeira droga de início é o álcool e o tabaco.

Mas mais interessante do que a fala de Julio, foi mesmo a reação das pessoas que acompanhavam a comissão. Muitos dos que estavam contra a regulamentação da maconha ofendiam o Uruguai e mesmo o próprio Uruguai, como em alguns cartazes. Inclusive Cristovam Buarque parou a sessão e pediu respeito ao colega Uruguai. Dos Organizadores da Marcha da Maconha só Constança compareceu, mas meia-dúzia de pessoas também estavam visivelmente a favor da legalização. Rapidamente a mídia começou a filmar os manifestantes contra a maconha, então um dos manifestantes a favor rapidamente escreveu um cartaz que dizia: "Planto minha erva, não faço mal a ninguém!". Mas este foi o único cartaz pró-legalização em meio a multidões de outros cartazes. A falta de respeito também aconteceu por parte dos manifestantes pró-maconha, Constança provocou as pessoas contra a legalização: "lugar de padre é na igreja!", "Foi Deus que fez a maconha padre", " O Estado é laico", já em alguns momentos ela era mais enfática: "Bando de burro!". Em outros momentos da reunião Constança se exaltou tanto que foi ameaçada de "ser evacuada do plenário" pelo segurança.

Cristovam Buarque pediu então para que os convidados falassem se consideram a guerra as drogas fracassada, se o consumo aumentaria com uma eventual regulação. Durante as audiências nas quais Cristovam Buarque foi relator ele comentou suas principais preocupações, argumentando que perdemos a guerra

contra as drogas e que somos vítimas da modernidade, o *homo-químico* que definha de fome, de ansiedade e de droga. Ele falou que nunca se interessou por esse assunto, e que pensou até em rejeitar a proposta para ser relator. Mas que pensou bem, e que sua mulher também o ajudou a refletir, e viu que o assunto era muito importante para ele fugir. E Cristovam pergunta: "Como existir uma sociedade sem química para ser feliz?" Ele pretendeu observar alguns pontos como relator: A moralidade brasileira, como se relaciona com essa proposta? A maconha causa mesmo surtos esquizofrênicos? Segundo o senador o homem passa por uma etapa de "*Homo químico*", uma espécie de crise civilizatória onde o uso de drogas é uma dependência e não um uso ritual, e que a nossa principal droga é a droga do consumo. Ele também falou um pouco da lei seca nos EUA, e a violência gerada pela proibição do Alcool. E questionou, será que a regulamentação aumentaria o número de dependentes? A maconha abriria portas para outras drogas? Há benefícios Medicinais? Haveria a redução da violência com essas medidas?

Fiquei também impressionado com a repercussão que o fato de Cristovam Buarque ser relator do projeto gerou, sendo rotulado como "relator da maconha". Ao final da audiência na CDH uma multidão de jornalistas cercou Cristovam Buarque, atrás dele foram posicionados vários cartazes contra a regulamentação da maconha. Durante a entrevista o senador argumentou<sup>30</sup>:

"O argumento contra é muito de ordem moral, mais que de ordem científica, mas também tenho dúvida sobre as propostas dos que defendem, eles não conseguem me dizer se aumenta o consumo. O representante do Uruguai disse que eles estão prevendo o aumento do consumo, mas que vale a pena correr o risco do aumento, desde que reduza o aumento de mortes por causa do tráfico (...) Vamos continuar vivendo com tráfico de drogas? Não. Como vamos nos livrar do tráfico? Uma das propostas que têm hoje é a regulamentação".

Enquanto dava entrevista uma mulher passou gritando para os jornalistas: "O senador Cristovam quer liberar a droga gente!". Durante a comissão algumas das pessoas que pediram a palavra também manifestaram certa decepção com esta decisão de Cristovam. A maioria das exposições dos palestrantes foi a favor da manutenção da proibição das drogas, apenas Júlio foi contra, como também a maioria dos que pediram a palavra. Mariza Lobo reiterou seus argumentos contra a

---

<sup>30</sup>Ver em: <http://www.ebc.com.br/noticias/politica/2014/06/senado-comeca-a-debater-proposta-para-regulamentar-uso-da-maconha-no> consultado em 08 de março de 2015

maconha, vários deputados e alguns agentes da lei também fizeram o mesmo. Somente um rapaz falou a favor da maconha.

Outro ponto interessante é que as audiências podiam ser acompanhadas pela *internet*, e de fato muitos internautas utilizaram esta ferramenta para assisti-la. A audiência foi muito divulgada pelas redes sociais e logo muitos internautas mandaram mensagens para Cristovam Buarque comentando a audiência. Este foi um dos momentos mais engraçados, pois o senador começou a ler sem saber do que falavam, muitos eram bem diretos e diziam que os discursos eram fundamentalistas, que Mariza Lobo era uma ex-psicóloga, que isso era um lobby das clínicas de internação e de Ronaldo Laranjeira para ganhar dinheiro e de Crippa para se beneficiar com patentes. No total quase todos os comentários on-line foram favoráveis a regulamentação e críticos em relação às várias pessoas que se expressaram no plenário. Segundo o senador: "Os que vieram aqui são contra, e os que tem computador são a favor", demonstrando um pouco do poder das redes sociais e da tecnologia na discussão.

Não cheguei a acompanhar presencialmente as outras audiências que aconteceram, mas as acompanhei através das redes sociais, da TV e Jornal do Senado (que tiveram grande importância na pesquisa), observando um pouco do que aconteceu. Soube que os opositores das propostas de regulamentação da maconha se organizaram ainda mais, obrigando os manifestantes pró-maconha a também se organizarem. Marcello também falou em uma destas audiências. Pessoas e Coletivos de outros estados vieram para Brasília defender a regulamentação, como o *Growroom* (um fórum on-line de cultivadores de maconha e ativismo) e organizadores de outras Marchas da Maconha, como a de Belo Horizonte. Kiepper também teve um importante papel nesse ponto, articulando e fomentando as conversas nas redes sociais e vendendo canecas e camisetas da SUG 8 para arrecadar dinheiro para o ativismo. Da mesma forma a discussão tornou-se ainda mais acalorada, até a prisão de um rapaz foi pedida por um dos defensores da proibição, já que o rapaz falou que poderia distribuir CBD para quem o quisesse para fins medicinais, ao invés de importá-lo por vias legais. Alguns participantes da Comissão também foram acusados de fazer propaganda eleitoral no

plenário, já que era ano de eleição e alguns dos presentes eram candidatos, sendo advertidos pelo relator Cristovam Buarque.



## Capítulo 4

### Marcha da Maconha 2014 - 23/05/2014

Enfim havia chegado o grande dia da Marcha. Um pouco ansioso cheguei logo cedo a concentração no Museu Nacional. Por volta das 15h muitas pessoas ainda estavam chegando e se concentravam embaixo do vão e em volta do museu. Uma espécie de tenda da organização da Marcha estava montada ali ao lado da concentração, a enorme faixa " Marcha da Maconha Brasília DF" foi colocada em cima da tenda dando visibilidade ao logotipo da Marcha e a simbólica folha da *Cannabis*. Dentro desta tenda os organizadores guardavam os informes, os fogos, cartazes e as faixas elaboradas pela a organização. Os cartazes da organização diziam: "Libertem Ras geraldinho", "cabeça feita, ventre livre", "Liberdade da cabeça aos pés", " Princípio ativo sem fim lucrativo", " Maconha medicinal, melhor prevenir do que remediar", "Usar não é crime, plantar também não", muitos dos cartazes debatidos anteriormente nas reuniões. Cartazes de outras edições como o do "Descriminaliza STF" também estavam lá.

A maioria das pessoas sentava-se para desenhar e elaborar os cartazes para a Marcha em uma oficina criativa. Outras já traziam seus cartazes elaborados de casa. Observei também várias pessoas andavam de *skate* durante a concentração, muitos também foram de bicicleta e aguardavam ao lado do aparelhinho, um rapaz também fazia malabares. O aparelhinho estava a toda, várias músicas tocando, principalmente *reggae*, *rap* e samba. Observei que os organizadores compraram balões de gás verdes e os amarraram junto a um (falso) baseado gigante que flutuava amarrado ao aparelhinho, bem parecido com a

Marcha de São Paulo 2014 que teve o "chapadrone"<sup>31</sup>. Muitas também faziam rodas de fumo e fumavam esperando a Marcha começar ouvindo as músicas que eram tocadas no aparelhinho. Algumas rodas tinham várias pessoas, e em uma especificamente observei um rapaz negro de *dreadlocks* tocando *reggae* no violão. A música que tocava dizia:

"*Dreadlock*, marginal (...) tem de ser forte, *Jah* não nos fez para viver em um campo de concentração. Não depende de sorte, *dreadlock*, pra executar uma boa ação. Mesmo vivendo em meio a corrupção, da civilização. Resistência, desejo a todos resistência". Cantou Jonatas, 21 anos, de Sobradinho.

A música reflete bem uma das influências mais presentes na Marcha, a do *reggae* e do rastafári. Além da forte relação com a maconha, outras influências do Rastafári como; as cores verde, vermelho e amarelo, camisas em referência a Bob Marley, o *reggae* e cabelos embaraçados no estilo *dreadlock* estavam por todos os lugares<sup>32</sup>. Inclusive até o aparelhinho havia sido pintado com estas cores há pouco tempo. No aparelhinho também havia um cartaz pendurado que dizia: "Maconha cura".

Outros símbolos também estavam presentes na Marcha, como o 4.20, sempre visto em uma camisa, boné ou cartaz, e a própria folha da maconha, que apesar de ser sempre utilizada como símbolo da droga, não tem efeitos narcotizantes. O *DJ* do aparelhinho estava com uma camisa da seleção Uruguiaia com o número 4.20 atrás. Também vi cartazes se referindo ao Uruguai e ao seu presidente, como: "Troco bancada ruralista por Mujica" e "Mujica, *te quiero*". O que demonstra como a questão da legalização Uruguiaia teve forte impacto aqui também. A folha da maconha e a cor verde também estavam por todos os lugares. Muitas pessoas também tinham visivelmente um estilo alternativo, que lembra de certa forma os antigos *hippies*, muitas camisas *TieDye* e com referência a cultura hindu. Difícil é precisar um estilo único dentro da Marcha, pude perceber que as pessoas que lá estavam eram muito heterogêneas. Da mesma forma que vi também muitas pessoas com um estilo da periferia, vi outras com uma estética *punk*, assim como outros que usavam camisas de futebol. Durante a concentração Samuel aproveitou e soltou alguns fogos também.

---

<sup>31</sup> *Drone* em forma de baseado utilizado para filmar a Marcha da Maconha de SP 2014.

<sup>32</sup> Para melhor compreender a origem destes símbolos ver: "Rastafári: Identidade e hibridismo cultural na Jamaica (1930-1981)" (2006) de Danilo Rabelo.

Em relação a polícia, neste começo da Marcha eles estavam concentrados em baixo da Biblioteca Nacional observando a movimentação dos que chegavam. Não os vi abordando ninguém que chegava à Marcha, diferentemente do que já aconteceu durante anos anteriores. Um enorme caminhão dos bombeiros também estava presente. Uma viatura da PATAMO<sup>33</sup> também passou rapidamente ao lado do museu, mas logo depois foi embora. A maioria das viaturas era da polícia de trânsito (BPTRANS). Enquanto isso muitas pessoas continuavam a fumar ali mesmo na concentração, sem serem incomodados pela polícia. Neste momento tentei conversar com alguns dos policiais, mas nenhum quis me dar entrevista, talvez porque tenha os abordado com o gravador, teria seria melhor uma conversa informal. Eles afirmaram que são Militares e estão ali para cumprir ordens, então não podiam dar uma opinião pessoal. Mesmo assim reparei que o contingente de policiais foi bem menor do que nas Marchas anteriores. Em vários momentos vi Danielle conversando com eles também.

Decidi então voltar para a concentração do museu quando um dos integrantes da Marcha, Marcello, me deu um tanto de informes da Marcha para distribuir aos que chegavam. "Vamos fazer uma comissão de boas vindas na Marcha desse ano, entrega pra mim esses informes para a gente ter uma noção de quantas pessoas vieram para a Marcha", disse Marcello. Não esperava que ele fosse pedir isso de mim, mas fui entregar os tais informes pela relação que tinha conseguido estabelecer com os organizadores. No fim foi muito interessante, várias pessoas agradeceram o informe que tinha o título: "A maconha está liberada!". De maneira bem resumida o informe dizia que a maconha já estava liberada devido a sua oferta, já que não é difícil encontrar para comprar ou fumá-la. O informe também questionava o argumento de muitos que são contra a Marcha da Maconha. Porque legalizar a maconha já que existem muitos outros problemas no Brasil? Segundo o informe, porque as pessoas pobres são as mais criminalizadas, porque o acesso a vários medicamentos são impedidos por causa da proibição e porque as pessoas não podem cultivar a maconha para se desvincular da cadeia do tráfico. Em outro ponto o informe contava a história milenar da maconha, da sua história recente a proibição, que segundo o informe é devida a indústria sintética que concorria com o

---

<sup>33</sup> Patrulhamento Tático Móvel .

cânhamo natural e devido ao racismo com os povos que dela faziam uso tradicional. Em outro ponto coloca-se que o Brasil está cada vez mais preparado para a legalização e que o movimento fala apenas da legalização da maconha, não de outras drogas, apesar de afirmar que esse seria o primeiro passo para outras políticas em relação a outras drogas. Por fim o informe falava também das propostas de regulamentação da maconha que tramitam no Congresso.

Entreguei para várias pessoas os informes agradecendo e dando boas vindas à Marcha da Maconha. Alguns davam uma rápida lida nos informes, outros falavam que iam guardar de recordação e outros, a minoria, os jogava no chão. Ao contrário dos outros anos o informe da Marcha foi impresso em um papel simples, devido a questões orçamentárias colocadas nas reuniões, e foi bem diferente dos anos anteriores que tinham um apelo estético e uma qualidade melhor. Também entreguei informes para as pessoas que não iam participar da Marcha, mas que estavam passando pelo museu. Alguns olhavam com desconfiança quando sabiam que se tratava da Marcha da Maconha, outros nem pegavam os informes dizendo: "Sou totalmente contra isso", como afirmou um senhor que trabalha na Biblioteca Nacional. Da mesma forma alguns policiais aceitaram os informes, já outros não quiseram.

Ao voltar, conversei um pouco com os organizadores, Henrique me falou que o pai da menina Anny foi falar com alguns organizadores e dar apoio a organização da Marcha rapidamente, indo embora logo depois. Durante este tempo na concentração da Marcha, entrevistei algumas pessoas que chegavam. Para melhor compreendermos os diferentes atores que passaram pela concentração da Marcha, seus pontos de vista, como vivenciavam esta experiência, segue a transcrição de algumas entrevistas que realizei. Segundo Mateus da Ceilândia:

"Tô aqui pra ajudar a legalizar logo né? Senão agente fica agoniado, se não legalizar logo essa maconha!".

Já outro entrevistado disse:

" Pô brother, tô na Marcha da Maconha esse ano para ver se legaliza, porque acho uma discriminação de toda parte, de todo mundo na verdade, não só aqui do Brasil, mas principalmente aqui no Brasil, que a galera tem a mente aberta para muitas coisas e não para a maconha. Acham que quem fuma maconha é marginal, quem fuma maconha é bandido, e não é assim. Acho que devia legalizar, que desta forma cada um poderia plantar e não haveria o tráfico e muita

menas morte, e o governo lucraria com isso, que é muita gente que fuma". Disse Mateus de Pádua, 23 anos, da Ceilândia.

Também conversei com algumas pessoas que trabalhavam na Marcha:

"Minha opinião é que eu acho normal ué. Eu não tenho nada contra, não uso e não tenho nada contra, só trabalhando mesmo". Disse José Raimundo, 33 anos, vendendo pipoca na Marcha da Maconha.

Já um homem que estava sentado com sua esposa em frente ao Museu Nacional disse:

"Vamos descer ali, vê essa parada da maconha aí. Eu não uso cara, é o seguinte: já passei por duas graduações, agente pode conversar mais em nível acadêmico. Vamos pegar um conceito legal, que nada mais é do que querer baixar uma norma que incrimina, certo? Dentro desse conceito legal agente tem algumas experiências aí em termos de social, e jurídico, e agente pode inserir aí também a questão de saúde. Então hoje uma droga que é lícita, no caso o Álcool, gera um enorme gasto para a saúde, no entanto também, gera uma enorme arrecadação. Aí você tem dois pesos e duas medidas, porque enquanto isso vive na legalidade, no caso da maconha, você acaba tendo o comércio paralelo, e o estado não arrecada com isso. Ao mesmo tempo a partir do momento que agente vai liberar, o estado acaba assumindo essas responsabilidades em questão da saúde. Então se me perguntar se tenho uma opinião formada sobre isso, não tenho. Só acho o seguinte, se descriminalizar o uso, deve-se pautar também um debate para a descriminalização também do comércio. Porque não adianta só, pode usar, aí o comércio continua criminoso". Disse Carlos, 40 anos, do Jardim Botânico.

Ao longo das entrevistas e do trabalho de campo fui percebendo que durante a Marcha da Maconha de 2014 havia uma enorme quantidade de adolescentes e de pessoas da periferia de Brasília, e também uma grande quantidade de pessoas negras. Das dezoito breves entrevistas que realizei na Marcha, onze pessoas eram da periferia e quatro tinham menos de 18 anos de idade. Era possível também ver vários adolescentes ainda com o uniforme do colégio participando da Marcha. A grande maioria das pessoas que estavam na Marcha era jovem, mas também havia pessoas mais velhas. Um exemplo disso era a senhora que segurava um cartaz verde, vermelho e amarelo onde estava escrito: "quero plantar meu remédio, não ao tráfico", que segundo um dos organizadores sempre está presente nas Marchas. Várias pessoas também não quiseram me dar entrevistas, muitas simplesmente por timidez, mas outros, como um rapaz, disseram que trabalhavam e tinha medo de falar, o que demonstra o quanto a questão ainda é muito estigmatizada (GOFFMAN, 1988). Outro fato interessante que notei nas entrevistas foi que alguns entrevistados utilizaram argumentos semelhantes aos da

organização contra a proibição da maconha. Já outros afirmavam estar lá apenas para fumar maconha, ou porque estão agoniados com a proibição, como relatou um jovem entrevistado. Já outros disseram estavar lá para acompanhar um amigo, "indo pela galera". Havia também pessoas vendendo comidas e bebidas na Marcha, vendendo "larica"<sup>34</sup>, como brincavam. Outro fato que observei na concentração foi a presença de algumas crianças com seus pais. Em uma entrevista para a EBC uma manifestante que estava com a filha disse<sup>35</sup>:

"Eu quero que ela cresça em um mundo onde haja liberdade de escolha e não em um lugar onde é o Estado que impõe [o que pode ou não ser feito]". Disse Cecília Borges, que trouxe a filha de 5 meses.

Próximo às 16h20, a Marcha começou então a se deslocar em direção a esplanada dos ministérios tomando as ruas do eixo monumental, Samuel soltou mais alguns fogos enquanto a Marcha se deslocava. Os policiais logo se deslocaram também e fizeram uma espécie de cordão, marchando paralelamente à multidão para que a Marcha não invadisse toda a rua e atrapalhasse ainda mais o fluxo dos carros. Neste cordão alguns manifestantes pediam para que os carros buzinassem, mas apenas alguns buzonavam. Percebia-se que algumas pessoas buzonavam e se manifestavam a favor da Marcha, mas a maioria acabava mesmo sendo indiferente a manifestação, assim como a polícia. Nos pontos de ônibus e com as pessoas que estavam passando pelo local no momento percebi a mesma coisa. Muitas pessoas começaram também a andar pela grama mesmo para não ter de se espremer pelas ruas do eixo monumental, o que irritava muito Constança que aos berros pedia para as pessoas saírem da grama e ir para a rua.

Também foi interessante ver as pessoas fumando maconha protegidos pelo cordão da polícia, logo alguns manifestantes começaram a provocar os policiais com palavras de ordem: "Ei, polícia, maconha é uma delícia!", "Você aí fardado, já esta chapado?", "polícia sem vergonha, o seu filho também fuma maconha" ou "polícia pra ladrão, pra maconheiro não!". Alguns cartazes também provocavam os policiais, como: "Polícia sem vergonha, dá bacu<sup>36</sup> pra degustar minha maconha".

---

<sup>34</sup> Nome dado a fome causada pelo uso de maconha.

<sup>35</sup> Notícia disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/brasil/2014/05/Marcha-da-maconha-reune-4-mil-em-brasil>. consultado em 08 de março de 2015.

<sup>36</sup> Abreviação de "Baculeijo", como é chamada a revista policial.

Apesar de algumas discussões, Danielle Marchava sempre ao lado dos policiais conversando com eles. A maioria das pessoas também estavam sem máscaras, mas algumas utilizavam máscaras verdes no formato da folha da maconha. Interessante pontuar que algumas das palavras de ordem vinham de outras edições da Marcha, usadas também em Marchas de outros estados. Daí em diante a Marcha já tinha tomado forma e várias palavras de ordem, gritos e músicas eram entoadas de maneira bem jocosa: "Um, dois, três, quatro, cinco, mil, tem que legalizar a maconha no Brasil!", "tráfico não, legalização!", "Eu sou maconheiro, com muito orgulho, com muito amor", "Dilma Rousseff legaliza o beque", "Arroz, feijão, maconha e educação!", "Quanto a maconha legalizar, olê, olê, olá, eu vou plantar!", "O latifúndio é uma vergonha, reforma agrária para plantar maconha", "Ei fazenda, maconha gera renda!", " Um beque gigante, na boca do estudante", " Ah que vergonha, a passagem tá mais caro que a maconha", e muitos outros. Já outros eram usados para chamar as pessoas, uma espécie de jogral, como em outras manifestações: "Vem, vem, vem pra rua vem, pela maconha!". Como já era bem próximo da copa do mundo de futebol, também era possível ouvir palavras de ordem como: "Da copa eu abro mão, quero o direito de lutar pela legalização", e suas variantes: "Copa do mundo eu abro mão, quero direito de plantar meu camarão<sup>37</sup>". Também era possível ver uma enorme faixa que dizia: "Se liga, a copa é para turista".

Um grupo que chamava a atenção na Marcha era o coletivo juntos. Com suas camisas amarelas e muita disposição eles se destacavam entoando as palavras de ordem referentes à copa. Também cantavam: "Se você pensa que maconha é droga, maconha não é droga não, droga é esse Congresso, que não apóia a legalização" e também: "Dança Dilma, dança até o chão, tô com Jean Wyllys pela legalização!". O juntos também carregava uma faixa escrito: "PL7270: Legalize essa ideia - juntos.org.br". Além do Juntos presenciei outros coletivo na Marcha, como o Coletivo Apologia. Enquanto íamos em direção a esplanada um integrante do Coletivo Apologia falou comigo rapidamente:

" Meu nome é Vitor, tenho 22 anos, faço ciências políticas, faço parte do coletivo apologia e é o seguinte, usar droga é um direito que é negado pelo estado e a

---

<sup>37</sup> Forma natural da planta, seria a flor da planta fêmea *in natura*. Ao contrário do "prensado" que tem a forma de um "tijolo", pela necessidade da facilitação do transporte devido a ilegalidade.

guerra as drogas é só uma justificativa para controle social, e isso aí a galera tá começando a criar a consciência que usar droga não é crime, é só um direito que é negado pelo estado".

Notei também a presença de coletivos LGBT's e feministas na Marcha. Algumas bandeiras arco-íris, e alguns cartazes e faixas como: "Não passo beque para machista", "Proibição mata, machismo também", "cabeça feita, ventre livre", marcavam presença por lá. O coletivo "Cia Revolucionária Triângulo Rosa" também estava por lá, conversei rapidamente com um dos integrantes. Segundo Luti Laporta:

"Sou da Cia Revolucionária Triângulo Rosa, agente é um coletivo LGBT daqui de Brasília. Bom, agente acha que o segmento LGBT, assim como o Movimento Negro, como o movimento feminista, todos estes movimentos que estão sendo atacados principalmente hoje pelo fundamentalismo religioso que está inserido no Congresso Nacional, é muito importante que estes movimentos se unam lutando contra a marginalização que é imposta aos usuários de maconha, aos LGBT's, aos negros e negras. Então é para ter esse sentimento de aliança, das pessoas que são oprimidas por esse estado, por essa polícia né?"

Como combinado nas reuniões e avisado pela *internet* não houve nenhuma bandeira de partido na Marcha. Apesar dos organizadores tentarem fazer as pessoas ficarem na pista do eixo monumental, muitas andavam pelo gramado da esplanada, à frente da Marcha estavam as faixas principais feitas pela organização. Observei que algumas pessoas que carregavam as faixas e ajudaram a empurrar o aparelhinho eram conhecidos dos organizadores. Em um momento a Marcha andava muito devagar, eram tantos fotógrafos e pessoas filmando que a parte da frente da Marcha parou para ficar pousando para as câmeras, enquanto isso as pessoas logo atrás das faixas conversavam e até tocavam violão. Assim como vi em outras Marchas do país, um rapaz também "vendia drogas", ele encenava vender cigarros, remédios, álcool e cafeína ao lado dos ambulantes que estavam junto a Marcha. Enquanto a parte da frente da Marcha ia devagar no fundo as coisas eram diferentes, lá atrás estava também o aparelhinho, que tocava um som bem alto. Um amigo que estava me ajudando a gravar os sons até me comentou: "Parece que a periferia tá aqui atrás, e que a classe média tá lá na frente".

Foi ali no meio para o fundo da Marcha que eu ouvi as pessoas pedindo a "intera do becão". A "intera" era pra pedir uma contribuição de maconha para as outras pessoas que Marchavam para confeccionar um cigarro de maconha (beque) gigante, um "becão". Algumas pessoas iam passando e colocando a sua contribuição ("intera") no baseado que esperava para ser enrolado em um papel



gigante, que me parecia daqueles papeis de pão pardo. Um rapaz de outro grupo chegou então e colocou uma intera bem grande. Nesse momento um grande número de pessoas parou para olhar o becão. Importante pontuar que eu não estava lá neste momento, mas ao observar os vídeos filmados pelos meus colegas, me parece que o grupo que havia começado a intera do becão era de uma classe social mais alta, o rapaz que chegou dando a maior contribuição e o grupo que estavam com ele me parecem ser da periferia. Dai pra frente mais e mais gente foi aparecendo e se juntando ao becão que uniu ali as mais diferentes classes sociais.

A Marcha já havia chegado ao Congresso Nacional, que em 2014 seria parte do trajeto devido às propostas de leis que envolvem a maconha que estão no Congresso. Ao chegar ao gramado em frente ao Congresso, várias pessoas se dispersaram. Era hora também de formar a já tradicional folha humana da Marcha de Brasília. Os organizadores estenderam então a faixa principal da Marcha da Maconha DF bem próximo ao Congresso. Lá em baixo, mais próximo ao espelho d'água do Congresso, alguns organizadores chamavam as pessoas utilizando o Jogral proposto por Dani: "Vem, vem, vem pra folha vem" (paródia do "vem pra rua vem" de outras manifestações de Junho), e "u, u, abaixa aí", pedindo para que elas sentassem para organizar a folha. Os organizadores então orientavam na medida do possível as pessoas para que elas formassem uma folha gigante de maconha. Além da dificuldade de fazer as pessoas se perfilarem da maneira certa, muita gente continuou mais a cima da esplanada conversando, sentando na grama, tocando violão, fazendo malabares e ao lado do aparelhinho, que ficou na parte de cima, próximo a rua, tocando música. Também era possível ver várias pessoas fumando no gramado em frente ao Congresso e muitas ainda pedindo a intera do becão.

Em um determinado momento Danielle subiu pelo gramado do congresso em direção à rua com o megafone da Marcha, pedindo para que as pessoas fossem formar a folha. Posteriormente a organizadora foi também em direção ao aparelhinho pedindo para os DJ's desligá-lo para que as pessoas se concentrassem na folha humana. Ao ir voltando para mais próximo do Congresso, a organizadora se deu conta do tumulto causado pelo becão. Ela então começou a advertir as pessoas para não fumarem o becão. Segundo ela: "A polícia ta aqui puta da vida!". Mas quando ela começava a falar algumas pessoas dispersas na imensa roda formada

cantavam: "Nois vai fuma becão!". Ela então agradeceu a solidariedade e o baseado de forma irônica. Enquanto se retirava, um rapaz perguntou: "você quer dar umas bola<sup>38</sup>?". Dani bastante irritada rapidamente respondeu: "Não bicho, agente está fazendo uma folha agora, saco? Bem ali ó! A maior folha do Brasil que agente faz aqui em Brasília, e a galera ta aqui ó!. Brother se você acende isso aí, a polícia ta aqui, ta todo mundo aqui mano!".

Mais uma vez ela foi interrompida pelo rapaz que dizia: "nois vai fuma becão!". Nesse momento a situação ficou um pouco tensa, Pedro Borges, o rapaz do documentário "4.20:Horário de Brasília", tentou convencer as pessoas que elas poderiam ser presas. Mas não adiantou, um rapaz lá atrás gritou: "acende esse baseado e para de *show*!" Dani então continuou: "Vamo pra folha pô, todo dia agente fuma essa porra, vamo legaliza véi, todo mundo tem que contribui pra legalizar, olha a parada ali na frente (...) nunca pensei que ia encontrar maconheiro intolerante, na moral, olha a folha ali ó, ta pequenininha a primeira, a primeira ta ridícula mano, é assim a folha que agente quer ter em casa?"

Achei este fato bem interessante, pois enquanto Dani organizava a folha com um objetivo simbólico, dando um viés da organização e mais "político", muitos dos que participavam da Marcha não queriam participar da folha, fumando os becões ou mesmo conversando no gramado em frente ao Congresso. O que me levou a pensar nas diferentes formas de vivenciar a Marcha e interpretá-la.

Dani então voltou à frente do espelho d'água do Congresso quando já havia convocado uma quantidade razoável de pessoas para formar a folha. Ela então pediu para que os manifestantes repetissem o que ela falava ao megafone para a mensagem chegar até os manifestantes mais distantes, fazendo um jogral. Do "talo" da folha ela pedia: "Atenção! Vamos fazer uma folha humana, vamos sentar, e os organizadores vão formar a folha.", "Vamos sentar aí! Í, í, abaixa aí!" A ideia deu parcialmente certo e por volta das 15h a folha estava formada.

Lá atrás o becão também estava enrolado, e era fumado por várias pessoas. Muitos também o filmaram e formaram uma enorme roda envolta dele. Este foi um dos momentos mais marcantes da Marcha para mim. Muitas pessoas se

---

<sup>38</sup> Quer dar uns tragos?

aglomeravam e se empurravam pra dar um trago no becão. Era possível ver também crianças e até mesmo pessoas cheirando algum tipo de solvente no meio do tumulto. A maioria das pessoas que o fumaram eram homens, na maioria jovens, talvez até menores de idade. Da mesma forma algumas adolescentes também fumaram o becão. Foi possível observar também que a maioria das pessoas que fumavam o becão era da periferia da cidade. Por fim, apesar da controvérsia gerada com os organizadores e com alguns manifestantes, o becão era fumado sem maiores problemas.

A folha durou por um bom tempo, enquanto isso as pessoas ficaram sentadas em frente ao Congresso em um clima de completa tranquilidade, formando várias rodas, conversando, tocando violão e falando algumas palavras de ordem, como: "U, é o baralho, no Brasil tem maconheiro pra caralho!", "Vamos derrubar o Congresso, fumar maconha, vai ser o meu protesto!", "Chega de prensado, quero *Skunk*<sup>39</sup> todo dia dichavado!". E também cantavam: "Eu só quero é ser feliz, fumar tranquilamente no lugar onde colhi", parodiando o *rap* "Eu só quero ser feliz" e "Ô, ô,ô,ô,ô cadê o isqueiro, vamos formar o bonde dos maconheiro" parodiando a música de MC Catra. Palavras de ordem mais comuns também aconteciam por lá, como: "um, dois, três, quatro, cinco, mil, vamos legalizar a maconha Brasil", "Ei polícia, maconha é uma delícia" e o "Eu, sou maconheiro, com muito orgulho, com muito amor" (paródia do clássico entoado nos estádios de futebol brasileiros). Os organizadores também puxavam o coro com o megafone pedindo: "Vem, vem, vem pra folha vem, da maconha!", para chamar mais pessoas pra folha.

Também percebi que Renato Malcher foi rapidamente observar a Marcha, ele também seria um dos palestrantes ao final do evento, mas neste dia houve um velório de um amigo dele que havia falecido e ele acabou não comparecendo ao debate mais tarde. Renato falou rapidamente em frente ao Congresso para um dos meus colegas que registraram a Marcha:

"Vim aqui prestigiar, cada vez maior essa manifestação, e é graças a este movimento que muita injustiça está sendo interrompida, muita consciência está sendo tomada no sentido de que pessoas estão sofrendo a toa, em termos de repressão, em termos de fazer uso medicinal. Graças a este movimento as pessoas tomaram consciência do potencial medicinal da maconha, e não há nada que justifique que as pessoas sejam impedidas de tomar decisões, na maneira de

---

<sup>39</sup> Nome comumente utilizado para referir-se a uma maconha de boa qualidade.

lidar com os possíveis problemas do abuso. Conscientização, não medo. Então esse pessoal aqui é um pessoal de vanguarda, porque os benefícios que a maconha medicinal vai trazer, em alguns casos até salvando vidas, em vários sentidos, e aliviando sofrimentos, é sem dúvida consequência da luta destas pessoas que estão aqui pedindo seu direito de escolher, sua forma de encarar a vida, de se divertir. O importante é que exista consciência, educação e respeito pela opinião das pessoas. Vim aqui prestigiar o evento que eu admiro muito".

Os balões que estavam no aparelhinho haviam sido levados para a folha humana, e começaram a ser soltos perto do Congresso Nacional neste momento. Algumas crianças começaram a pedir os balões para os organizadores. Foi muito engraçado ver aquelas crianças pulando em cima do Henrique pedindo: "Tio, me da um balão!". Henrique então falou: "Calma aí, calma aí, de um, em um". Os balões foram soltos, então muitas pessoas aplaudiram e assobiaram enquanto os balões subiam, outras soltavam palavras de ordem como: "Legaliza a maconha!". Para mim este foi outro momento marcante da Marcha junto com a folha humana que havia sido formada. Os balões verdes, apesar de poucos, se harmonizaram com o céu de Brasília que estava bem limpo àquela hora. O sol também se punha e o tom alaranjado se misturava com as nuvens e com o azul do céu. Esse clima de paz e tranquilidade ainda continuou por um bom tempo enquanto as pessoas que estavam na Marcha ficaram em frente ao Congresso Nacional. Outro ponto interessante foi a presença da mídia neste momento, Henrique e Marcello deram entrevistas para emissoras de televisão, e várias câmeras apontavam para os manifestantes que formavam a folha humana.

Apesar dos becões, a polícia também acompanhou a Marcha de uma forma bem tranquila. Os policiais que cercavam o Congresso também observavam à distância a passeata da maconha. Samuel então soltou mais alguns fogos, e deu alguns informes de maneira bem empolgada utilizando o megafone da Marcha:

"A maior Marcha do Brasil, é nois Brasília, agente que faz essa porra no Brasil!. Então galera, agente vai fazer um debate, 19horas, no museu, em um auditório para 700 pessoas, ar condicionado, só não pode fumar um... Mais aí, o debate é fino, só especialista falando da maconha, da legalização, ta ligado? Mas aí, vamos reuni a galera, vamos voltar a Marcha mais bonita do Brasil para o museu e fazer o debate mais *top* do Brasil".

Em um momento Samuel ligou um som do megafone (que é semelhante ao da sirene da polícia) e anunciou:

" Aqui é a maconha, maconha legalizada! Pode fumar, pode fumar... (...) Vamos mandar fumaça ao céu, vamos fazer fumaça, vamos botar o Congresso. *Babylon fire*<sup>40</sup>!".

Falei um pouco com Samuel enquanto estávamos sentados na folha Humana. Perguntei a ele como estava sendo a Marcha de 2014. Samuel Respondeu:

"Esse ano é uma data muito inédita, foi um movimento muito lindo, 5 mil pessoas, inédito. Estamos aqui na frente do Congresso (fazendo) uma folha linda, humana, 5 mil pessoas, e vamos legalizar essa porra!".

Enquanto a Marcha estava estacionada ali, aproveitei e subi um pouco em direção à rua para entrevistar mais pessoas. Observei que tinham vários grupos e rodas de fumo formadas no gramado em frente ao Congresso Nacional. Além do becão era possível ver outros cigarros enormes de maconha, parecia uma espécie de ostentação dos baseados. Foi emblemático observar aquelas pessoas fumando maconha em frente ao Congresso Nacional sem serem incomodados pela polícia.

Posteriormente encontrei novamente o rapaz que estava tocando *reggae* na concentração, agora tocando outra música em meio a uma roda de fumo. Entrevistei algumas pessoas nessas rodas de fumo de lá rapidamente, só perguntando o porquê estavam na Marcha da Maconha, para melhor compreender o porquê de estarem ali. Alguns disseram: "Quer que legaliza, fumar né? Nois gosta, é bom demais!" disse um grupo de jovens. Já outro jovem da Ceilândia, de 17 anos, disse: "(Está aqui) porque gosta da maconha!".

Também entrevistei algumas pessoas quando ainda estavam sentados na folha. Segundo Aisa Ribeiro, de 19 anos, do Cruzeiro:

"Eu não fumo maconha, eu parei já tem um tempo. Mas eu vim aqui porque, quem sou eu né? Quem tem que fumar e quem não tem? Então vim mais pelos meus amigos, pela galera. Mas eu particularmente parei por meus motivos próprios assim, questões espirituais até, mas em relação a Marcha da Maconha acho que quem quiser fumar fuma, quem quiser beber bebe, então quem sou eu para dizer alguma coisa. Eu apoio quem está aqui, e é isso aí".

---

<sup>40</sup> Expressão de origem bíblica comumente utilizada pelos rastafáris e alguns usuários de maconha. Remete à Babilônia, império que oprimia o povo hebreu, que neste contexto da Marcha pode ser visto como o "sistema". A expressão "fogo na Babilônia" aparece muito no imaginário rastafári simbolizando o fim do sistema que oprime, é também utilizada como expressão para fumar maconha neste contexto mais específico.

Já Jonatan Santos, 20 anos, de São Sebastião disse:

"Porque eu quero que legalize, obviamente, que se legalizar vai melhorar para todos nós que somos usuários entendeu? Porque não há motivos para o não, tantos países desenvolvidos aí, como Estados Unidos, pelo menos metade para fins medicinais, Califórnia... Tanto lugar que funciona entendeu? Aqui poderia funcionar também".

Carlos, 20 anos, da Ceilândia disse:

"Para mim (a Marcha da Maconha) é um evento onde eu posso, tipo, me auto afirmar, tá ligado? Como maconheiro, com outras pessoas que também fumam, é uma forma de socialização para mim, e de protesto também contra a proibição da maconha".

Também entrevistei uma senhora que vendia *CupCakes* durante este tempo que a Marcha permanecia no gramado do Congresso Nacional. Segundo Luciane, 49 anos, do Valparaíso:

"Já tinha que ter legalizado isso né bicho? Demorou. Tá tranquilo (aqui), tá *light*, tá beleza. Eu vim vender uns *CupCake*, aliás uns *Laricake*. Já vendi bastante, só falta esses aí agora". Disse ela.

Já começava a escurecer e muitas pessoas continuavam no gramado do Congresso. Algumas pessoas ajudavam também limpando o gramado antes da Marcha partir. A Marcha começou a voltar para o museu tomando a faixa no sentido contrário do eixo monumental, mas muita gente ficou por lá ou foi mesmo embora. Eu mesmo não tinha me dado conta que a Marcha já estava voltando quando ouvi o som do aparelhinho que já estava do outro lado voltando. Quando me aproximei novamente da Marcha as mesmas coisas que aconteceram na ida, aconteceram depois na volta. Muitas pessoas andando na grama, e Constança pedindo para que viessem para a rua. Mas a volta me pareceu ainda mais tranquila. Já estava escurecendo, as pessoas já não gritavam tantas palavras de ordem, acho que já havia um cansaço também nesta hora. Muitos carros também buzonavam, alguns em apoio a Marcha, outros contra. O cordão da polícia estava bem próximo da Marcha, e muitas pessoas fumavam maconha enquanto voltavam passando pela frente dos ministérios. O momento que mais me chamou a atenção foi quando estávamos na altura da entrada da L2 norte e o aparelhinho tocava Bob Marley muito alto. Lembro de observar os policiais parando e organizando o trânsito para que aquela massa

esfumaçada ao som do *reggae* passasse, enquanto um rapaz gritava: "Não quero mais fumar pau podre<sup>41</sup>!"

Enfim a Marcha havia chegado ao museu, muitas pessoas foram embora mas muita gente permanecia. Assim como na concentração muita gente andava de *skate* no espaço do Museu Nacional. Muita gente ocupou o espaço e um clima de festa tomou conta do espaço. Muitas pessoas continuavam fumando, também soube através de amigos e organizadores que durante a Marcha tinha gente também vendendo maconha. Para mim essa foi uma das Marchas que vi mais pessoas fumando, e na mais absoluta tranquilidade, sem nenhuma interferência da polícia. Ela me lembrou muito as "*Marijuana March*" que ocorrem em outros países, onde a Marcha é um evento onde também se fuma muita maconha sem maiores problemas com a polícia. Assim como na Marcha dos outros estados, parece que em 2014 o efetivo policial foi menor, houve menos repressão. Posteriormente tentei me comunicar com a Polícia Militar através de e-mail, mas não obtive resposta.

O som do aparelhinho mais uma vez agitava as pessoas, além do *reggae* tocou-se muito *rap* enquanto o debate não começava.

Após a Marcha fiquei sentado em frente ao museu esperando começar o debate e conversando com algumas pessoas sobre a Marcha. Alguns falaram que "a Marcha teve um clima de '*Woodstock*', de fumar um, e não de um discurso político". Outros falaram que gostaram da Marcha, do tempo à frente do Congresso durante a folha. Vi que Danielle estava trabalhando muito, indo de um lado para o outro para organizar o debate no museu. Ela também lembrava as pessoas perto da entrada do museu que o debate ia acontecer logo mais.

Entrei para o auditório para acompanhar o debate. Daniele havia organizado bem o espaço. Uma caixa de som estava bem instalada, microfones também, já que o museu não disponibilizou equipamentos para o debate. As mesas também estavam bem organizadas para os convidados, que seriam: Isabela Oliveira, professora da UnB; Marcello Pedroso, organizador da Marcha; Ray e Priscila, ativistas do movimento feminista e negro. O museu estava muito vazio, no

---

<sup>41</sup> Adjetivo dado a maconha prensada, forma mais comum da maconha encontrada no Brasil. Considerada pelos usuários de péssima qualidade.

máximo 150 pessoas começaram a acompanhar o debate. Ao chegar lá alguns calendários da Marcha da Maconha de 2012 e 2013 eram distribuídos como lembrança. Peguei um e decidi me sentar. A minha frente estavam alguns estudantes com uniforme de colégio que aguardavam o início do debate. O tema seria: "Propostas de Regulamentação da maconha no Brasil".

Isabela Oliveira, professora do departamento de comunicação da UnB foi a primeira a falar. Ela falou um pouco da história da maconha no mundo, dos seus usos antigos pelos Egípcios e Indianos. Falou também que antigamente era uma planta muito utilizada medicinalmente e industrialmente. Das antigas plantações de *Cannabis* para fins industriais no Brasil, a Real Feitoria do Linho Cânhamo (RFLC). Abordou a guerra às drogas declaradas por Richard Nixon e a proibição das drogas. Isabela falou então dos projetos de lei que tramitam no Congresso, como a PL de Jean Wyllys (PSOL-RJ) e Eurico Júnior (PV-RJ). Também abordou o projeto de iniciativa popular proposto por André Kiepper, e da relatoria com o senador Cristovam Buarque (PDT-DF). Citou outros modelos de regulamentação como os de Portugal, Uruguai e dos EUA, no Colorado e em Washington. As diferentes formas de regulamentar, como: Em dispensarias, *coffee shops*, farmácias e etc. Isabela também falou um pouco dos usos medicinais da maconha, comentou o caso Anny, falando de alguns usos do *Canabidiol* e do documentário "Illegal" (2014), de Tarço Araújo. Falou também do medo epidemiológico do uso de maconha e criticou a ANVISA. A palestrante falou também de mudar o nome, o conceito, de uso recreativo, falou para chamar de uso cultural, de lazer, para chamar o apetite, o sono. E que nós temos o direito de alterar a nossa consciência, o direito de não participar do tráfico de drogas. Ela argumentou também que a luta é uma luta de minorias, como a do Movimento Negro e do Movimento LGBT.

Um Rapaz chamado Rogério subiu ao palco e fez comentários breves sobre o que Isabela havia falado, ele comentou que "o estado decide o que se pode ou não se pode fazer" e acabou falando: "devemos participar dos movimentos sociais, lutar pelos direitos!".

Foi a vez então de Marcello Pedroso falar. Marcello falou primeiramente do cansaço do dia, que estava desde cedo organizando a Marcha, pegando faixas,



que haviam pintado o aparelhinho e o transportado em seu carro. Ele falou então do seu envolvimento com a organização, desde 2011 e 2012, que era um organizador recente mas que amava as outras pessoas que organizam a Marcha, mesmo não ganhando nem um real." Só por prazer e tesão", como disse. Marcello também falou um pouco dos modelos de legalização e propôs um modelo próprio. Segundo ele:

"Eu queria legalizar a maconha para ter o meu camarão, grátis, e escolher quais variedades de maconha vão fazer mais bem pra mim, chegar a pessoa em casa: ó trouxe uma semente que eu plantei, o que eu cultivar, a cultura da maconha, eu cultivo essa planta. Ao invés de chegar, pagar 200 conto por essa merrequinha de pau podre, eu queria isso, não pode ter cebola em casa?".

Marcello também disse sobre a Marcha:

"Cada ano que passa a nossa Marcha é maior, mas ainda acho que falta muita coisa para agente conseguir ser a Marcha mais bonita da cidade. Tem um monte de movimento social aí, mas a Marcha é a mais bonita, agente tem de combinar que a Marcha deve ter elegância, beleza" (...) Assim agente chega mais perto da legalização (...) pode ser que legaliza, e eu fico pensando, o que vai acontecer com a Marcha? Agente vai parar de marchar? Não! Agente faz marchas agora ainda mais bonitas, para comemorar a cada ano a liberdade que agente conquistou".

Sobre os modelos de legalização ele comentou:

"Acho que agente não vai legalizar do jeito que agente quer, primeiro os caretas vão dizer: até tantos pés. Não! Acho que a solução para a legalização da maconha é ter mais maconha do que gente para fumar ela, porque aí, se tiver muita maconha ninguém vai conseguir cobrar R\$ 12 por grama, vai ser que nem grama. É de graça, fuma o quanto quiser. O que é importante é cultivar a cultura do bom uso, saber a hora de fumar, não querer só fumar, fumar... Senão o cara vai ficando meio parádão e acaba não correndo atrás de várias coisas belas que estão aí na vida".

Marcello falou também da presença dos coletivos que participaram da Marcha, citou o triângulo rosa, o apologia e o "4.20: horário de Brasília" e deseja que nas próximas edições da Marcha tenham ainda mais coletivos. Que tenha maior proximidade com coletivos LGBT's, pela luta das mulheres, o movimento negro e outras minorias. Também propôs mudar o nome de uso recreativo, para um uso "recriativo" e lutar contra o preconceito com os usuários da erva, além de alertar a ligação do direito com a moral.

O advogado da Marcha, Rodrigo, que também é do coletivo apologia, falou um pouco. Abordou a transversalidade da pauta anti-proibicionista, da questão dos jovens negros mortos na guerra as drogas. Da questão do prazer, do corpo que

remete também a questão das mulheres. Rodrigo falou também da inconstitucionalidade do Artº 28 da lei 11.343/06 que pode chegar ao STF.

Por fim falaram Ray e Priscilla. Elas continuaram falando de certa forma o que os outros palestrantes falaram. Esta hora o debate estava muito vazio, muitas pessoas já haviam saído, restavam no máximo dez pessoas. Elas então falaram que são do movimento feminista e negro, da questão do machismo na questão das drogas, da quantidade de mulheres que são presas por tráfico, principalmente quando são usadas para levar drogas para os homens. Também reforçaram a questão da união das minorias, e que a pauta anti-proibicionista é sim muito transversal.

Na saída da palestra no Museu Nacional encontrei com alguns organizadores da Marcha que não ficaram no museu. Eles falaram que a Marcha foi tranquila, sem confusões, que deveria ter aproximadamente 2.000 pessoas. Comentaram que não foram tantas pessoas, que ano passado tinha o dobro. Falamos rapidamente da presença da periferia na Marcha e da quantidade de pessoas que fumaram maconha durante a manifestação. Falamos também da mudança do percurso, e o fato da Marcha ter tido poucas pessoas, o que segundo os organizadores talvez tenha sido pelo fato da Marcha ter sido em uma sexta feira. Marcello também se despediu em seu carro com o aparelhinho. Decidi ir também às 21h, me despedindo dos organizadores.

## **PARTE II: CONSTRUINDO INTERPRETAÇÕES**

## Capítulo 5

### Construindo moralidades e diferentes projetos

Para iniciar esta parte final, penso que seria interessante analisar primeiramente o quadro mais geral que envolve as discussões sobre a regulamentação da maconha no Congresso e a natureza do movimento social Marcha da Maconha DF. Em seguida, pretendo demonstrar, através de uma interpretação do ritual da Marcha da Maconha, alguns aspectos que se destacaram na Marcha de 2014.

Em relação ao Congresso Nacional, foi interessante observar os discursos, expressivos de projetos tanto favoráveis quanto contrários à regulamentação da maconha, e observar principalmente o quanto a discussão está muito polarizada, muito dicotomizada. É perceptível como os atores utilizam-se da ciência para demonstrar dados e legitimar assim seus pontos de vista e argumentos. Mas, muito mais do que uma questão puramente científica, a discussão encontra-se também no âmbito moral, e este tipo de questão, que envolve muita polêmica, demonstra o quanto a própria ciência está embebida de moralidade e que, de fato, a neutralidade científica está longe de existir.

Penso que seja interessante comparar o chamado projeto "proibicionista" com uma "cruzada moral". Observar os "criadores de regras" e "empreendedores morais" (BECKER, 2008), como senadores, deputados, juízes e outros agentes da lei que participaram das audiências no Senado Federal, foi muito interessante. Segundo Becker (2008):

"As regras são produtos da iniciativa de alguém e podemos pensar nas pessoas que exibem essa iniciativa como empreendedores morais. Duas espécies

relacionadas - criadores de regras e impositores de regras- ocuparão nossa atenção". (BECKER, 2008, p.153)

Ainda segundo Becker:

"O protótipo do criador de regras, (...), como veremos, é o reformador cruzado. Ele está interessado no conteúdo das regras. As existentes não o satisfazem porque há algum mal que o perturba profundamente. Ele julga que nada pode estar certo no mundo até que se façam regras para corrigi-lo. Opera com uma ética absoluta; o que vê é total e verdadeiramente mal sem nenhuma qualificação. Qualquer meio é válido para extirpá-lo. O cruzado é fervoroso e probo, muitas vezes hipócrita". (BECKER, 2008, p.153)

Outro ponto que observei durante as audiências foi como muitos dos argumentos utilizados na época da proibição para legitimá-la são utilizados até hoje. Como descrito anteriormente, durante o contexto da proibição da maconha, a ciência era fortemente influenciada pelas ideias então em voga, como o evolucionismo. A maconha era vista também como: "veneno social", "doença cultural", transmissível de uma população a outra, e era compreendida em categorias patológicas e estigmatizantes como: "maconhismo" e "canabismo" (VIDAL, 2008). A maconha era vista de um ponto de vista patologizante, como um "veneno", uma "doença", na qual os negros, indígenas e populações rurais do Norte e Nordeste eram os "transmissores" para as populações urbanas do Sul e Sudeste.

Pode-se assim traçar um paralelo com as atuais populações e comunidades que são vítimas do tráfico de drogas, que não coincidentemente são majoritariamente compostas por pessoas negras, e que são controladas da mesma forma que estas populações eram antigamente (geralmente através do uso da força e das sanções legais), com o argumento de combate ao tráfico de drogas e de proteger a sociedade das drogas e dos traficantes. Importante pontuar também que o discurso patologizante continua a ser utilizado. Da mesma forma, observa-se que apesar de outra, a categoria estigmatizante ainda existe, a de maconheiro.

Segundo Velho (1981):

"Por sua vez a teoria interacionista do desvio, ao focalizar, especialmente através de Howard S. Becker, o problema da acusação de desvio como forma de conflito político, aponta para mecanismos de poder envolvidos na negociação da realidade, desmistificando os modelos funcionalistas da patologia social (...) Neste sentido a acusação de desvio sempre tem uma dimensão moral que denuncia a crise de certos padrões ou convenções que dão e davam sentido a um estilo de vida de uma sociedade, de uma classe, de um grupo ou de um segmento social específico (...) Assim a existência de uma ordem moral identificadora de determinada sociedade faz com que o desviante funcione como marco delimitador

de fronteira, símbolo diferenciador de identidade, permitindo que a sociedade se descubram e se perceba pelo que não é, pelo que não quer ser (...) Outra forma de acusação é a de viciado e doente referindo-se a pessoa que usa tóxicos. No entanto mais e mais, dependendo do contexto, a droga assume uma dimensão política. O fato dos acusados serem moralmente nocivos segundo o discurso oficial, pois tem hábitos e costumes desviantes, acaba por transformar em ameaça ao *status-quo*, logo em problema político". (VELHO, 1981, p. 58-60)

Percebe-se então que a discussão ainda está muito ligada às mesmas questões de 90 anos atrás e sempre embebida de moralidade e de outras questões sociais e políticas. Durante as observações feitas no Congresso foi interessante ver de perto figuras como Osmar Terra, que pode ser visto com um empreendedor moral, defendendo seus projetos e pontos de vista. A presença de criadores e impositores de regras nas audiências também foi interessante para pensar a teoria de Becker, durante as audiências promotores, policiais, advogados e juízes demonstraram seus pontos de vista sobre o tema.

A presença de pessoas ligadas a religiões também foi marcante – padres e pessoas ligadas as mais diversas religiões também participaram das audiências. O Partido Socialista Cristão (PSC) foi um dos principais partidos de oposição as propostas liberacionistas, e é interessante pontuar que pessoas influentes como Mariza Lobo também tem ligações com o partido, inclusive ela se candidatou a deputada Federal pelo Paraná em 2014. Argumentos falados durante as audiências como: "Deve-se ter cuidado com a trajetória, o chapado demora mais" e também a "falta de ética, de bons costumes, da prostituição que anda junto às drogas", como disse Marcos Daudt na primeira audiência que acompanhei, demonstram como a questão está ligada a questões morais, que atacam projetos, trajetórias, minorias e estilos de vida desviantes. Assim como argumentou Mariza Lobo na Câmara:

"Não tenha medo da mídia, não tenha medo de ativistas, não vamos ser pautados pela minoria, olhe os 75% da população (...) Grande maioria contra o resto, deve ser jogada no lixo!".

Durante as audiências também se falou como a repressão as drogas também acaba por ser uma forma de controle social, que envolve principalmente populações pobres e negras. Em relação a estas questões, um caso que foi muito comentado foi o caso Amarildo, que foi tomado como exemplo pela professora Beatriz Vargas durante audiência no Senado. Estas observações demonstram como a questão não se relaciona apenas a questões morais, mais consequentemente

políticas e de poder, algo que podemos notar através deste paralelo com a história da proibição das drogas.

É interessante observar então como os argumentos dos proibicionistas, por mais que as vezes pareçam despidos de sustentação e com um fundo predominantemente moral, podem nos revelar como funcionam as formas de articulação discursiva no Congresso Nacional, e também suas fontes de sustentação social e articulações com interesses mais amplos.

Segundo Becker:

"Como diz Gusfield, 'o reformismo moral deste tipo sugere um modo de aproximação de uma classe dominante com relação aos menos favoravelmente situados na estrutura econômica e social'. Cruzados morais querem, de modo típico, ajudar os que estão abaixo deles a alcançar um melhor status. Outra questão é saber se os que estão abaixo deles gostam sempre dos meios propostos para tal salvação. Mas esse fato - que as cruzadas morais são em geral dominadas por aqueles situados nos níveis superiores da estrutura social - significa que eles acrescentam ao poder que extraem da legitimidade de sua posição moral o poder que extraem de sua posição superior na sociedade". (BECKER, 2008, P. 155)

Da mesma forma, o outro lado, a favor da regulamentação da maconha, também tem seus argumentos moralizados do seu ponto de vista. Foi interessante observar estes atores argumentando contra a cruzada proibicionista, inclusive agentes da lei. Observei que para alguns a maconha é uma verdadeira panacéia, tanto no que tange aos males causados pelas enfermidades do corpo e da mente, mas também para a cura de males sociais. Para muitos a maconha está longe de ser algo mau, mas algo positivo. Apesar disto fala-se (pouco) dos males que o uso da *Cannabis* pode causar, buscando uma política de redução de danos, mas a maioria dos argumentos são pautados nas benesses que a regulamentação da maconha e das drogas traria. Há também os interesses mercadológicos que claramente permeiam a questão, principalmente em relação às patentes relacionadas a uma possível indústria da *Cannabis*, caso a mesma seja legalizada. Neste sentido, os argumentos de Crippa sobre o empresário George Sorus tem sim muito sentido, mas também fica claro que o próprio se beneficiaria em suas pesquisas e medicamentos caso ocorra a regulamentação da *Cannabis* medicinal.

Minha intenção neste trecho foi exatamente trazer esses pontos de vista diametralmente opostos. Percebe-se como, mais do que um embate moral, é

também um embate de estilos de vida, de visões de mundo que estão relacionados a projetos.

Talvez uma forma interessante de analisar estes acontecimentos seja utilizando alguns argumentos de Gilberto Velho. Interpretando suas obras, principalmente; "Projeto e Metamorfose: antropologia das sociedades complexas" (1984) e "Nobres e Anjos: um estudo sobre tóxicos e hierarquia" (1998), penso que a questão das drogas pode ser vista primeiramente como um fator de alteridade, de diferenciação. Um exemplo seria a maneira como as pessoas pensam o uso de maconha, se são a favor, neutras, ou se são contra. Se são proibicionistas ou liberacionistas, ou se usam ou não usam maconha. Estes são alguns dos fatores de diferenciação que podem condicionar a posição dos atores no debate, que geram uma forma de hierarquização que marca fronteiras entre indivíduos e grupos.

Segundo Velho (2008):

"Embora possam ser estigmatizantes em termos de uma cultura dominante oficial, os tóxicos são manipulados como símbolos de prestígio não só internamente aos grupos estudados, mas como forma de marcar distâncias em termos de relacionamento entre grupos ou estratos sociais distintos (...) a maneira de utilizá-los, o contexto adequado, o tipo de ritual que vão marcar essas fronteiras (...) Ele é um símbolo de diferenciação. O comportamento desviante é, portanto, um mecanismo fundamental de hierarquização. Positivamente ou negativamente, ele é altamente valorado, servindo de importante fronteira entre indivíduos e grupos. Na medida que se incorpora ou que é compreendido não isoladamente, mas como sendo um item de um estilo de vida, vai ser um elemento que contribuirá para o estabelecimento de hierarquias internas a uma classe, categoria ou estrato". (VELHO, 1998, p. 205)

O conceito de "projeto", comumente utilizado por Velho, pode ser sintetizado como uma forma de expressão simbólica de uma cultura, de visões de mundo, estilos de vida e cosmologias que estão ligados a organizações sociais e mudanças sociais. Penso que este conceito seria muito interessante para interpretarmos os acontecimentos no Congresso e na Marcha.

O que podemos observar no Congresso foi a negociação da realidade entre projetos que envolvem toda a sociedade nacional, (projetos anti-proibicionistas e proibicionistas). Como argumenta Velho, a sociedade pode ser vista "como um complexo processo de interação e negociação da realidade" (VELHO, 1994, P.113) e o Congresso foi um ótimo campo para observar este processo.



O proibicionismo também poderia ser visto como uma espécie de projeto com uma característica de "cruzada moral", que como argumenta Becker, impõe suas regras através da lei e de seus agentes. Mas seria esta cruzada moral proibicionista um projeto, forte o suficiente para resistir às dinâmicas sociais? Seria o projeto liberacionista, ou anti-proibicionista, um projeto mais capaz de lidar com as questões que vem se apresentando?

O parlamento foi um prato cheio para observar esta disputa de projetos, de conflitos e negociação da realidade. Ainda utilizando os argumentos de Velho, é interessante observar a forma como se dá a coexistência destas realidades, destes projetos, se há alguma harmonia ou se é conflituosa.

Segundo Velho (1981):

“Os projetos mais eficazes seriam aqueles que apresentassem um mínimo de plasticidade simbólica, uma certa capacidade de se apoiar em domínios diferentes, um razoável potencial de metamorfose”. (VELHO, 1981, p.33).

Seria o projeto liberacionista um projeto com potencial de transformação? Poderia, nos termos de Velho, comportar coexistências contraditórias? Segundo o autor:

“Indivíduos de culturas ou mesmo meio sociais cujas existências se baseiam em premissas conflitantes podem não chegar a uma definição de realidade que permita minimamente sua coexistência, convívio e interação”. (VELHO, 1994, p. 119)

Parece-me que após as audiências públicas no Congresso, o único consenso é mesmo sobre o uso medicinal, e mesmo assim muito superficial, já que a forma como isso será feito também gera muitas discordâncias. A questão do uso recreativo provocou muitos conflitos durante as comissões, e sinceramente não sei se haverá alguma forma de coexistência entre estes projetos em curto prazo. Por fim não se sabe ainda os impactos que as audiências vão ter a longo prazo, mas já é possível observar algumas movimentações normativas, principalmente em relação ao uso da maconha medicinal (como a mudança do CBD da lista de medicamentos proscritos para controlados da ANVISA) mostrando que ao menos no que tange a este aspecto houve alguma concordância, alguma coexistência.

Esta, aliás, é outra polarização recorrente que se mostrou muito interessante, a dicotomia entre maconha medicinal e recreativa. Ela é um bom

exemplo para demonstrar as hierarquizações e dicotomias que marcam fronteiras, e também para demonstrar a questão moral que envolve o tema.

A meu ver, o uso medicinal foi interpretado como mais legítimo, ao contrário do recreativo. Um exemplo foi o consenso que houve no Congresso em torno dos usos medicinais da *Cannabis*, já em relação ao uso recreativo não houve tanto consenso. Um ponto que foi interessante observar durante as audiências foi o caso Anny, que deu muita visibilidade a questão da maconha medicinal. Observar como o uso "bom" da *Cannabis* pareceu assustar os que condenam o seu mau uso, uso recreativo, pois poderia parecer que a maconha em si possa ser vista como algo "bom", como defenderam alguns palestrantes, poderia causar alterações nestas estruturas hierarquizantes. Outro exemplo interessante é o caso do CBD e do THC, os dois são princípios ativos presentes na maconha, mas os proibicionistas parecem ver o THC como algo "mau" e o CBD como "bom", pelo fato do primeiro estar mais relacionado ao uso recreativo e o segundo mais ligado aos usos medicinais. De fato durante algumas destas audiências, principalmente a última, parecia-se uma luta do bem contra o mal, o consenso era pouco, as divergências muitas.

## Capítulo 6

### A política da Marcha

A polarização de projetos caracterizada no capítulo anterior não deixa de interferir na forma de organização e luta política em torno do tema. Passo agora a analisar a Marcha da Maconha como uma dessas formas de organização e contestação política, marcada pelo discurso anti-proibicionista.

Em relação à natureza política da organização da Marcha da Maconha DF, ao longo da narrativa observa-se que a Marcha é um movimento de inspiração internacional, formado por coletivos e que conta com uma organização descentralizada e horizontal. Segundo Campos (2013):

"Textos mais informais e jornalísticos sobre o tema indicam que este tipo de mobilização tenha começado em 1999, em Nova Iorque. Segundo estes textos estas manifestações acontecem atualmente em cerca de 300 cidades no mundo inteiro, inclusive em mais de 20 cidades brasileiras, através da criação e organização de coletivos que começaram a se mobilizar para expandir o movimento em prol da maconha". (CAMPOS, 2013, p. 46)

A autora também descreve um pouco como funciona a organização da Marcha da Maconha, descrição que sintetiza bem tudo que observei durante o campo em relação a este aspecto. Segundo ela:

"A partir de 2007, as manifestações se tornaram mais organizadas no país sob o nome nacional de Marchas da Maconha, realizadas e articuladas conjuntamente em várias cidades. Embora desde 2000 alguns atos e manifestações tenham acontecido de forma esporádica e descentralizada, foi com a organização de um Coletivo nacional da Marcha da Maconha que em todo o país manifestações com o mesmo propósito passaram a acontecer anualmente, concentradas principalmente no mês de maio sob o mesmo título, assim como acontece em muitos outros países que organizam a *Global Marijuana March*.

O Coletivo Nacional Marcha da Maconha tem como objetivo unificar as manifestações que propõem a descriminalização e a legalização da maconha no país sob o mesmo título. Este Coletivo se propõe horizontal e não hierárquico em sua organização e é um núcleo central que tem a função de atualizar informações

do sítio da Marcha da Maconha na *internet*, organizar o fórum de discussão deste meio virtual, produzir e distribuir anualmente as logomarcas e o material de divulgação, informação e orientação para a realização da Marchas da Maconha em várias cidades e, embora receba contribuições e informações a partir de uma rede virtual que congrega vários outros Coletivos, associações, instituições e indivíduos que militam pela descriminalização, legalização e regulação da maconha, é este Coletivo central que orienta a realização das manifestações em prol da maconha em todo país. O foco do coletivo central limita-se à questão da maconha. A posição acerca da legalização de outras drogas (tais como a cocaína, o crack, a heroína, o LSD, etc.) não faz parte das propostas deste núcleo central já que as posições sobre outras substâncias não é unânime entre os que discutem a questão, ficando a cargo de cada coletivo regional ou local que realiza manifestações expor sua posição sobre os demais psicoativos ilegais. (...) As manifestações que acontecem em todo o país com esse propósito, embora sigam as orientações do Coletivo central da Marcha da Maconha, são organizados por outros Coletivos regionais, com atuação local em várias cidades do país, sobretudo nas capitais". (CAMPOS, 2013, p.47-48)

Durante meu campo observei que a Marcha da Maconha de Brasília nasce exatamente neste momento histórico descrito pela autora, primeiramente como Movimento Verde (2007) e depois com o nome de Marcha da Maconha (2008). Em relação ao Coletivo Nacional Marcha da Maconha, percebi que sua influência não é muito rígida e normatizadora, apesar de ser muito eficiente em estabelecer diretrizes, e também uma dinâmica e estética em comum entre as Marchas que acontecem em todo país. Em relação a este ponto, ao observar a Marchas de outras cidades, como a do Rio de Janeiro e de São Paulo, através das notícias e dos registros dos manifestantes, e a do Rio Grande do Norte, através da tese de Natália Campos, observei como a Marcha tem uma estrutura, um formato bem parecido em todo o país, com símbolos, palavras de ordem, estruturas organizacionais, e dinâmicas bem similares.

Outro ponto interessante é que durante minhas conversas e entrevistas com os organizadores eles não souberam me dizer ao certo de onde era a organização Nacional da Marcha da Maconha, mas os mesmos desconfiam que é oriunda do Rio de Janeiro, o que pode demonstrar como o Coletivo Nacional Marcha da Maconha não tem uma coordenação Nacional tão centralizadora e rígida. Apesar disso é interessante pontuar como o Coletivo Nacional articula as manifestações pelos estados brasileiros sob o título de Marcha da Maconha de forma horizontal, leve e fluída, dando margem a coletivos locais e ações individuais. Como argumenta Campos, o Coletivo Nacional tem como principal atribuição atualizar informações do *site* da Marcha da Maconha na *internet*, organizar o fórum de discussão na *internet* e

as listas nacionais de *e-mail*, como também disponibilizar as logomarcas e materiais de divulgação, informação e orientação para realização das Marchas da Maconha pelo Brasil.

Em relação a esta articulação em nível nacional, é interessante pontuar também a presença que a Rede Nacional de Coletivos e Ativistas pela Legalização da Maconha (RENCA) vem tendo a partir da Rio+20, que aconteceu no Rio de Janeiro no ano de 2012. Durante a conferência sobre desenvolvimento sustentável ocorreram também manifestações anti-proibicionistas durante a cúpula dos povos, ocorrendo então a Rio+4.20, onde se propôs a criação do dia nacional pela legalização da maconha e combate ao câncer, que como demonstrei ficou conhecido em Brasília por "ocuponha". Assim como organizadores de outras Marchas do País, um dos organizadores da Marcha de Brasília, Marcello, participou de algumas reuniões do RENCA no Rio de Janeiro. Apesar do "ocuponha" não ter ocorrido posteriormente, observei que o coletivo ainda se articula frequentemente por meio da *internet*, através de um grupo do *facebook*, e também marca reuniões presenciais centradas no Rio de Janeiro.

Já a Marcha de Brasília funciona em grande parte através de uma lista de *e-mail* nacional e local, além de contar com ajuda do *facebook*, e recentemente do *WhatsApp*. Nas edições anteriores havia mais influência das Marchas de outros estados, tanto financeiras quanto organizacionais, mas com o tempo a influência desta ajuda vem diminuindo. Apesar disto vale lembrar que durante a Marcha da Maconha DF 2014, houve uma ajuda financeira de R\$ 1.000 do vereador Renato Cinco (PSOL-RJ), que tem grande influência na Marcha e em outros movimentos anti-proibicionistas no Rio de Janeiro, o que demonstra mais uma vez a importância da cidade em relação ao movimento anti-proibicionista nacional.

Outro ponto mencionado acima que me surpreendeu durante a pesquisa foi o fato de a Marcha da Maconha não ser um único coletivo, como pensava antes de ir a campo, mas que é formada por coletivos e indivíduos que se organizam para tornar o movimento possível. Durante a Marcha da Maconha DF alguns coletivos como; Juntos, Apologia, Colheitivo Flor&Cultura e Cia Revolucionária Triângulo Rosa tiveram alguma participação. O Colheitivo Flor&Cultura, formado por Marcello, Constança, Samuel e Henrique foi o que me pareceu ter mais influência na

organização da Marcha em 2014, assim como Dani, que me parece pertencer apenas ao Coletivo Marcha da Maconha e que age de forma mais individual. Outros coletivos como o Apologia participaram de forma mais tímida da Marcha da Maconha, no caso do Apologia o coletivo contou com alguns de seus integrantes em algumas das reuniões da Marcha da Maconha, também os vi em algumas audiências no Congresso Nacional. O coletivo também promoveu um cine clube antes da Marcha. Já o coletivo Juntos organizou apenas uma oficina criativa antes da Marcha e não os vi participando das reuniões da organização, mas eles tiveram uma participação bem visível durante a manifestação, carregando um cartaz que remetia ao projeto de lei do deputado Jean Wyllys e cantando em tom alto. Já outros coletivos, como o Cia Revolucionária Triângulo Rosa, só participaram da Marcha com o intuito de apoiar a causa, como relatou Luti Laporta em uma das entrevistas que realizei na Marcha.

Importante então pontuar a importância dessa nova forma de ação coletiva, o coletivo. Durante as entrevistas com os organizadores perguntei a eles o que seria então um coletivo, os organizadores me responderam de maneira bem parecida; para eles o coletivo seria, em síntese, uma forma de articulação onde indivíduos com interesses, objetivos, trajetórias em comum se organizam para um fim político. Penso que esta forma de organização pode explicar em parte como poucos indivíduos conseguem articular uma manifestação como a Marcha da Maconha. Em relação a Marcha de Brasília é interessante pontuar como outros coletivos já passaram pela sua organização, como o CannaCerrado e o Movimento pela Legalização da Maconha (MLM), e que o principal coletivo a organizar a Marcha da Maconha DF 2014, o Colheitivo Flor&Cultura é recente, o que demonstra como os coletivos e indivíduos que participam diretamente da organização da Marcha podem mudar com o passar do tempo. Como comentado, observa-se também que alguns coletivos não participam diretamente da organização da Marcha e das reuniões que a precedem, são coletivos que participam apenas no dia da Marcha, apoiando o movimento.

É interessante observar que pelo fato da Marcha da Maconha ser um movimento horizontalizado e formado por coletivos e indivíduos bem diversificados a delimitação do campo de ação entre um e outro coletivo, ou indivíduos dentro da

organização, se dá por meio de negociações durante as reuniões presenciais e pela *internet*, e até mesmo durante a Marcha, como pode observar nas reuniões e na Marcha do DF. Este fato ocorre também em nível nacional, onde indivíduos e coletivos se organizam, e assumem determinadas responsabilidades para realizar as Marchas na suas cidades, e também para contribuir de diferentes formas durante a organização e as Marchas locais.

Da mesma forma que essa heterogeneidade de articulações sociais e políticas, de grupos e de diferentes pautas é interessante em diversos aspectos (pelo fato de agregar grupos, projetos e pautas diversificadas), elas podem também gerar certas discordâncias na forma de ver a Marcha e sua organização, o que pode perceber não só na Marcha de Brasília como também na tese de Campos. No caso da Marcha de Brasília, houve no passado o ocorrido com o coletivo MLM, que teve divergências em relação ao seu campo de atuação com outros organizadores. Da mesma forma houve também em 2014 divergências entre Dani e os outros organizadores, que por fim acabaram por articular o uso do aparelhinho de forma independente. Interessante então pontuar como as rugas também podem acabar por distribuir e delimitar as atribuições dos organizadores, e até formar novos coletivos. O que pode demonstrar as formas as vezes conflituosas e as vezes harmônicas que se dão as relações entre coletivos e indivíduos que participam desde movimento social. Penso que estes são exemplos que demonstram alguns nuances desta nova forma de ação coletiva, os coletivos, que com certeza merecem uma investigação mais aprofundada em trabalhos posteriores. Outro ponto interessante, e que explorarei logo à frente, é que da mesma forma como os indivíduos e coletivos da organização são heterogêneos, os indivíduos que participam da Marcha também são, o que influi diretamente na maneira como estes agem, veem, e interpretam a Marcha da Maconha, fazendo com que a organização não tenha total "controle" dos manifestantes, fazendo a Marcha não ser efetivamente um movimento organizado, principalmente quando comparado a outros movimentos sociais mais tradicionais.

Simião (2000) argumenta que até os anos 1950 as análises sobre movimentos sociais tomavam como referência central o movimento operário, o que garantia uma forte base empírica para uma tradição de análises de inspiração

marxista ortodoxa. A partir da década de 1950 (e na América Latina em especial a partir dos anos 1970), começam a surgir formas de ação coletiva que não se reduzem tão facilmente a estas explicações. São movimentos que, extrapolando as relações de produção e o antagonismo de classes, põem em cena uma infinidade de novos atores e conflitos que dificilmente poderiam ser explicados pela redução ao referencial teórico anterior. Movimentos como o desarmamentista, feminista, de mulheres, LGBT's, de negros, estudantil, ecologista, pacifista são alguns dos exemplos destes novos movimentos sociais de base heterogênea que se recusam a se subornar a partidos e sindicatos e que tiveram sua gênese "basicamente na década de 1970 e, até o começo da década de 1980" (CARDOSO, 1994, p.81).

Ao observar as discussões nas reuniões em relação ao aparelhamento por partidos e suas relações com a Marcha, como também a forma como a organização da Marcha funciona, penso que a Marcha da Maconha se encontra mais ao lado destes novos movimentos sociais. Observa-se também que apesar da Marcha da Maconha em si ter nascido apenas nos anos 2000, outras manifestações e debates em relação ao tema já aconteciam no Brasil desde os anos 1980, o que coincide com o período histórico apontado pela autora.

Seria interessante então comparar a Marcha da Maconha com outros movimentos sociais que se valem (ou valeram) da idéia de Marcha como forma de fazer política. Um dos movimentos sociais mais conhecidos por esta prática é o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra. Podemos traçar então alguns paralelos com este movimento para demonstrar um pouco como funcionam as organizações destes movimentos sociais e também situar a Marcha dentro de uma breve análise dos movimentos sociais.

Primeiramente a Marcha da Maconha marcha pelo centro de Brasília. Apesar de ser uma marcha, está claramente longe de se igualar à Marcha Nacional dos Sem-Terra, que em alguns momentos atravessam diversos pontos do território brasileiro, chegando a atravessar mais de mil quilômetros de estradas em dois meses, como demonstra Chaves (2002). As diferenças são oriundas das diferentes formas de organização, objetivo e trajetórias biográficas das pessoas que participam das marchas. A marcha do MST é formada por pessoas que vem de diversas partes do país, e não uma marcha com caráter mais local, como me pareceu que é a



Marcha da Maconha. A marcha do MST também é uma espécie de peregrinação às "cidades e aos centros de poder, as capitais" (CHAVES, 2002, p.141), que ao longo do trajeto fazem acampamentos e em alguns casos ocupações. A Marcha da Maconha também visa os centros de poder, as capitais, para chamar a atenção para a questão da regulamentação da maconha, mas demonstra ter um caráter mais local. Durante a Marcha da Maconha de 2014 podemos observar como o trajeto, a espacialidade, é pautada por um simbolismo em relação ao poder e a instituições públicas, uma relação com os locais pela qual a Marcha passa. Algo que demonstrarei ao final da conclusão durante a análise ritual.

Apesar das divergências, penso que podemos traçar também alguns outros paralelos interessantes com o MST, por exemplo: "(O MST é) uma organização voltada exatamente para a produção concertada de ações diretas de cunho coletivo que, desafiando as fronteiras da legalidade, busca na visibilidade do espaço público conquistar legitimidade. O MST inscreve-se na cena política mais abrangente integrando seu campo de força mediante ações consideradas transgressoras, embora dotadas de forte caráter expressivo" (CHAVES, 2001, p.144). Da mesma forma a Marcha da Maconha acaba por ser uma forma de ação social que desafia a legalidade em busca de legitimidade, devido principalmente ao fato da maconha ser uma substância proibida e de ser constante uso de maconha durante a Marcha.

A organização da Marcha da Maconha difere muito das organizações de movimentos mais tradicionais, como também do MST. Chaves demonstra como a organização deste movimento social possui um caráter colegiado e hierárquico das instâncias de decisão, divisão por estados e regiões dotadas de relativa autonomia (CHAVES, 2001, p. 136). A origem do movimento tem também uma forte inspiração religiosa e forte suporte da Comissão Pastoral da Terra, o que difere muito da estrutura organizacional e das inspirações da Marcha da Maconha, que é uma formação social horizontalizada, leve e fluida, com maior margem para ações individuais. .

Apesar das diferenças, creio que ambas as manifestações podem ser vistas como mobilizações coletivas, movimentos sociais, que são também veículos de pressão e legitimação. Como descrito na primeira parte deste trabalho, alguns

dos organizadores são ligados a partidos de esquerda, mas a Marcha da Maconha não se assemelha tanto com as manifestações de esquerda, tradicionais, ela faz parte de um movimento posterior. Elementos já descritos, como a heterogeneidade de grupos e classes que participaram da Marcha; as diferentes formas de explicar o porquê estavam participando da manifestação; a forma como ouviam e "obedeciam" os organizadores; e até como se deslocavam (de maneira bem desorganizada invadindo a rua e o gramado a todo instante, para desespero de alguns organizadores), demonstram como esta é uma ação coletiva bem mais leve e fluida, diferente das manifestações tradicionais, onde a dinâmica seria bem diferente.

Outros tipos de manifestação também aconteciam dentro deste contexto da Marcha da Maconha 2014, como os *Black Blocks*, que pertencem a uma dinâmica de manifestação ligada aos *Riots*. Estas manifestações provocaram ligeiras preocupações dos organizadores da Marcha da Maconha, pois durante elas sempre aconteciam embates com a polícia. Havia também um contexto de perseguição aos movimentos sociais, logo havia o medo que essa repressão se refletisse na Marcha. Apesar de muitos dos organizadores compartilharem algumas das ideias dos *Black Blocks*, e até tivessem participado de algumas destas manifestações, a estrutura da Marcha da Maconha se difere muito da destes movimentos. A principal diferença é que a Marcha da Maconha é pacífica, ao contrário do movimento *Black Block*, que não raramente acabava em conflito com a polícia e destruição do espaço da rua. Apesar do ato de desobediência civil, de rompimento com a lei, que é o ato de fumar maconha, os atos de desobediência civil da Marcha da Maconha param por aí. A estética dos movimentos também é totalmente diferente, enquanto uma é bastante colorida, descontraída, os *Black Blocks* estão muitas vezes de preto e em uma manifestação tensa. Também havia algumas semelhanças, como o uso das redes sociais para divulgação, certa horizontalização e apartidarização da organização, além de temas em comum que eram expressos nas manifestações, como a copa do mundo e as eleições, além do fato de este ser também um movimento de inspirações internacionais.

Em meados dos anos 1990 Ruth Cardoso (1994) argumentava que os novos movimentos sociais tiveram duas fases, a de "emergência heróica dos movimentos", onde ela explica: "agora temos novamente (finalmente) um

instrumento político e ele vai cumprir um papel diferente", e a segunda fase, a da institucionalização, que representou certa desaceleração da dinâmica fluída e espontânea da fase "heróica". Parece-me que a Marcha da Maconha DF retoma, de certa forma, algo da "fase heróica" a que se refere Cardoso. Há certo receio da institucionalização do movimento, como foi debatido nas reuniões, onde comentava-se a perda de autonomia que um aparelhamento por partidos e políticos simpatizantes poderia causar, assim como a dificuldade de lidar francamente com a administração pública. Segundo Cardoso (1994):

"Na verdade a própria identidade do movimento estava tão calçada na ideia de espontaneidade e de uma identidade particular criada internamente, que se tornava difícil encontrar os caminhos para participar conjuntamente na administração pública". (CARDOSO, 1994, p.87)

É interessante observar também o discurso dos organizados nas reuniões pré-marcha, onde na Secretaria de Segurança Pública do Distrito Federal (SSP-DF), por exemplo, os organizadores tiveram de lidar com representantes de várias entidades do governo. Percebe-se nesta situação a dificuldade de lidar francamente com a administração pública, principalmente em relação a questão de fumar maconha na Marcha.

Há também aqueles que de certa forma já começaram a institucionalizar a questão, tomando-a até como pauta política, como fez Renato Cinco, Jean Wyllys, Eurico Júnior, Paulo Teixeira, Fernando Gabeira, André Kiepper e muitos outros. Será então que este começo de institucionalização, de inserção deste debate em espaços como o Congresso Nacional, poderá levar a futuras políticas públicas em relação a maconha e as drogas no geral? Interessante também notar como os militantes anti-proibicionista demoraram a se articular no Congresso, principalmente na Câmara, e como foram poucos os organizadores da Marcha de Brasília, de usuários e militantes que apareceram no Congresso. Isto pode demonstrar talvez como os coletivos, e principalmente a Marcha da Maconha, podem ter também suas limitações.

Em relação aos organizadores da Marcha mais especificamente, foi interessante passar este tempo ao lado deles e compreender um pouco das suas trajetórias, estilos de vida e visões de mundo. O primeiro ponto a se destacar em relação aos organizadores é a questão deles já terem tido alguma forma de contato

com outros movimentos sociais e ações coletivas. Observa-se que a maioria dos organizadores participa de outros movimentos sociais, ou tiveram contato com a Marcha da Maconha através de outros movimentos, tendo já certa experiência em relação a militância. Percebe-se também que há uma espécie de circuito (MAGNANI, 2005) comum entre os organizadores. Apesar da maioria não ser do Plano Piloto, eles fazem parte de um circuito universitário e ativista da cidade, onde muitos se conheceram desta forma.

Em relação a este ponto, aos dados sociológicos dos principais organizadores, foi interessante observar que a maioria dos organizadores eram jovens com menos de 28 anos, sendo que apenas um dos organizadores tem uma idade que diverge deste padrão, tendo 40 anos. Outro dado importante é que dos sete organizadores da Marcha da Maconha 2014 que acompanhei, mais da metade deles (4 organizadores) declararam morar fora do Plano Piloto, sendo que a maioria destes moram em áreas consideradas "periferia da cidade". Também é interessante observar a diversidade de gênero e de orientações sexuais dentro do grupo de organizadores. Dois dos organizadores são mulheres e também dois organizadores declararam-se homossexuais. Dois dos organizadores são também negros, assim como grande parte das pessoas que participaram da Marcha no ano de 2014.

Mas, apesar disto, parece-me que o público da Marcha e seus organizadores tem concepções um pouco diferentes em relação à maconha e à própria Marcha da Maconha. Uma hipótese para esta diferenciação seja exatamente este contato que os organizadores têm com o contexto universitário e ativista. Da mesma forma, a organização da Marcha reflete outro aspecto da mesma, o encontro de classes. Assim como na organização, a Marcha também foi composta pelas mais diversas classes sociais.

Interessante observar também as divergências internas do grupo, as rusgas. Apesar de biografias com vários pontos em comum, alguns organizadores pensam a Marcha de forma diferente. Um bom exemplo disto é a questão do aparelhinho, que segundo alguns organizadores traz à Marcha um clima de festa, que esvaziaria o sentido político da organização. Da mesma forma a questão de fumar maconha durante a Marcha é outro ponto delicado, apesar da maioria dos organizadores não se importar, outros também argumentam que ir à Marcha só para

fumar maconha também esvazia o sentido político da Marcha. Já outros organizadores parecem não se importar com esta questão do aparelhinho, e até queriam organizar uma festa no dia da Marcha, como descrito nas reuniões. Outro organizador propôs também enfatizar cada vez mais o aspecto da beleza da Marcha. Vi também durante a Marcha um dos organizadores falando para as pessoas "fazerem fumaça" na Marcha, sem se preocupar com o fato das pessoas fumarem no local, o que demonstra um pouco destas diferenças de pensar a Marcha da Maconha DF entre os próprios organizadores e também entre pessoas que participam da manifestação.

## Capítulo 7

### O rito da Marcha

Penso que observar a Marcha por um viés "Ritual", como me propus desde o levantamento bibliográfico, foi também muito produtivo. De fato, a Marcha da Maconha pode ser vista como um Ritual na nossa sociedade. Como descrito na introdução, a ideia de observar a Marcha da Maconha por este viés ritual veio após a leitura de *Carnavais Malandros e Heróis*, de Roberto Da Matta (1979). Ao tratar o carnaval, as procissões religiosas, e as paradas militares como rituais da nossa sociedade, o autor utilizou muito dos argumentos de Vitor Turner, que trata o ritual como um *loci* privilegiado para observar princípios estruturais e detectar dimensões processuais de ruptura, crise, separação e reintegração social, através do que o autor chamava de "drama social". Segundo Peirano (2002), para Turner "ritos seriam dramas sociais fixos e rotinizados, e seus símbolos, no âmbito da razão durkheimiana, estariam aptos para uma análise microsociológica refinada. Fascinado pelos processos, conflitos, dramas - em suma pelo vivido - para Turner, símbolos instigam ação" (Peirano, 2002, p 21-22)

Turner e Da Matta foram as minhas primeiras referências teóricas ao analisar a Marcha por este viés, mas principalmente após a leitura de alguns artigos de Mariza Peirano que tratam da análise de rituais, outros autores como Tambiah também me serviram como referenciais. Segundo Peirano (2002):

"Para Tambiah, os eventos que os antropólogos definem como rituais parecem partilhar alguns traços: uma ordenação que os estrutura, um sentido de realização coletiva com um propósito definido e também uma percepção de que eles são diferentes dos do cotidiano". (PEIRANO, 2002, p. 25)

Tomando estas características descritas acima, podemos caracterizar a Marcha da Maconha como um ritual. Mas outro aspecto importante que Tambiah

coloca e que pode ser observado na Marcha é o fato dos organizadores e participantes delimitarem a manifestação como algo especial, na qual aguardam ansiosamente ano a ano. Este é um fator importante, pois não cabe apenas ao antropólogo definir o que é ou não um ritual, mas também aos "nativos".

Levando em consideração estes pontos, penso que podemos ver, sim, a Marcha da Maconha como um ritual contemporâneo, o que pode trazer luz a alguns pontos da minha etnografia. Segundo Peirano (2006):

"Rituais e eventos etnográficos se adentram, portanto. Rituais podem ser vistos como tipos especiais de eventos, mais formalizados e estereotipados, mais estáveis e, portanto, mais suscetíveis à análise porque já recortados em termos nativos". (PEIRANO, 2006, p.10)

Assim como outros rituais da nossa sociedade, como as procissões, as paradas militares e o carnaval, a Marcha da Maconha acontece também no espaço da rua, mudando a questão da espacialidade e temporalidade do local no dia, criando ali um momento especial que difere do cotidiano. A Marcha também acontece sempre uma vez ao ano, geralmente no mês de maio. A estrutura e deslocamento são definidos com antecedência, como observei durante as reuniões, e guarda forte simbologia com a cultura que gira em torno da maconha, com uma cosmologia específica, como também com o fim político da Marcha, que é promover um debate para a regulamentação da maconha.

Ao analisarmos o local do ritual e a espacialidade percorrida pela Marcha, podemos compreender um pouco do que este rito quer dizer. O centro de Brasília é um local que por si só já tem uma dimensão política por ser sede do poder nacional, mas nos dias da Marcha as ruas da Esplanada dos Ministérios dominadas normalmente por carros, são ocupadas pelos manifestantes da Marcha da Maconha DF. Os manifestantes saem andando pela Esplanada dos Ministérios entoando palavras de ordem e levantando cartazes, "marcham" pela esplanada dos ministérios para demonstrar a mudança que querem, uma forma de regulamentar e ver a maconha, um projeto, retomando as ideias de Velho.

Durante este deslocamento pela rua (espaço esse heterogêneo, onde se encontram diferentes pessoas, planos e níveis de realidade socialmente construídos) foi muito interessante observar quando a Marcha passa, como lidam com instituições como a polícia, e como são percebidos pelos transeuntes.

Em relação à polícia é interessante observá-la, e mais à frente comentarei especificamente sobre esta instituição, pois é ela que tem como função aplicar a lei, são eles os impositores de regras. Apesar de tudo, em 2014 a atuação da polícia foi bem pacífica comparada aos anos anteriores, o que pode indicar alguma mudança, já que antes esta relação sempre foi conturbada.

Em relação aos transeuntes, alguns poucos passavam de carro e buzonavam a favor da causa, algumas das pessoas que passavam pela esplanada a pé no momento também demonstraram apoio a Marcha, outras também disseram não concordar, como o rapaz que trabalha na Biblioteca Nacional, mas o que mais me chamou a atenção foi a indiferença da maioria das pessoas, ou mesmo o incômodo que a Marcha causava ao interferir no trânsito de automóveis.

Importante analisarmos também o trajeto que a Marcha percorreu. Durante as outras edições o trajeto era o basicamente o seguinte: concentração no Museu da República por volta das 14h, onde os manifestantes começam a chegar e a se reunir, e onde ocorre também a oficina de cartazes para a Marcha. Depois, às 16h20min (horário simbólico, pela associação com o 4.20), a Marcha tem início e segue rumo à Esplanada dos Ministérios contornando o Congresso Nacional. Durante o percurso a Marcha passa pelo Supremo Tribunal Federal (STF) e a tradicional folha humana em formato da folha da *Cannabis* é feita com a ajuda dos manifestantes que ficam perfilados em frente ao STF na Praça dos Três Poderes. Por fim segue em direção a rodoviária do Plano Piloto.

Já o trajeto do ano de 2014 foi um pouco diferente. Em vez de a Marcha parar e fazer a folha humana em frente ao STF, a mesma foi parar em frente ao Congresso Nacional, onde a folha humana foi então realizada e os manifestantes ficaram por um bom tempo. Durante o ano de 2014 a Marcha também não passou pela rodoviária, mas foi para o Museu Nacional. O motivo para a mudança de trajetória foi puramente simbólico, e tem relação com os acontecimentos políticos envolvendo a *Cannabis* durante o ano de 2014. A escolha do Congresso Nacional se relaciona aos projetos de lei que tramitam na casa, que visam debater a regulamentação da maconha. Já a escolha do Museu Nacional tem relação com o espaço, que faz parte de um circuito de usuários de maconha, e também pelo fato de ser o local onde aconteceu o debate pós-Marcha.



É importante frisar aqui o "mito" de origem da Marcha da Maconha de Brasília, que é necessário para melhor compreender a estrutura da Marcha. Durante as reuniões tive a oportunidade de cruzar com alguns organizadores originários da Marcha, eles argumentaram que o primeiro trajeto feito pela Marcha da Maconha de Brasília tem influência direta no trajeto atual. Este trajeto foi definido em parte fugindo dos repórteres e da polícia para os organizadores poderem conseguir fumar a maconha durante a manifestação. Também é interessante pontuar que, segundo eles, o ato de fazer a folha em todas as edições vem da primeira Marcha, quando aproximadamente uma dezena de pessoas participaram.

Além do simbolismo da espacialidade e da folha humana, há também outros simbolismos e performances que são interessantes de serem interpretados. Observar o ritual através de suas performances pode ser muito produtivo.

Segundo Dawsey (2005; 2006), Vitor Turner através dos seus estudos dos dramas sociais e da antropologia da experiência trata também de uma antropologia da performance. Para o autor a performance completa uma experiência, seria uma forma de expressão análoga às artes performativas (teatro), uma espécie de meta-teatro da vida social. Segundo Turner, comentado por Dawsey:

"Se a vida cotidiana pode ser considerada como uma espécie de teatro, o drama social pode ser visto como um meta-teatro". (TURNER 1987 *apud* DAWSEY 2005)

Já Tambiah trabalha com a ideia de ação performativa, que segundo Peirano (2003):

"A ação ritual nos seus traços constitutivos pode ser vista como 'performativa' em três sentidos: 1) no sentido pelo qual dizer é também fazer alguma coisa como um ato convencional [como quando se diz "sim" à pergunta do padre em um casamento]; 2) no sentido pelo qual os participantes experimentam intensamente uma performance que utiliza vários meios de comunicação [um exemplo seria o nosso carnaval] e 3), finalmente, no sentido de valores sendo inferidos e criados pelos atores durante a performance [por exemplo, quando identificamos como "Brasil" o time de futebol campeão do mundo]". (PEIRANO, 2003, p. 9)

Penso então que definir o conceito de performance é necessário, pois o mesmo pode levar a ambiguidades. Segundo Peirano:

"No início da década de 70, Stanley Tambiah adotou a noção de *performatives*, do filósofo John Austin (*How to do Things with Words*, 1962), para dar conta da eficácia da ação ritual. (Mas, embora a raiz "*to perform*" seja a mesma, *performatives* não são "performances", para Austin, performative é a qualidade *sui*

*generis* de alguns enunciados). Se é bem verdade que Malinowski já havia insistido no aspecto pragmático da linguagem para os trobriandeses em *Os Argonautas* e em *Coral Gardens*, Austin permite dar conta da eficácia intrínseca dos fenômenos sociais, da força que ele vai chamar de ilocucionária. Se as próprias palavras têm essa força inerente - "eu prometo", "eu desafio" não apenas descrevem, mas fazem coisas -, muitas das questões sobre a origem da eficácia, do mana, têm aí uma trilha aberta. (Um perigo que ronda o termo "performativo" é o de se transformar um jargão incompreensível; explicar seu fundamento e dar sua referência torna-se, no caso, não apenas aconselhável, mas necessário". (Peirano, 2006, p.11)

Apesar das diferenças, penso que estes argumentos levantados por Tambiah e por Turner podem ser muito úteis para interpretarmos a Marcha da Maconha.

Como descrito na primeira parte, a Marcha da Maconha é bastante estruturada e já conta com atos convencionais, como a folha humana e seu trajeto, o que podemos compreender como performances no sentido de Turner, por serem atos mais formais e padronizados, por estarem inseridos no "roteiro" do drama ritual que é a Marcha. Da mesma forma os manifestantes entoam também palavras de ordem, cantam, batucam e seguram cartazes. O uso do jogral serve também como meio de comunicação entre organizadores e participantes, o que podemos interpretar à luz de Austin, comentado por Peirano, "onde dizer é fazer". Percebe-se aí a importância da linguagem dentro da Marcha. O aparelhinho toca também músicas relacionadas ao uso da maconha e a cultura que gira em torno do uso da droga, muitas pessoas dançam e também fumam seus baseados tranquilamente, alguns os ostentando. Ao observarmos estes aspectos à luz de Tambiah, podemos interpretá-los como "uma performance que usa vários meios de comunicação através dos quais os participantes experimentam intensamente o evento (...) no sentido de remeter a valores que são vinculados e inferidos pelos atores durante a performance". (PEIRANO, 2002, p.27).

Observa-se também que alguns aspectos da Marcha não são tão padronizados e formais, fogem do roteiro. São, segundo Peirano (2002): "variáveis, fundados em constructos ideológicos particulares" (PEIRANO, p.27), o que a autora argumenta que seria o vínculo entre forma e conteúdo, onde as considerações culturais, a cosmologia específica dos indivíduos que formam o grupo, dariam forma ao ritual e garantiriam sua eficácia, o que tratarei logo à frente. Penso que a partir

destes paralelos podemos tentar interpretar a Marcha da Maconha também como um ritual com algum caráter performativo no sentido de Tambiah.

As questões estéticas também dizem muito sobre a Marcha, uma interpretação semiótica (GEERTZ, 2008) sobre esta questão pode ser muito produtiva para interpretarmos os significados da Marcha da Maconha. A estética da Marcha é muito forte, e é reforçada por alguns organizadores que querem sempre enfatizar a beleza da Marcha, como sempre reforçava Marcello, que dizia que a Marcha tem de "ser a Marcha mais bonita da cidade". Segundo ele:

"Tem um monte de movimento social aí, mas a Marcha é a mais bonita, agente tem de combinar que a Marcha deve ter elegância, beleza".

Observa-se que o principal símbolo da Marcha é uma folha de Maconha, outros símbolos como as cores verde, o número 4.20, baseados gigantes (ornamentais) confeccionados pelos participantes, e uma estética que remete ao *reggae* e a outros estilos alternativos são também muito recorrentes nas diversas Marchas do país. É interessante então observar como estas linguagens e códigos em comuns partilhados durante a Marcha são também um dos fatores que certamente fazem a Marcha ter uma adesão tão grande, unindo grupos heterogêneos, aproximando aqueles cuja origem e destino social separa. Pode ser vista também como uma aproximação entre estética e política, onde estes signos como vestimentas, cabelos, tatuagens e etc. são veículos de comunicação e significados que fomentam identidades e também direitos a diferença, atraindo assim uma diversa gama de pessoas para a manifestação, especialmente jovens. Durante a Marcha era possível perceber também como a estética diferenciava de certa forma os manifestantes, sendo perceptível notar aqueles que pareciam pertencer a periferia e os que pareciam pertencer a classes mais altas, assim como diferenciava também os diferentes grupos que participaram da Marcha.

Interessante também tentar compreender estes símbolos, performances e ações performativas que acontecem na Marcha enquanto a mesma se movimenta pela Esplanada e quando para em frente ao Congresso Nacional. Acredito que as palavras de ordem e cartazes podem nos dizer muito sobre o contexto e atores que fazem parte da Marcha. Alguns exemplos destas palavras de ordem são: "Copa do mundo eu abro mão, quero direito de plantar meu camarão" e "Dança Dilma, dança

até o chão, tô com Jean Wyllys pela legalização!" refletem bem este contexto pré-copa do mundo e eleições. Outras palavras de ordem como "Ei, polícia, maconha é uma delícia!" desafiam a polícia, com quem os usuários sempre tem problemas. Já palavras como "Um, dois, três, quatro, cinco, mil, tem que legalizar a maconha no Brasil!" e "tráfico não, legalização!", demonstram os objetivos da Marcha da Maconha. Também achei interessante observar palavras de ordem como: "que vergonha, a passagem tá mais caro que a maconha" e "Vem, vem, vem pra rua vem, pela maconha!"<sup>42</sup>, que remetem a outros movimentos sociais. Outras palavras de ordem/hinos, como: "Eu sou maconheiro, com muito orgulho, com muito amor" também são muito recorrentes durante as Marchas de todo Brasil, e tem origem nos estádios de futebol.

Além de ser algo bem popular, esta palavra de ordem/hino também demonstra algo bem importante. Desta forma paródica ela assume uma dimensão que foi muito interessante de observar, a questão de se afirmar maconheiro. Observar as pessoas entoando esta palavra de ordem, enquanto Marcham, fumam, e desafiam a sociedade, a polícia e a lei, demonstra talvez a questão de uma afirmação, uma positivação da identidade entre os usuários de maconha. Penso também que pode ser uma forma de ressignificar este termo tão estigmatizante, que é o termo maconheiro. Como bem observou Da Matta, o ritual pode ter também um sentido de positivação de uma identidade. Segundo Da Matta (1979):

"Os rituais servem, sobretudo na sociedade complexa, para promover a identidade social e construir seu caráter (...) O ritual é um domínio privilegiado, penetra no coração cultural, na ideologia dominante, o que a sociedade (grupo) deseja em seus ideais eternos". (DA MATTA, 1979, p.24)

O que encontra total ressonância em uma entrevista que realizei durante a folha humana com um dos participantes da Marcha. Segundo ele:

"Para mim é um evento onde eu posso, tipo, me auto afirmar, tá ligado? Como maconheiro, com outras pessoas que também fumam, é uma forma de socialização para mim, e de protesto também contra a proibição da maconha". Disse Carlos, 20 anos, Ceilândia

---

<sup>42</sup> Palavra de ordem muito utilizada em outros movimentos sociais, como os movimentos contra o aumento da tarifa e feminista. Durante estas manifestações esta palavra de ordem assume a seguinte configuração: "Vem, vem, pra rua vem, contra a tarifa!" e "vem, vem, pra rua vem, contra o machismo!"

Da mesma forma, os cartazes também complementavam o que os manifestantes queriam expressar durante a Marcha. Cartazes como: "cabeça feita, ventre livre", demonstram a relação da Marcha com o movimento feminista, já cartazes como "Descriminaliza STF", "Usar não é crime, plantar também não" demonstram também alguns dos objetivos do movimento social. Cartazes recorrentes, assim como palavras de ordem, enfatizavam sempre a questão do direito de cultivar a própria maconha, assim como cartazes que enfatizavam o uso medicinal da maconha, temas comumente comentados neste contexto. Outros cartazes como: "Troco bancada ruralista por Mujica" e "Mujica, *te quiero*", criticam a política brasileira, e enfatizam o presidente Uruguiaio e a política mais liberal do país em relação a maconha, o que demonstra mais uma vez como que esta questão é fortemente permeada pelo contexto internacional.

É importante reafirmar que alguns destes cartazes são elaborados pela organização, são cartazes oficiais, já outros foram elaborados durante a oficina criativa antes da Marcha, outros foram trazidos de casa pelos manifestantes. Da mesma forma, algumas palavras de ordem já são bem tradicionais e são sempre entoadas, já outras são elaboradas durante a própria Marcha de forma espontânea. É importante pontuar que apesar de muitos aspectos da Marcha serem combinados com antecedência pela organização, muito do que acontece no dia da manifestação acaba por acontecer de forma espontânea.

Um dos momentos que achei mais simbólicos da Marcha foi quando a mesma se encontrava em frente ao Congresso Nacional, neste momento muitas pessoas sentaram-se no gramado em frente ao Congresso, ou ficaram conversando junto à suas bicicletas e *skates*. Também percebi que algumas pessoas tocavam violão, faziam malabares e também fumavam maconha em rodas de fumo ali mesmo em frente ao Congresso enquanto o aparelhinho ainda tocava na rua. Em relação as pessoas fumando, elas não só fumavam mas ostentavam os baseados. Havia um cigarro maior que o outro, e percebia-se que estas pessoas exibiam-se com orgulho pelo ato de estar fumando em frente ao Congresso Nacional, muitas inclusive faziam poses, e tiravam fotos ou eram filmadas. O ápice deste episódio foi o "becão", um baseado gigante confeccionado com um pouco de maconha de várias pessoas em um papel pardo que me parecia de pão. Este foi também um dos momentos mais

significativo da Marcha, que é quando uma das organizadoras da Marcha reclamou das pessoas fumando o becão, pedindo também para desligarem o aparelhinho para a realização da folha humana, episódio que comentarei logo a frente devido a sua importância.

Foi aí então que a folha Humana foi feita, apesar de muita demora, por fim os organizadores conseguiram perfilar as pessoas e formar o maior símbolo da maconha e da Marcha da Maconha DF, que é a sua folha. Penso que este seja o ápice da performance ritual da Marcha, sendo muito simbólico observar os manifestantes realizarem a folha em frente ao Congresso Nacional.

Observar estas performances é muito útil para interpretarmos a forma como as pessoas experienciam e se expressão durante a Marcha da Maconha. Pôde-se observar que muito do que foi expresso durante a Marcha têm ressonância com os acontecimentos relacionados à questão da maconha no Congresso Nacional e no contexto atual. Importante também frisar o caráter jocoso do movimento, que trata a temática de forma bem animada e sem conflitos diretos.

Observar também o caráter performático da Marcha através da interpretação de Tambiah pode ser muito esclarecedor, pois ele dá destaque a "transferência de propriedades" de objetos-símbolos. Como abordado, a eficácia do rito deriva exatamente do seu caráter performativo, e uma das formas de alcançar esta eficácia é através de performances que utilizam meios de comunicações onde os participantes experimentam intensamente o evento no sentido de remeter a valores que são veiculados ou inferidos durante as performances.

Segundo Peirano, comentando Tambiah:

"O vínculo entre forma e conteúdo (do ritual) torna essencial à eficácia, e as considerações culturais integram-se implicadas na forma que o ritual assume. O caráter performativo do ritual está implicado na relação entre forma e conteúdo que, por sua vez, está contida na cosmologia". (PEIRANO, 2002, p.26-27).

Por fim, é importante compreender como o Ritual da Marcha da Maconha remete a cosmologia do grupo, aos estilos de vida e visões de mundo das pessoas que participaram da Marcha, que dão forma e conteúdo a esta manifestação de forma bem eficiente.

Seria interessante então explorar aqui também a diversidade de grupos que participam da Marcha da Maconha, o caráter heterogêneo e transversal da manifestação. Como descrito, durante a Marcha é marcante a presença de vários grupos, coletivos e classes diferentes, o que a torna uma manifestação única. Muitos destes grupos, formados na maioria por pessoas vistas como desviantes e já estigmatizadas, se identificam com a questão da maconha, sendo a Marcha um movimento de caráter bem heterogêneo. Segundo Gilberto Velho:

"A utilização de tóxicos não vai criar uma categoria única, mas sim uma constelação de grupos que tem em comum uma atividade clandestina e ilegal". (VELHO, 1998, p. 17)

E também:

"Sempre existiram diferenças internas às pessoas que utilizavam tóxicos. O marginal poderia usar tóxicos, assim como a *hisparada*, conjunto de indivíduos que, embora usando tóxicos, tinham um estilo de vida contrastantes". (VELHO, 1998, p. 91)

Alguns exemplos são os grupos LGBT's e Feministas, assim como skatistas, além de pessoas da periferia. Poderíamos então tentar observar o espaço da Marcha como um espaço especial criado, onde estes *Outsiders* (desviantes), que frequentemente são vistos como marginais, podem expor seus projetos, pontos de vista, costumes (incluindo fumar maconha), e deixarem de ser invisíveis para serem visíveis, saírem do armário (traçando um paralelo com o movimento LGBT).

Importante frisar mais uma vez como alguns dos organizadores tem relações com estes movimentos e contextos, seria então interessante pensar como estes influenciaram a trajetória ativista destes organizadores e da própria Marcha da Maconha do DF.

A Marcha é também um espaço onde os usuários podem ser ouvidos e exigirem direitos. Isso pode explicar algumas palavras de ordem, principalmente em relação à polícia, que sempre tem uma atuação ativa em relação aos usuários, mas que ali atuaram de forma bem passiva. A entrevista com Luti Laporta sintetiza bem estas questões. Segundo ele:

"Sou da Cia Revolucionária Triângulo Rosa, agente é um coletivo LGBT daqui de Brasília. Bom, agente acha que o segmento LGBT, assim como o Movimento Negro, como o movimento feminista, todos estes movimentos que estão sendo atacados principalmente hoje pelo fundamentalismo religioso que está inserido no Congresso Nacional. É muito importante que estes movimentos se unam lutando

contra a marginalização que é imposta aos usuários de maconha, aos LGBT's, aos negros e negras. Então é para ter esse sentimento de aliança, das pessoas que são oprimidas por esse estado, por essa polícia né?"

Interessante então observar também como o fenômeno da repressão e criminalização pode propiciar de certa forma a aproximação dos diferentes. Em relação a polícia, é interessante analisar a atuação desta instituição na Marcha da Maconha. Pelo fato da maconha ser proibida e da polícia ser a instituição que impõe a lei, a relação entre polícia x usuários é sempre tensa. Durante outras edições da Marcha, houve alguns problemas com a polícia pois a mesma cumpria ordens baseadas em uma interpretação judicial de que a Marcha da Maconha era uma manifestação ilegal que incentivaria o crime, seria apologia ao crime. Esta questão acabou por chegar ao STF em 2011, que julgou as Marchas como legais, pois as mesmas seriam uma forma de manifestar a liberdade de expressão. A partir daí os conflitos com a polícia na Marcha foram sempre isolados e não houve problemas como antigamente, apesar das provocações constantes dos manifestantes e algumas abordagens aos usuários que chegavam às Marchas. Em relação ao tema, é importante pontuar que uma das questões recorrentes nas Marchas da Maconha é exatamente a questão da desmilitarização da polícia, o que muitos manifestantes acreditam que melhoraria a instituição policial brasileira.

Interessante pontuar então uma mudança na relação da polícia com o movimento, que começou a mudar após este entendimento do STF. Cheguei a perguntar para os policiais o que pensavam da Marcha, mas eles me responderam que estavam trabalhando e que não podiam emitir opiniões. Posteriormente à Marcha mandei um e-mail para a Polícia Militar do DF perguntando a eles qual era a posição da instituição em relação a quantidade de pessoas fumando na Marcha, mas eles também não responderam. Apesar do silêncio, creio que houve, sim, alguma ordem para a polícia atuar de maneira mais branda durante a Marcha, já que poderia muito bem interferir na Marcha e prender as centenas de pessoas que fumavam maconha no local, já que fumar maconha é crime. O porquê isto não aconteceu é uma questão que me intrigou muito, e que comentarei logo à frente.

Em relação à polícia, penso que Becker sintetiza bem como pensam estes impositores de regras:



"Embora alguns policiais tenham sem dúvida uma espécie de interesse missionário em reprimir o mal, é provavelmente muito mais típico que o policial disponha de certa visão neutra e objetiva de seu trabalho. Ele está menos preocupado com o conteúdo de qualquer regra particular que com o fato de que seu trabalho é impor a regra. Quando as regras são alteradas, ele pune o que antes era comportamento aceitável, assim como deixa de punir o comportamento que foi legitimado por uma mudança de regras. O impositor, portanto, pode não estar interessado no conteúdo da regra como tal, mas somente no fato de que a existência da regra lhe fornece emprego, uma profissão e uma *raison d'être*. Como a imposição de certas regras fornece uma justificativa para seu modo de vida, o impositor tem dois interesses que condicionam sua atividade de imposição: primeiro, ele deve justificar a existência de sua posição; segundo deve ganhar o respeito daqueles com quem lida". (BECKER, 2008, p.161)

Ao analisarmos o trecho acima, percebemos como, de fato, a atuação mudou radicalmente após 2011, quando as regras mudaram em relação a legalidade da Marcha da Maconha após o posicionamento do STF. Interessante também trazer o discurso do Major da Polícia no "Ocuponha", que resume estas questões do ponto de vista da Polícia. Segundo ele: "Nós (a polícia) não somos seus inimigos", "buscamos evitar confrontos" e "infelizmente a lei é essa!", "quando legalizarem, fumem maconha!"

## **Capítulo 8**

### **Conclusões: O ritual como política**

Uma das questões que mais apareceram durante a Marcha da Maconha, em 2014, era se o fato das pessoas fumarem maconha durante o evento esvaziaria o sentido político da manifestação, fazendo a mesma se assemelhar mais a uma festa do que a uma manifestação. Esta, aliás, era uma crítica bastante frequente à Marcha. O uso do aparelhinho também era criticado por este motivo, pois as músicas tocadas durante a Marcha poderiam fazer a Marcha parecer mais uma festa. Contudo penso que esta é uma oposição simplista, e que o conjunto de elementos tratados neste trabalho permite propor que a Marcha seja vista tanto como festa quanto como ação política. E que esta oposição é tão simplista quanto a oposição entre a Maconha medicinal e recreativa. Creio que o lúdico, o festivo são também formas de agregação social e de fazer política, assim como o recreativo, que também pode ter poderes medicinais. Gostaria de desenvolver então nessa seção de conclusões, os nexos entre evento e política, entre cultura e política.

Fumar maconha durante a Marcha não esvazia o significado político da Marcha, mas trás à tona uma parte da cosmologia das pessoas que dela participaram, cosmologias que a meu ver podem ser representadas e objetificadas, porque não, em um baseado. Acredito então que o ato de fumar maconha na Marcha da Maconha pode sim ser político. Também penso que este ato pode ser visto como performático dentro deste contexto ritual, já que a maconha pode ser vista ali como uma forma de inferir, criar valores e experimentar intensamente o rito, até porque a maconha altera o estado de consciência, sendo este caráter subjetivo muito importante para estas pessoas, podendo até ter alguma influência na maneira como interpretam a Marcha e a realidade.

Seria então interessante observar esta questão à luz de Da Matta, que argumenta que "ritos abrangem as formas mais solenes e complicadas da verdade de um grupo, colocando em ênfase, inventando um momento especial que, no entanto, guarda com o cotidiano uma relação altamente significativa e politicamente carregada" (DA MATTA, 1979, p.33-34).

O ato de fumar maconha é crime, e foi acordado que não se poderia fumar maconha durante a Marcha, apesar disso, muitas pessoas acabaram fumando a erva durante a manifestação. Foi interessante observar como a manifestação criou um contexto único no qual a polícia não interferiu, e de certa forma acabou escoltando os usuários de maconha. Estes espaços especiais não são exclusividade da Marcha da Maconha, mas podem ser observados também em outros contextos, como o da Universidade de Brasília e outras universidades federais, como abordado em "O consumo de maconha na UnB e USP e a passividade dos Órgãos Responsáveis" (2013) de João Manoel Cunha de Andrade, o que também pude observar durante outros trabalhos que realizei sobre o tema na UnB.

No caso das Universidades Federais muito se dá devido à proteção que o local oferece em relação à polícia pelo fato da mesma não poder atuar normalmente dentro deste espaço, devido a resquícios da época da ditadura Militar, como também por ser um espaço habitado por outra classe, de classe média e estudantes. Creio que o mesmo pode acontecer também na Marcha da Maconha, que fomenta um espaço onde os atores são interpretados de outra forma do que outrora seriam em outros contextos. Não são só mais usuários, mas ativistas, que de certa forma também estão amparados pela classe média e por um discurso que legitima ali seus atos.

Estas questões me remeteram instantaneamente ao "você sabe com quem está falando? Ritual de alteridade e hierarquização à brasileira muito bem trabalhado por Da Matta (1979). Penso que a polícia sabia sim com quem estava falando, com a periferia em companhia da classe média, com ativistas, com um movimento social, e não poderia agir da forma como normalmente agiria em uma situação similar em outro contexto, como o da periferia. Ainda utilizando os argumentos do autor, seria interessante então analisar este aspecto da Marcha em comparação com o Carnaval, que segundo ele é um rito de inversão. Apesar de não

chegamos a ter um rito de inversão como o carnaval, temos certamente um momento de suspensão das normas (especialmente pela presença da periferia, pessoas que a polícia normalmente prende por portar drogas, ao contrário do que na maioria das vezes ocorre com a classe média).

Um dos exemplos que achei mais interessante para ilustrar um pouco destas questões que apareceram nestas considerações finais foi o episódio do becão. Esse baseado gigante foi confeccionado pela periferia e pela classe média, juntando assim duas classes que normalmente não interagem desta forma, foi também fumado bem próximo à polícia, demonstrando o quão especial era esse contexto socialmente construído. Por esse motivo Dani discutiu com as pessoas que fumavam o becão para não chamarem a atenção, e para irem formar a tradicional folha da Marcha, mas estes preferiam continuar fumando o becão, o que demonstra o quão diferentes poderiam ser os motivos e as formas como as pessoas da organização da Marcha e os participantes vivenciam, conceituam e interpretam a Marcha da Maconha e a maconha, além de demonstrar a autonomia de ação dos indivíduos nesta manifestação.

Apesar de cometer o erro de não ter perguntado diretamente o que significa fumar maconha na Marcha para os manifestantes, se era diferente fumar naquele contexto, me arrisco a afirmar que, de fato, o ato de fumar também pode ser visto como político. Uma pessoa já rotulada, que sai da periferia da cidade para ir a uma manifestação fumar maconha em frente ao Congresso, ao lado da polícia, enquanto se afirma e faz provocações para seus algozes, tem sim um significado político.

Da mesma forma, é interessante pontuar mais uma vez, a questão de como os organizadores e as pessoas que participaram da Marcha podem vivenciar e conceituar a Marcha de forma muito diferente. Creio que muito destas diferentes formas de ver a Marcha são oriundos das diferentes trajetórias biográficas destes atores, do contexto de origem e no qual estão inseridos. Ao perguntar a alguns manifestantes o porquê de estarem na Marcha da Maconha, obtive respostas que poderiam ser bem diferentes, como: "(agente) quer que legaliza, fumar né? Nois gosta, é bom demais!" como disse um grupo de jovens. Já um jovem disse: "(que

estava na Marcha) porque gosta da maconha!". Já outras pessoas elaboraram respostas que tem paralelos com o discurso oficial da Marcha, como este rapaz:

"Pô brother, tô na Marcha da Maconha esse ano para ver se legaliza, porque acho uma discriminação de toda parte, de todo mundo na verdade, não só aqui do Brasil, mas principalmente aqui no Brasil, que a galera tem a mente aberta para muitas coisas e não para a maconha. Aham que quem fuma maconha é marginal, quem fuma maconha é bandido, e não é assim. Acho que devia legalizar, que desta forma cada um poderia plantar e não haveria o tráfico e muita menos morte, e o governo lucraria com isso, que é muita gente que fuma".

O que demonstra bem o quanto os motivos para as pessoas comparecerem a Marcha podiam ser diferentes. Outro aspecto interessante de se pontuar foi a adesão das pessoas ao debate organizado no museu após a Marcha, a baixa adesão pode demonstrar como a maioria das pessoas que participaram da Marcha não estavam interessadas em discussões, debates e discursos mais institucionalizados, mas que na verdade estavam ali para ir ao evento, socializar, fumar maconha e se expressar, o que pode também reforçar essas diferentes formas entre organizadores e participantes verem a Marcha da Maconha e as questões que envolvem a Maconha e outras drogas.

A presença da periferia foi também muito marcante durante esta edição da Marcha, os organizadores se orgulhavam em dizer que a Marcha era um dos movimentos sociais que mais conseguiam mobilizar a periferia, coisa que outros movimentos tentaram mas não conseguiram. Soube posteriormente que até bondes<sup>43</sup> foram marcados pela *internet* para levar as pessoas da periferia para a Marcha. Como uma das organizadoras me disse durante uma entrevista, antes a maioria das pessoas que iam a Marcha eram de classe média, muitas relacionadas à UnB, mas durante as últimas Marchas a periferia vem marcando cada vez mais presença. Penso que muitas das pessoas tomaram conhecimento da Marcha através das outras edições e de amigos que já vieram em edições passadas, e principalmente através das divulgações realizadas pela internet, mais especificamente pelo *facebook*.

Durante a Marcha da Maconha 2014 foi interessante observar então este contraste de classes e consequentemente de cor. Interessante pensar por que a

---

<sup>43</sup> Gíria que neste contexto significa um grupo de pessoas que marcaram para irem à Marcha juntos, de carona ou mesmo de ônibus.

periferia compareceu em peso a manifestação. Creio que não foi pelo fato de algumas das reuniões serem na periferia, mas por este grupo de pessoas terem total relação com a pauta do movimento, de serem eles um dos mais afetados pela atual política de drogas e principalmente pela atuação da polícia.

Interessante que, apesar de ser um movimento que une as diferentes classes sociais e grupos, era possível perceber sutis manutenções de fronteiras entre grupos. Como um colaborador meu me avisou durante a Marcha, me parecia que à frente estavam as pessoas oriundas da classe média, e que ao fundo da marcha estava a periferia, esta segregação era visível não só pela estética, como roupas e outros símbolos, mais também pela cor da pele dos manifestantes da periferia, grande maioria negra, e por diferentes grupos, que muitas vezes não se misturavam. Interessante também pontuar o episódio do becão, percebe-se que quando a periferia se apropriou do becão muitas das pessoas da classe média se afastaram, sendo nítido que nas derradeiras tragadas no becão as pessoas que o fumavam eram na grande maioria negras e da periferia. Seria interessante acompanhar então como se dará essa coexistência de classes durante as próximas Marchas. Mas vale pontuar que apesar destas segregações a Marcha da Maconha tem uma dimensão bastante significativa em relação ao fato de ser um espaço de convivência e participação conjunta de segmentos sociais bastante distintos, de forma horizontalizada. Creio que o fato de todos estarem ali em torno de uma bandeira comum, que é a maconha, e do evento ter esta dimensão festiva favorece o rompimento de barreiras, a aproximação e a troca. O lúdico e o político se conjugam em favor de uma luta de uma causa comum, superando a desconfiança e o medo da distância social, da prevalência dos rótulos de classe estigmatizantes. Esse campo de interação horizontal e democrático é animador pois ultrapassa os objetivos diretos da Marcha, e também pelo fato de ser algo diferente, já que cada vez mais na sociedade brasileira contemporânea, e em outras manifestações, há certa polarização de segmentos sociais distintos.

Muitos dos projetos expressos na Marcha já haviam sido abordados durante as comissões no Congresso Nacional, mas a Marcha acabou por demonstrar esses projetos de outra forma, não no espaço do Congresso, legitimamente político, mas na rua, expressando ali sua cosmologia, o que não faz a

Marcha ter um caráter menos político. Aliás, este é um dos aspectos mais importantes dos movimentos sociais pós década de 70, o nexó entre cultura e política, que segundo Evelina Dagnino se relaciona diretamente com a ideia de uma nova forma de cidadania. Segundo Dagnino (1994):

"Três elementos inter-relacionados que pavimentam o terreno da noção de cidadania - sua vinculação à experiência dos movimentos sociais, à construção democrática e seu aprofundamento, e o nexó construtivo entre cultura e política que, do meu ponto de vista, caracteriza essa noção". (DAGNINO, 1994, p.107)

Segundo a autora, este nexó, esta forma de cidadania, é também uma forma de estratégia política calcada pelos movimentos sociais através de práticas concretas de luta e pela sua contínua transformação. Esta nova forma de cidadania se difere também da concepção de cidadania do direito liberal, não se limitando a conquistas legais ou acesso a direitos já definidos, mas a criação e invenção de novos direitos que emergem das lutas específicas de cada movimento, de sua prática empírica. Logo esta nova concepção de cidadania está relacionada também a concepção de direitos, e não só o direito a igualdade mais também os direitos a diferença. Segundo Dagnino (1994):

"A nova cidadania requer (e até é pensada como sendo esse processo) a constituição de sujeitos sociais ativos, definindo o eles consideram ser os direitos e lutando pelo seu reconhecimento. Nesse sentido, ela é uma estratégia dos não cidadãos, dos excluídos, uma cidadania de 'baixo para cima'. (DAGNINO, 1994, p.109)

Ainda segundo Dagnino:

"O processo de construção da cidadania enquanto afirmação e reconhecimento de direitos é, especialmente na sociedade brasileira, um processo de transformação das práticas sociais enraizadas na sociedade como um todo. Um processo de aprendizado social, de construção de novas formas de relação, que inclui de um lado, evidentemente, a constituição de cidadãos enquanto sujeitos sociais ativos, mas também, de outro lado, para a sociedade como um todo, um aprendizado de convivência com esses cidadãos emergentes que recusam permanecer nos lugares que foram definidos socialmente e culturalmente para eles. Isso supõe uma 'reforma intelectual e moral'. (DAGNINO, 1994, p. 109)

Estes movimentos sociais, entre os quais a Marcha da Maconha se inclui, são formas de explicitar novas culturas políticas e de construir novas noções de cidadania e também de democracia. Observar estes movimentos assim como propôs Durham, citada por Simião (2000, p. 69), elaborando uma análise cultural, "que leve em conta as características internas e irreduzíveis dos movimentos por um viés político, e que busque sua relação com o estado e outros agentes da sociedade civil"

é interessante pois demonstra exatamente esta vinculação entre política e cultura, que caracteriza estes movimentos como ampliadores do campo político. Segundo Simião (2000):

"Assim como estes movimentos podem ser pensados em espaços que se constroem novos sujeitos sociais (...) que ao reivindicarem o direito de serem vistos de outra maneira pela sociedade, dão um largo passo na direção de uma sociedade realmente democrática e participativa". (SIMIÃO, 2000, p.70-71).

Outro ponto que também se mostrou bem evidente na Marcha foi a presença de muitos jovens e menores, o que também gerou muitas controvérsias entre os organizadores e pessoas que participaram do evento. Apesar de que muitos destes serem ainda bastante jovens, penso que o espaço criado pela Marcha da Maconha é também um aprendizado para alguns jovens em relação a participação em movimentos sociais e na política, e também em um espaço de sociabilidade com outras gerações e pessoas diferentes. A Marcha pode ser vista também como uma forma de expressão e constituição de subjetividades juvenis. Interessante pontuar que durante o campo alguns dos organizadores originários me contaram que quando participaram da Marcha pela primeira vez ainda eram menores de idade. Vale lembrar que um dos argumentos usados pelo deputado Paulo Teixeira no Ocuponha, foi exatamente a necessidade de aproximar os jovens da cidadania, e que o fato de participar desta discussão é também uma forma dele se aproximar dos jovens, de aproximar a política da juventude. Apesar disso não vi o deputado posteriormente, nem mesmo nos debates no Congresso Nacional.

Apesar de pessoalmente não concordar completamente com alguns pontos, creio que o que realmente importa é que o movimento social Marcha da Maconha tem sim um grande potencial político. O movimento também tem influência direta na discussão da regulamentação da maconha que vem acontecendo no Brasil, não só para fins recreativos, mas também para fins medicinais. A Marcha pode ser vista como uma oportunidade única dos participantes expressarem sua cultura e cosmologia de maneira mais livre. Vale pontuar que estas ações são oriundas de vários outros atores, tanto independentes, como coletivos e organizações que em um movimento global se articulam para acabar com a guerra as drogas, algo que sinceramente não sei se está tão próximo ao menos no Brasil, como podemos observar nos conflitos de projetos no Congresso Nacional. Penso



também que este é um movimento que faz parte de novas criações políticas, e que apesar dos desafios que estão por vir, uma das características mais importantes do movimento e que até então não havia pontuado, é a questão da fé que estes atores tem na sua causa. Eles realmente acreditam que estão bem próximos da legalização da maconha, que a vitória sobre os proibicionistas se dará em breve e não será por acidente (parafraseando os ativistas). Creio que com tanta fé este movimento pode sim chegar longe, e ter ainda mais influência no que tange as discussões e políticas envolvendo a maconha e outras drogas.

## Referências Bibliográficas:

- ANDRADE, João Manuel Cunha de. O consumo de maconha na UnB e USP e a passividade dos Órgãos Responsáveis. 2013
- BECKER, Howard S. 2008 [1963]. Outsiders. Estudos de sociologia do desvio. Rio de Janeiro: Zahar. 232pp
- CAMPOS, Natalia. Militância e Mobilização antiproibicionista da maconha: Coletivos, eventos e Marchas em Natal (RN). 2013
- CARDOSO, Ruth. A trajetória dos movimentos sociais. In: DAGNINO, Evelina (Org.). Os anos 90: política e sociedade no Brasil. São Paulo: Brasiliense. p. 81-90. 1994
- CHAVES, Christine de Alencar. A Marcha Nacional dos Sem-Terra : Estudo de um ritual político. In: PEIRANO, Mariza (Org.). Dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais. 2002
- DAGNINO, Evelina. Os movimentos sociais e a emergência de uma nova noção de cidadania. In: DAGNINO, Evelina (Org.). Os anos 90: política e sociedade no Brasil. São Paulo, Brasiliense. p.103-115. 1994
- DA MATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis. Rio de Janeiro: Zahar, 1979
- DAWSEY, John. Victor Turner e a antropologia da experiência. 2005
- \_\_\_\_\_.Turner, Benjamim e Antropologia da Performance: O lugar olhado (e ouvido) das coisas. *Revista Campos*, v.7, n.2, 2006.
- GOFFMAN, Erving. Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Rio de Janeiro, 4ª ed.: Ed.LCT, 1998
- MACRAE, Edward; SIMÕES, Júlio. Rodas de fumo: o uso da maconha entre camadas médias urbanas. Salvador, Editora da Universidade Federal da Bahia, 2000 (2a. edição, 2004).
- MAGNANI, José Guilherme Cantor. Os circuitos dos jovens urbanos. *Tempo Social*, revista de sociologia da USP, v. 17, n. 2. 2005
- MUNDIM, Pedro Santos. Das rodas de fumo à esfera pública: o discurso da legalização da maconha nas músicas do Planet Hemp. Belo Horizonte, 2004.
- OLIVEIRA, Isabela. Santo Daime: Um sacramento vivo, uma religião em formação. 2007.
- PEIRANO, Mariza. A análise antropológica de rituais. Mariza (Org.). Dito e o Feito: ensaios de antropologia dos rituais. 2002
- \_\_\_\_\_.Rituais ontem e hoje. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003

\_\_\_\_\_.Temas ou Teorias? O estatuto das noções de ritual e de performance. *Revista Campos*, v.7, n.2, 2006.

PICCOLO, Fernanda. Particularidades e generalizações: reflexão a partir de uma pesquisa urbana entre usuários de drogas em Porto Alegre. In *Pesquisas urbanas: Desafios do trabalho antropológico*. Gilberto Velho e Karina Kushnir (orgs.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003

POLICARPO, Frederico. O usuário e a nova lei de drogas: apontamentos preliminares para a pesquisa. *Anais da 26ª reunião de Antropologia*, Porto Seguro Bahia, 2008.

RABELO, Danilo. "Rastafári: Identidade e hibridismo cultural na Jamaica, 1930-1981" (2006)

ROBINSON, Rowan. O grande Livro da *Cannabis*: guia completo de seu uso industrial, medicinal e ambiental. Tradução: Maria Luiza X. De A. Borges. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.135p.

SAAD, Luísa Gonçalves. "FUMO DE NEGRO": A CRIMINALIZAÇÃO DA MACONHA NO BRASIL (c. 1890-1932) 2013

SIMIÃO, Daniel. "O pulo do sapo: gênero e a conquista da cidadania em grupos populares" (2000).

TURNER, Victor W. O Processo Ritual: estrutura e anti-estrutura: tradução de Nancy Campi de Castro. Petrópolis, Vozes, 1974

VELHO, Gilberto. Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

\_\_\_\_\_. Nobres e Anjos: um estudo sobre tóxicos e hierarquia. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998

\_\_\_\_\_. O consumo de *Cannabis* e suas representações culturais: 1º simpósio carioca de estudos sobre a maconha. In *Maconha em debate*. Org. Maria Sabina. Ed. Brasiliense. 2ed, 1985.

\_\_\_\_\_. Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas. Capa. Gilberto Velho. J. Zahar Editor, 1994

VIDAL, Sergio. Da diamba à maconha: usos e abusos da *Cannabis* sativa e da sua proibição no Brasil. *Boletim Drogas e Violência no Campo*. Ano 4 nº 11, (2008).

\_\_\_\_\_. Falta alguma coisa na história da maconha no Brasil e no mundo?, European Coalition for Just and Effective Drug Policies (ENCOD), (2008).

